

10 ANOS

REVISTA

PUCMinas

ISSN 2525-4731

nº 22

Segundo semestre de 2020

# IMPACTOS DA PANDEMIA

As lições e consequências do novo coronavírus para áreas como a educação, trabalho e comportamento, entre outras



## MAIS:

Como a Universidade se reinventou para enfrentar este difícil ano de 2020

Mais de 20 anos de  
experiência em EAD.



## PÓS PUC MINAS VIRTUAL

[ ESSA ESCOLHA DÁ FUTURO ]

**Especialização nas áreas de**  
Comunicação, Economia, Educação, Direito,  
Engenharia, Gestão, Letras, Meio Ambiente,  
Saúde e TI



Inscrições pelo  
[pucminas.br/pos](https://pucminas.br/pos)

Provas on-line  
100%  
A DISTÂNCIA

  
PUC Minas  
Virtual

ISSN 2525-4731  
revista **PUCMINAS**

Grão-chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo  
Reitor: Prof. Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães  
Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Paulo Roberto de Sousa  
Pró-reitores: Profª Maria Inês Martins (Graduação)  
Prof. Sérgio de Moraes Hanriot (Pesquisa e de Pós-graduação)  
Prof. Wanderley Chieppe Felipe (Extensão)  
Prof. Paulo Sérgio Gontijo do Carmo (Gestão Financeira)  
Prof. Rômulo Albertini Rigueira (Logística e Infraestrutura)  
Prof. Sérgio Silveira Martins (Recursos Humanos)  
Secretário de Comunicação: Prof. Mozahir Salomão Bruck  
Secretária de Cultura e Assuntos Comunitários: Profª Maria Beatriz Rocha Cardoso  
Secretário Geral: Prof. Ronaldo Rajão Santiago  
Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Prof. Carlos Barreto Ribas

### Expediente

Secretário de Comunicação: Prof. Mozahir Salomão Bruck  
Edição: Marisa Cardoso  
Reportagem: Beatriz Reis (Poços de Caldas)  
Bruna Santos Vida (São Gabriel)  
Felipe Caixeta (Diretoria de Educação Continuada)  
Fernando Ávila (Proex)  
Júlia Mascarenhas (Praça da Liberdade)  
Leandro Felicíssimo (Coração Eucarístico)  
Livia Arcanjo (Coração Eucarístico)  
Luiza Rocha (Praça da Liberdade)  
Michelle Stammel (Coração Eucarístico)  
Lorena Scafutto (Betim)  
Rafaela Rodrigues (PUC Minas Virtual)  
Valéria Prochnow (Diretoria de Educação Continuada)  
Fotografia: Bruno Timóteo e Raphael Calixto  
Capa: Quinho  
Projeto gráfico e direção de arte: Brava Design (Janette Sá e Junius Vilela)  
Diagramação: Brava Design

### Colaboraram nesta edição\*

Raphael Calixto



#### Maria da Consolação Gomes de Castro

A chefe do Departamento e coordenadora do colegiado do Curso de Serviço Social reflete sobre as patologias e abismos sociais que ficaram ainda mais evidentes durante a pandemia. Em seu artigo, nas **páginas 36 e 37**, a professora Maria da Consolação Gomes de Castro alerta para a necessidade de as pessoas refletirem sobre qual sociedade elas querem construir e ressignificarem o modo de vida, individual e coletivo, visando o bem comum. E reforça a importância do papel do Estado para garantir o bem-estar da população.

Raphael Calixto



#### Amanda Oliveira

A psicóloga e professora do Curso de Pós-graduação em Psicologia: Terapia Cognitivo-Comportamental da PUC Minas é mestre em Neurociências e disserta, em artigo nas **páginas 74 e 75**, sobre como a pandemia de Covid-19 impactou o processo habitual do luto, alterando o ritual de despedida com velórios fechados e limitando a rede de apoio da presença física com a necessidade do isolamento social. Amanda ressalta que é preciso reconhecer o impacto das mudanças advindas da pandemia neste ritual social e construir espaços de escuta e acolhimento no sistema de saúde que suporte esta demanda.

\*A Revista PUC Minas não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores nos artigos assinados.



PUC Minas

Tendo como missão o desenvolvimento humano e social de alunos, professores, funcionários e comunidades, a PUC Minas, fundada em 1958, tem buscado contribuir para a formação ética e solidária de profissionais competentes, humana e cientificamente, mediante a produção e disseminação de conhecimento, arte e cultura. Oferece 118 cursos, incluindo os de graduação presencial, a distância e superior de tecnologia; 654 de pós-graduação *lato sensu*; e 29 de pós-graduação *stricto sensu*.

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 | Coração Eucarístico | Belo Horizonte | MG  
CEP 30.535-901 - imprensa@pucminas.br | pucminas.br

PAG.  
8**6 e 7 – Diálogos**

**8 – Entrevista I** A professora e pesquisadora Cícilia Krohling Peruzzo destaca a necessidade do estímulo à pesquisa na graduação

**12 – 300 anos I** Ao completar três séculos, Minas Gerais tem como um dos grandes desafios a exploração responsável de minérios

**17 – Saúde I** Iniciativa leva ações de prevenção da Covid-19 e outras doenças a instituições que acolhem idosos

**18 – Marketing I** Tese aponta a perversidade dos mecanismos de concessão de crédito a idosos

**24 – Pesquisa I** Alfices comercializadas em supermercados e sacolões, em Betim, têm qualidade higiênica insatisfatória

**26 – Nutrição I** Mais da metade da população de BH e RMBH ganhou peso durante isolamento social, indica pesquisa

**29 – Ensino I** Jogo didático auxilia deficientes visuais a aprenderem sobre parasitoses intestinais

**30 – Memória I** Como a Universidade se reinventou para enfrentar os desafios da pandemia

**35 – Medicina I** PUC Minas investe R\$1,2 milhão em equipamentos e unidades de saúde em Poços de Caldas

**36 – Ciências Gerenciais I** Ações de gestão auxiliam empreendedores a enfrentarem as dificuldades impostas pela pandemia

**38 – Artigo I** A relevância do papel do Estado em sociedades desiguais

**40 – Especial I** Uma reflexão sobre as lições da pandemia de Covid-19 em áreas como trabalho, educação, comportamento e sustentabilidade

**48 – Consumo I** As mudanças de hábito na área provocadas pela pandemia

**51 – Pesquisa I** Atlas e livro apresentam o impacto da pandemia nas migrações internacionais

**52 – Integração Social I** Projeto se alia a instituições para dar suporte a migrantes e refugiados

**56 – Micronotícias**

**58 – Extensão I** Iniciativas mostram a associação de inovação e tecnologia aos projetos extensionistas

**61 – Tecnologia I** Departamento de Ciência da Computação, em Poços, cria Observatório de *Fake News*

PAG.  
62

Raphael Calixto



**62 – Extensão I** Curso de Medicina em Contagem promove ações de conscientização sobre saúde feminina

**64 – Regime Letivo Remoto** Universidade capacita professores para dominarem potencialidades do ambiente virtual

**67 – Ciências da Religião I** Programa produz conteúdo de ensino religioso para a rede pública estadual

**70 – Cultura I** Concursos culturais estimulam a criatividade no ambiente acadêmico

**72 – Arquitetura e Urbanismo I** Projeto utiliza a realidade virtual como meio de investigação de feiras em espaços públicos

**74 – Artigo I** Isolamento social alterou os rituais fúnebres, impedindo a rede de apoio física

**76 – Espaço do Jornal Marco I** Pandemia intensifica uso de telas por crianças

**78 – Memória Viva I** Escola superior de Cinema foi pioneira no país

PAG.  
40**Cuidado e superação**

Esta é a segunda edição da **Revista PUC Minas** ainda sob a presença tão preocupante e ameaçadora da pandemia do coronavírus. Consideramos, portanto, para este número buscar ouvir especialistas e pesquisadores de distintas áreas que nos ajudem a refletir sobre os caminhos do mundo pós-pandemia. Muita coisa já mudou. Muita coisa vai mudar. E a certeza de que a defesa da vida e a centralidade da valorização da pessoa, em todas as dimensões, devem prevalecer como sentido dos caminhos que tomaremos. E é também no contexto da Covid-19, que já matou mais de 1 milhão e 300 mil pessoas no mundo (até novembro de 2020), sendo que mais de 10% dessas mortes ocorreram no Brasil, que trazemos a entrevista com a pesquisadora Cícilia Krohling Peruzzo. Valorizar a ciência e a pesquisa nunca foi tão urgente e necessário. A pesquisa, que pode mesmo ser um gesto prazeroso, mostra-se essencial para enfrentar a sanha negacionista que, muitas vezes, chega a ser criminosa, principalmente quando expressa por governantes. E também nesta edição, como a PUC Minas tem atuado de modo efetivo e estratégico para, mesmo diante de um cenário tão restritivo e de excepcionalidades, garantir aos seus milhares de alunos da graduação e pós-graduação a manutenção de uma formação de qualidade, com toda a atenção necessária à preservação da saúde física e mental da comunidade acadêmica.

**Prof. Mozahir Salomão Bruck**  
Secretário de Comunicação

## LIÇÕES DA PANDEMIA



Gilberto Alves

“Urgente é, pois, superar compreensões que apreendem o mundo, seus elementos e criaturas como propriedades humanas, a serem exploradas, consumidas”

**Dom Walmor Oliveira de Azevedo**  
Grão-chanceler da PUC Minas  
Arcebispo metropolitano de Belo Horizonte  
Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

equilíbrio que sustenta todos nós e toda a trama da vida. Pela dor da pandemia, somos convocados a retomar a lucidez, percebendo que o ser humano não é proprietário ou patrão, mas parte da rede interligada de seres vivos interdependentes que habitam a Terra.

De certo modo, a pandemia impôs um colapso nesse sistema econômico que, ao mesmo tempo, exaure os recursos naturais e as forças humanas. Um sistema onde coexistem a exploração predatória e a competição sem limites. Brote, pois, dessa dor provocada pela doença uma esperança: a civilização contemporânea encontrará novos modelos de produção e consumo mais coerentes com os princípios inegociáveis que regem a vida, tudo deve se relacionar em harmonia e cooperação.

A esperança não seja perdida, pois o ser humano é capaz de mudar, renovar-se e, assim, vencer adversidades. A súplica dedicada a Deus por um tempo novo converta-se também em efetivas atitudes para transformações pessoais, de hábitos. As relações sociais sejam orientadas pelo irrestrito respeito ao próximo e ao planeta. Eis o caminho capaz de curar a humanidade e de evitar novas pandemias. Permaneça em nosso coração esta certeza partilhada pelo Papa Francisco, em mensagem publicada no Dia Mundial de Oração pela Criação 2020: “Alegremo-nos porque o Criador, no seu amor, sustenta os nossos humildes esforços em prol da Terra”.

“**E**nvias teu Espírito e renovas a face da Terra” — uma bonita súplica a Deus, ensinada pelo salmista, para modular o coração humano neste tempo desafiador, de pandemia, com seus desdobramentos sociais e econômicos. Cada lágrima de dor, de luto, é uma súplica, oração silenciosa a Deus para que envie seu Espírito e cure a humanidade das suas feridas. É preciso estar aberto à ação amorosa de Deus, reconhecer-se colaborador na obra da Criação e superar visões distorcidas da realidade. Assim, o ser humano poderá ser capaz de construir um novo tempo, a partir dos muitos aprendizados que emergem da dolorosa experiência deste tempo de pandemia.

Evidências apontam que a Covid-19 e tantos outros males são consequências de um desequilíbrio ecológico provocado pela humanidade. O ser humano esqueceu-se de que é parte de um todo, integrante de uma família que habita a Casa Comum. Lembra-nos o Papa Francisco, na sua Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado com a Casa Comum, “que todos nós, seres humanos, caminhemos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra”.

Urgente é, pois, superar compreensões que apreendem o mundo, seus elementos e criaturas como propriedades humanas, a serem exploradas, consumidas. Trata-se de atitude que adoce as relações com o planeta e com o próprio semelhante, gerando, conseqüentemente, uma humanidade enferma. Sem a convivência harmoniosa com o outro, que é irmão, e com cada elemento que integra a Casa Comum, perde-se o essencial

## CORAGEM PARA VIVER E ATUAR NO MUNDO



Raphael Calixto

**A**PUC Minas tem se dedicado durante todo este ano de 2020, de modo intenso, desde a adoção do regime letivo remoto, a garantir aos seus alunos da graduação e pós-graduação a necessária qualidade na formação. Para tal, os docentes e funcionários técnico-administrativos se desdobraram para constituir soluções eficientes e inteligentes, de modo que tanto as aulas teóricas quanto as chamadas competências técnicas sigam sem sofrer prejuízos efetivos à qualidade, no ensino, na pesquisa e na extensão, tão própria de nossa Universidade.

Certamente, o regime remoto não substitui as dinâmicas presenciais, bem sabemos disso. Mas, por outro lado, com o empenho e dedicação de professores e engajamento efetivo dos alunos, foi possível evitar que os cursos parassem. Pelo contrário, docentes e discentes, entendendo o grave e histórico cenário que vivemos, se desdobraram para dar seguimento às atividades acadêmicas. Na medida em que tem sido possível, a Universidade tem retomado, de modo controlado e parcimonioso, e com a necessária permissão das autoridades públi-

“É preciso que não nos deixemos, primeiramente, desanimar pela complexidade e tantos impedimentos e adiamentos que nos têm sido colocados por essa pandemia”

**Professor Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães**  
Reitor da PUC Minas  
Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte

cas, a oferta presencial de competências técnicas em laboratórios e clínicas. Para isso, a PUC Minas tem se valido de protocolos rigorosos de controle epidemiológico e de sanitização. O cuidado com a segurança de todos e de cada um tem sido e continuará sendo nosso critério primeiro em termos das decisões e encaminhamentos.

A **Revista PUC Minas**, nesta edição, abre suas páginas para também discutir o contexto tão preocupante da pandemia e busca, ao tentar perscrutar o que depois dele se seguirá, perceber os cenários possíveis da chamada pós-pandemia. Os caminhos que a vida social, familiar, profissional, educacional, cultural, afetiva e espiritual de cada um de nós já está tomando e seguirá após esse momento tão dramático e constrangedor para nossa subjetividade e a vida coletiva.

E, por isso mesmo, por meio deste breve texto, endereço aos leitores de nossa revista uma palavra de estímulo, mas também de reflexão: é preciso que não nos deixemos, primeiramente, desanimar pela complexidade e tantos impedimentos e adiamentos que nos têm sido colocados por essa pandemia. E, também, devemos seguir em frente, de modo animado (com toda a força de nossa alma), construindo as alternativas possíveis para que os estudantes prossigam em sua formação — objetivo a que os cursos estão totalmente dedicados.

Vem de nossa teologia, de um grande teólogo brasileiro, uma visão muito contemporânea, para nos ajudar a definir o que é ser cristão na atualidade: o cristão se define pela coragem com que ele vive e atua no mundo. Sejamos, portanto, coragem e luz para um mundo tão atravessado por desafios e perdas e saibamos cativar e exercer, inspirados na fé e no profundo amor ao próximo, o sentido da reconstrução.

ENTREVISTA | CÍCILIA KROHLING PERUZZO

# FAZER PESQUISA PODE – E DEVE – SER PRAZEROSO

A pesquisadora fala da importância de se desenvolver o espírito científico na graduação | **Marisa Cardoso**

Fotos: Cicero Rodrigues



**R**eferência nacional e latino-americana em comunicação popular, alternativa e comunitária, a professora e pesquisadora Cícilia Krohling Peruzzo dedicou boa parte da sua vida acadêmica a estudar e apontar caminhos de sua área de atuação a serviço da construção da cidadania.

Natural de Santa Maria, no Espírito Santo, Cícilia, que é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, reside na capital paulista, é professora visitante do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Braga, em Portugal.

A pesquisadora dirigiu importantes entidades da sua área de atuação, entre elas a presidência da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom. É autora dos livros *Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista*; *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*; e *Televisão Comunitária: a participação cidadã na mídia local*. Publicou também diversos artigos em revistas nacionais e no exterior e organizou várias coletâneas de comunicação.

Uma dessas coletâneas mais recentes é o livro *Arte y Oficio de la Investigación Científica: cuestiones epistemológicas y metodológicas*, organizado juntamente com o pesquisador mexicano Jorge A. González, com apoio do Ciespal, o Centro Internacional de Estudos Superiores para a América Latina. Nesta entrevista, Cícilia Krohling fala sobre essa obra, que, como dizem os organizadores, pretende chamar a atenção para o fato de que a investigação científica não é algo apenas extremamente técnico, aborrecido e assunto de pessoas excêntricas. Ao contrário: apesar de exigir esforço, dedicação, seriedade e técnica, a pesquisa pode e deve ser prazerosa.

.....

*Além da falta de recursos, quais os principais desafios de se fazer pesquisa hoje no Brasil?*

A escassez de recursos para a pesquisa científica tem aumentado ano a ano no Brasil, o que realmente afeta ainda mais a área das ciências sociais aplicadas devido a sua participação ser historicamente menor na distribuição dos recursos pelas agências de fomento. Desse modo, um dos desafios é ampliar a participação nas verbas mediante a apresentação crescente de propostas relevantes de pesquisa, evidenciando a importância dessa área para a sociedade. Mas, outros desafios à pesquisa no Brasil são, por um lado, o seu reconhecimento público como estratégia de desenvolvimento da Nação, para que possa corresponder às necessidades de conhecimento capazes de subsidiar políticas públicas de interesse social. Por outro lado, outro desafio estratégico é desenvolver o espírito científico nas universidades que, pelo menos no campo da Comunicação Social, privilegia o ensino profissional em detrimento da pesquisa e da extensão.

*Seu livro Arte y Oficio de la investigación científica: cuestiones epistemológicas e metodológicas, organizado juntamente com Jorge González, defende que a investigação científica pode ser prazerosa e criativa. O atual modelo de formação universitária no país contribui para esta percepção do jovem pesquisador?*

Pelo que conheço, o atual modelo de formação universitária nos cursos de graduação, com raras exceções, age na direção contrária dessa premissa. Além de pouco incentivar a pesquisa científica, menospreza a formação em métodos e técnicas de pesquisa científica, além de transmitir uma visão parcial da mesma como algo “chato”, porque é metódico, e que não “dá emprego”, leia-se dinheiro. Os métodos e técnicas são a base da pesquisa científica, a diversidade deles permite escolhas segundo as problemáticas e os objetivos com os quais se trabalha. Quando as escolhas objetivas são feitas segundo o interesse de quem investiga em conhecer um fenômeno, e não por imposição de alguém, a investigação científica agrega o fator curiosidade com mais clareza, tornando a pesquisa algo prazeroso, algo que se faz com gosto e interesse pela possível descoberta. Por outro lado, a criatividade é o bálsamo da pesquisa científica, pois inspira o novo, novos achados e (re)criações metodológicas.

*Essa obra defende, ainda, que a pesquisa não deve ser algo individualizado e voltado para a interioridade do cientista, mas resultado de uma coletividade. O trabalho individualizado é uma cultura no Brasil e na América Latina como um todo?*

O trabalho individualizado de pesquisa faz parte da cultura científica em diferentes países

e continentes, portanto não é algo específico do Brasil e de outros países latinos. É um processo decorrente, às vezes, da falta de condições na formação de grupos de pesquisa, bem como das especificidades objetivas que não despertam o encantamento de co-realizadores dependendo do ambiente acadêmico que se insere o pesquisador(a). Contudo, em outra perspectiva, há um clima no mundo acadêmico que favorece a individualização da pesquisa. Constroem-se ao longo do tempo visões epistemológicas da ciência que a toma como algo centrado no(a) pesquisador(a) em razão de sua capacidade racional de “ver” e entender o objeto estudado e assim chegar ao conhecimento – vertente epistemológica apriorística, ou que se chega ao conhecimento por meio da aplicação de métodos e técnicas científicas objetivas capazes de “descobrir” o conhecimento contido do objeto, vertente ligada ao empirismo. Essas visões têm o potencial de inspirar a geração de “obeliscos” do saber, seja pela competência da razão ou pelo domínio do saber técnico-metodológico, em torno dos quais os aspirantes a esse status circulam. Nesse cenário há competição declarada ou velada e/ou circula o medo de que alguém possa “roubar” ideias, o que vai favorecendo a reprodução das lógicas de isolamento. Processo bastante comum que atinge estudantes de mestrado e doutorado. Há um descompasso nesse sentido nas práticas de certos grupos de pesquisa, em nível internacional, quando as lideranças são centralizadoras, para não dizer dominantes, e não favorecem a formação de “comunidades” de investigação colaborativas em condições de igualdade. Agrega-se a tudo isso, as políticas universitárias dos programas de pós-graduação e das agências de fomento à pesquisa quando impositivas de padrões temáticos e de níveis de produção e difusão científica que vão alimentando mecanismos competitivos entre pesquisadores e entre instituições.

O livro *Arte e Ofício da Investigação Científica*, que organizei junto com o pesquisador mexicano Jorge González, procura mostrar que há outros modos e caminhos para se avançar na pesquisa

científica, com rigor sim, mas com leveza e de modo criativo. Podemos produzir conhecimento mais e melhor mexendo com a cultura científica impregnada dos aspectos antes discutidos, de modo a criar uma nova cultura científica, aquela que reconhece o trabalho investigativo cooperativo entre *nosotros*, em cujo processo é possível haver cooperação e partilha de saberes -sempre em construção – em benefício de todos.

*Você menciona no seu artigo, nesta obra, que há um modo próprio de ver e conceber a ciência e de gerar conhecimento científico na América Latina, desde as últimas quatro décadas do século passado. Qual seria esse método e quais os benefícios para a comunidade investigada?*

Eu me referi à pesquisa participante que tem vários matizes metodológicos, entre eles a pesquisa-ação participativa, que representou uma opção político-científica de colocar a ciência a serviço dos grupos populares e do interesse público. A pesquisa-ação é um tipo de investigação que pressupõe a participação dos investigadores no processo de planejamento e realização da pesquisa. Permite reconhecer o ambiente pesquisado como “sujeito” e não mero objeto, além de favorecer a geração e partilha do conhecimento durante todo o processo de pesquisa, portanto, não restrito à divulgação dos resultados quando ela é concluída. É o tipo de pesquisa que reconhece a possibilidade de construção do conhecimento na relação sujeito-objeto-sujeito. Não defende a neutralidade, mas é rigorosa e capaz de gerar conhecimento científico assim como outros métodos igualmente válidos.

*Essa forma de se fazer pesquisa é diferente em outros continentes?*

Não domino a informação capaz de generalizar sobre as práticas de pesquisa-ação em outros continentes, mas existe boa bibliografia internacional sobre essa modalidade de pesquisa, o que pode ser um indicativo de que não se trata de um tipo de pesquisa característico da América Latina. O que eu tentei mostrar no capítulo a que se referiu é que a pesquisa-ação ganhou ampla repercus-

são na América Latina em determinado período histórico e que construiu todo um arcabouço teórico e metódico que a coloca num patamar de pesquisa capaz de gerar conhecimento de terceira geração, um nível elevado de interpretação da realidade comprometido com as transformações sociais. Contudo, é bom que se tenha claro que a pesquisa participante, por exemplo, na modalidade observação participante, nasceu, pelo que registra a bibliografia que aqui circula, na Europa, bem como outras vertentes metodológicas da pesquisa-ação.

*Em que medida esta pandemia do coronavírus evidenciou ainda mais a necessidade de se trabalhar em rede na pesquisa para produzir resultados ágeis e eficientes? Como vê essa questão?*

Sim, a pandemia do coronavírus evidenciou, por um lado, o papel e a importância da ciência para as sociedades e o mundo, apesar de haver aqueles que a desacreditam, mas pertencendo ao mesmo segmento que defende que a terra é plana, não há muito com que se preocupar. A pandemia que assolou o mundo com uma doença - Covid-19 -, ainda sem vacina capaz de evitá-la e curá-la, despertou a compreensão da sociedade sobre a potencialidade da ciência e sua relevância em termos de interesse público. Possivelmente, nunca a expectativa por respostas positivas da ciência na criação de vacinas esteve tão em alta, gerando, inclusive, maior inversão de verbas para financiar as investigações. Por outro lado, a necessidade pública do saber científico, o interesse de pesquisadores e de centros de pesquisa em avançar nas descobertas motivou a formação e (re)vitalização de redes nacionais e internacionais de pesquisa, o que é primordial, porque possibilita a troca e a socialização do conhecimento. Ganha a ciência, ganha a sociedade - que pode despertar para o sentido civilizatório nas relações socioinstitucionais, e ganham os povos das diferentes nações.

*Em Minas Gerais foi criada a Rede Mineira de Comunicação Científica, que reúne as estruturas de comunicação de cerca de 20 instituições de ensino superior e de*

**“Quando as escolhas objetivas são feitas segundo o interesse de quem investiga em conhecer um fenômeno, e não por imposição de alguém, a investigação científica agrega o fator curiosidade com mais clareza, tornando a pesquisa algo prazeroso, algo que se faz com gosto e interesse pela possível descoberta”**

*pesquisa, com o objetivo de fortalecer a divulgação da ciência, tecnologia e inovação no Estado. Uma das constatações recorrentes entre os profissionais de comunicação que integram a entidade é a de que o pesquisador, de um modo geral, ainda tem dificuldade ou nem sempre percebe a importância de comunicar o seu trabalho à sociedade. De que forma isso contribui para o distanciamento entre a ciência e a população?*

Essa problemática é antiga e real, porque a cultura acadêmica está mais voltada à preocupação em produzir conhecimento sem incluir a comunicação (visto como divulgação) dos resultados (descobertas) à sociedade como parte constitutiva do processo de pesquisa. Essa cultura prioriza a difusão dos resultados de pesquisa junto aos pares (leitores do campo científico) devido à “exigência” de validação de resultados pelos mesmos, o que ocorre através da publicação de artigos em periódicos científicos. Estes são destinados a públicos especializados e não são acessíveis à sociedade. Às vezes porque exigem pagamentos de taxas para acessá-los, mesmo estando disponibilizados na internet, mas, também porque a linguagem técnica impõe distância, mesmo de leitores universitários, e ainda mais de pessoas situadas fora do circuito acadêmico. Diante desse quadro, o jornalismo científico desempenha um papel primordial da divulgação da ciência, como o demonstrou durante a pandemia do coronavírus.

Gostaria de acrescentar que o de-

envolvimento tecnológico alcançado enquanto um bem público coletivo e universal traz uma riqueza imensa de possibilidades para a disponibilização da produção científica, acumulada por séculos e a recente, de modo a facilitar sua democratização através do acesso pleno e mundial. Apesar de distorções e conflitos entre o público e o privado no que diz respeito à divulgação científica, há premissa em alterar as mentalidades de quem faz pesquisa no sentido de aproveitar os potenciais que as tecnologias atuais oferecem para se comunicar também em outras linguagens - além dos pesados artigos científicos, tais como o som, o vídeo, imagens, blogs, perfis em redes digitais etc, com a sociedade, de modo a democratizar o saber científico e favorecer seu empoderamento social.

*A ciência, que anda tão desvalorizada em vários países, especialmente no Brasil, deve ser reconhecida como uma prática para melhorar o mundo. Uma comunicação clara e efetiva poderia contribuir para a compreensão da sociedade com relação à importância da investigação científica?*

Sim, sem dúvida a área da Comunicação – com suas especialidades no fazer jornalístico, das relações públicas, da publicidade social e no audiovisual - tem muito a contribuir para a compreensão dos processos e resultados da pesquisa científica pela sociedade, o que, além de valorizar a ciência, contribui para a apropriação dos achados científicos em benefício tanto dos grupos sociais quanto para a formulação de políticas públicas.

*Está trabalhando em alguma obra específica atualmente?*

Sim, estou trabalhando em duas obras, embora me falte tempo para concluí-las. Uma é uma coletânea de textos sobre comunicação popular, comunitária e alternativa nos processos de intervenção social em benefício da transformação social e ampliação do exercício da cidadania. A outra visa reunir resultados de uma pesquisa de quatro anos, realizada com o apoio do CNPq, por meio de bolsa de produtividade em pesquisa, que enfatizou a comunicação no contexto dos movimentos e organizações populares indagando sobre as estruturas e estratégias comunicativas e sobre como se revela a cultura da comunicação no contexto das práticas desenvolvidas por três movimentos sociais tomados como unidades de análise, quais sejam: o movimento comunitário de Heliópolis (São Paulo, capital), a cooperativa Copavi, do Assentamento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Paranacity, Paraná), e o Polo Sindical de Borborema (semiárido da Paraíba). A pesquisa não pretendeu fazer comparações entre as experiências, mas tão somente aprofundar na práxis de cada uma delas e observar como, apesar de contextos diferenciados, há aproximações em termos de condições socioeconômicas e na busca de soluções para os problemas a que estão submetidos segmentos da população local, além de observar tendências e as estratégias organizativas e comunicacionais desenvolvidas.



300 ANOS

# UM ESTADO FORJADO PELA MINERAÇÃO

A exploração responsável continua sendo o desafio histórico de MG, que completa três séculos em dezembro | **Felipe Caixeta**

Minas são muitas, como definiu o ilustre mineiro João Guimarães Rosa. Não há, no entanto, como entender a história e as múltiplas faces do que hoje reconhecemos como estado de Minas Gerais sem compreender o início da atividade econômica que deu o nome à região: a mineração. Nos últimos séculos, a exploração e o beneficiamento de nossas vastas riquezas naturais foram, inclusive, a motivação para uma corrida pela interiorização da ocupação e o início da unidade territorial no Brasil colônia. Ao completar 300 anos, em dezembro deste ano, o estado continua tendo como um dos seus maiores desafios a exploração responsável de sua riqueza mineral, como refletem professores da PUC Minas.

A professora Sílvia Maria Amâncio Rachi Var-

tuli, especialista em história do Brasil, relembra que o desbravamento na região se iniciou no século XVI, por meio do trabalho dos bandeirantes, em busca de ouro e pedras preciosas. A descoberta do ouro abundante na região modificou a forma de organização populacional e como Portugal enxergava a administração e o controle de sua colônia. “A então capitania de Minas Gerais foi o embrião do Brasil que conhecemos hoje. Em 1709, foi criada a capitania de São Paulo e Minas de Ouro, que, em 1720, foi desmembrada em São Paulo e Minas Gerais”, observa.

Sem deixar de valorizar o papel ocupado pela agricultura, como nas lavouras de café, e pela pecuária, como na produção do leite, a mineração sempre teve destaque na economia mineira. Nas montanhas e rios de Minas, além de toneladas de ouro, foram encontradas outras preciosidades, como os diamantes e, mais tarde, o minério de ferro e o nióbio. “Ao mesmo tempo em que éramos a mais importante colônia da coroa portuguesa, havia muita miséria, fome e pobreza, porque muita gente veio minerar sem a menor preparação. Quando havia excesso de tributação por parte da Coroa ou até mesmo faltavam itens básicos como a cachaça, tão importante para anestesiá-lo o árduo trabalho da mineração, amotinados se reuniam. No entanto, ainda não se falava em liberdade da capitania”, esclarece Sílvia.

Na segunda metade do século XVIII, surge o conceito das chamadas inconfidências, um crime de lesa majestade, no qual se falava em separação de Portugal. Um dos símbolos da história mineira, a Inconfidência, foi duramente repreendida por Portugal na figura de Tiradentes, em 1789. A professora lembra que existiu um planejamento separatista, mas que foi impedido antes da execução. “O processo da Inconfidência Mineira teve uma importância enorme porque foi sendo apropriado pela memória coletiva e pelos grupos políticos posteriores. Tiradentes, o libertário da pátria, é uma construção narrativa posterior para atender a determinados interesses políticos, como no contexto da nascente república, que ajudou a colocar a monarquia como algo relacionado ao atraso, à crueldade e à tirania”, explica. Dessa forma, os ideais de liberdade estavam restritos às camadas intermediárias da população mineira. “Nessa época, o ventre determinava o seu lugar social de nascimento. Minas adentra o século XIX, por exemplo, com o contingente altíssimo de escravizados, desigualdades marcantes e concentração de riquezas. E isso se deve mais à mineração, que foi a grande mola propulsora da região”, finaliza a historiadora.

Raphael Calixto



“Ao mesmo tempo em que éramos a mais importante colônia da coroa portuguesa, havia muita miséria, fome e pobreza, porque muita gente veio minerar sem a menor preparação”

**Professora Sílvia Amâncio Rachi Vartuli**, especialista em história do Brasil

## Exploração X desenvolvimento

O interesse dos colonizadores pela riqueza que o ouro trazia não é muito diferente do interesse comercial dos grandes atores da mineração de hoje. O minério de ferro, por exemplo, começou a ser explorado em Minas Gerais no início do século XX, na região de Itabira. Minas Gerais, segundo dados do governo estadual, extrai hoje mais de 160 milhões de toneladas de minério de ferro por ano e responde por 29% de toda a produção mineral do país, por 53% da produção de minerais metálicos e por cerca de 50% de todo o ouro produzido no Brasil. Além disso, é a única fonte nacional de produção de zinco, o maior produtor de ferro, ouro, fosfato, grafita, lítio e calcário. Outro destaque é o nióbio. Daqui, ainda



A mina de Águas Claras fica na região que divide Belo Horizonte e Nova Lima, atrás da Serra do Curral, tradicional cartão postal da capital mineira

segundo o governo do Estado, são gerados 75% de todo o nióbio do mundo.

Ao longo dos ciclos de mineração (ouro, diamante e minério), a tomada de decisão sobre a atividade econômica era feita em nome das pretensões econômicas dos principais atores do processo, ou seja, nem sempre foram considerados os riscos ambientais e humanos gerados como consequência da atividade. “É indiscutível que a exploração mineral, para promover o aproveitamento econômico do recurso, resulta em alterações socioambientais significativas em toda a área de intervenção e impactos diretos e indiretos ao entorno”, explica a professora Flávia Peres, coordenadora do MBA em Perícia e Valoração de Danos Ambientais.

A professora aponta a legislação já bastante ultrapassada, e até mesmo anacrônica, como um dos pontos de atenção da exploração do minério

no Brasil. “A nossa legislação ambiental é jovem em relação à atividade minerária, o que explica a existência de diversos grandes empreendimentos instalados há décadas, que hoje não mais seriam possíveis”, pontua.

Para a correção de distorções entre legislação, mineração e preservação ambiental, a professora Cintya Amorim, que também coordena o MBA em Perícia e Valoração de Danos Ambientais e o MBA em Qualidade, Meio Ambiente e Segurança, defende que as políticas públicas devam efetivamente reconhecer os reais impactos ambientais da atividade minerária, considerando os danos ambientais e exigindo um elevado padrão de sustentabilidade do setor, aplicando novas tecnologias ambientais e de segurança para a sociedade. “Devemos tratar os aspectos socioambientais com base numa análise de gestão de riscos, considerando nesta análise a conformida-

de legal, direitos humanos, saúde, segurança do trabalhador e da comunidade, meio ambiente, impactos socioeconômicos na área de influência da mina, planejamento e encerramento das atividades. Precisamos educar a sociedade com um olhar crítico e sustentável para que todos tenham capacidade de entender as dimensões dos impactos ambientais e as obrigações legais das mineradoras”, alerta.

Como solução para o futuro da atividade mineral, o engenheiro Juvenil Tibúrcio Félix avalia que o caminho está no avanço da tecnologia e na integração entre empresas e comunidades. O engenheiro, que é membro do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), atuou em grandes projetos da história do Estado, entre eles o complexo de minas de Morro Velho, em Nova Lima – exploradas desde 1835. “Atuei para criar soluções que alongassem a vida útil da mina. Trabalhamos para que ela atingisse 200 anos de atividades minerais ininterruptas”, recorda-se. Morro Velho é, portanto, a mais antiga mina de ouro continuamente explorada.

“Considero que os gestores deverão entender que as empresas fazem parte das comunidades onde atuam, com as quais deverão debater e criar soluções socioambientais”, destaca. Além disso, Juvenil aponta o setor mineral como essencial à sociedade. “É sabido por todos, até por aqueles que repudiam a mineração, que não existe vida humana civilizada sem o uso de produtos minerais na alimentação, roupas, moradias, na energia elétrica, no abastecimento de água, veículos, em tudo”, defende.

## A mineração e o valor da vida

Ao longo de todo o período em que a mineração cresceu como atividade econômica, e, principalmente após as tragédias envolvendo os rejeitos da mineração em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), em Minas, a destruição da natureza e a perda de vidas marcaram a história da mineração no Brasil. A fisioterapeuta Jéssica Evelyn Soares Silva, 30 anos, perdeu o irmão e o primo em consequência do rompimento da barragem de rejeitos da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, que causou 270 mortes e 11 desaparecidos. Francis Eric Soares Silva e Luís Paulo Caetano trabalhavam em uma empresa que prestava serviços para a Vale e “foram vítimas do ‘crime’, conta Jéssica.

Não era rotina, mas no dia 25 de janeiro de 2019, eles estavam escalados para trabalhar na região da barragem B1 da Mina Córrego do Feijão, que se rompeu às 12h28. O rompimento da barragem liberou cerca de 13 milhões de metros cúbicos de água e lama de minério de ferro que varreram a região da mina. Jéssica se recorda com clareza de tudo o que aconteceu naquele dia. “Foi um choque descobrir que eles estavam na região do rompimento. Eu vi as notícias e me solidarizei com a situação enquanto cidadã. Mas o meu dia estava normal até então. Afinal, não sabíamos que eles estavam em Brumadinho”, lembra.

## MINAS EM NÚMEROS

ÁREA TERRITORIAL  
586.521,123 km<sup>2</sup> (2019)

POPULAÇÃO ESTIMADA  
21.292.666 pessoas (2020)

DENSIDADE DEMOGRÁFICA  
33,41 hab/km<sup>2</sup> (2010)

IDH  
0,731 (2010)

PRODUÇÃO  
Ferro, ouro, fosfato, grafita, lítio, calcário e nióbio.

## SÉCULO 17 Os primeiros colonizadores chegam às minas em busca de ouro e pedras preciosas



1709

Neste ano, é criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, sendo desmembrada do Rio de Janeiro.



1711

Surgem as primeiras vilas do ouro: Mariana, em 8 de abril; Ouro Preto, ex-Vila Rica, em 8 de julho; e Sabará, antiga Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, em 17 de julho.



1714

Em 6 de abril, são instituídas as comarcas, em Minas, de Rio das Mortes, Vila Rica e Rio das Velhas.



1720

Região de exploração do ouro se torna capitania. Em 2 de dezembro, foi assinado o ato régio determinando a separação de Minas da Capitania de São Paulo. Período de descoberta dos diamantes.



1729

Enviado o comunicado oficial à Coroa Portuguesa sobre os achados diamantíferos.



1789

Inconfidência Mineira: determinados segmentos da sociedade mineradora se juntaram para tornar Minas livre do jugo português.





Arquivo Pessoal

Jéssica (à esquerda) perdeu o irmão e um primo no rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho; junto à mãe, posa em frente à capela que constroem no sítio da família em homenagem às vítimas

Jéssica continuou sua rotina e pouco antes de encerrar o seu dia de trabalho veio uma ligação inesperada da irmã. “Começou a nossa busca por contato. Passamos horas sem saber o que estava acontecendo”, diz.

A professora Carolina Costa Resende é psicóloga, atua em Brumadinho desde agosto de 2019 com o programa de extensão PUC Minas e

Brumadinho - Unindo Forças e lida diretamente com as vítimas do rompimento da barragem. “É nítido que a população da cidade de Brumadinho e todos os indivíduos que perderam familiares na tragédia ainda convivem com o estresse pós-traumático”, opina. A professora explica a dificuldade na elaboração do luto para os familiares que ainda precisam administrar processos burocráticos junto à própria Vale. “A continuidade desses processos de reparação (ainda não finalizada) faz com que o processo de luto seja estendido até hoje. O sofrimento ainda está falando mais alto na cidade”, diz a professora, lembrando que o impacto social, ambiental e trabalhista dessa ocorrência em Brumadinho estão entre os mais significativos da história da mineração do Brasil.

Jéssica, com a perda de seus dois familiares, segue o caminho da superação em família. “Sempre fomos muito unidos e isso nos salvou. Na rotina do trabalho também encontrei um alento. Nunca mais será a mesma coisa, eu sei. Mas na tragédia, encontramos uma vontade de correr atrás, de fazer justiça e cobrar atitudes”, finaliza.



## Integrar para preservar

A perspectiva de que o planeta deve ser visto como a nossa casa comum é o caminho para que o futuro das riquezas de Minas Gerais seja preservado. Essa é a opinião do professor Miguel Andrade, que atua na área de Biologia e Meio Ambiente, e está à frente da Agência de Desenvolvimento Integrado (Aderi), ligada à Arquidiocese de Belo Horizonte. O cuidado com a nossa Casa Comum, o planeta Terra, foi tema da encíclica *Laudato Sí*, escrita pelo Papa Francisco, há cinco anos. “Devemos ter a ecologia como dimensão que convoca, de forma integrada, as questões econômicas, sociais e ecológicas, para se buscar uma nova ordem de planejamento de territórios, respeitando e pro-

movendo as verdadeiras vocações locais, e tendo, como desafio maior, a participação de todos os interessados nos processos de decisão.”

O professor defende métodos de exploração do território que garantam o respeito ao meio ambiente. Ele rejeita, por exemplo, a ideia de vocação mineradora irreversível do Estado. Para ele, a economia de Minas Gerais não pode estar estruturada, sobretudo, em exploração de recursos naturais não renováveis.

Na prática, o setor da mineração deve mostrar, portanto, não de forma superficial ou com maquiagens verdes, mas de forma profunda, seu compromisso com a preservação. A negociação e planejamentos integrados são a alma da questão, para o professor Miguel. “Minas teve, em sua origem, a mineração como fator determinante, sim, mas não podemos assumir que teremos isto para o resto da vida. O ambiente de mercado, político, social e o nível de conhecimento que temos da questão ambiental, com toda a sua complexidade, é outro. Então, o Estado deve se adaptar para uma nova ordem de coisas e postura. Somos o país da biodiversidade. O capital natural e os ativos ambientais devem ser incorporados à matriz econômica. Este também é um caminho fértil para Minas Gerais”, conclui.

“O Estado deve se adaptar para uma nova ordem de coisas e postura. Somos o país da biodiversidade. O capital natural e os ativos ambientais devem ser incorporados à matriz econômica. Este também é um caminho fértil para Minas Gerais”

Professor Miguel Andrade

16 pucminas.br/revista

SAÚDE

# OS IDOSOS E A COVID-19

Projeto leva educação em saúde às Instituições de Longa Permanência | **Lorena Scafutto**

A pandemia da Covid-19 colocou em destaque a preocupação com os idosos, devido ao potencial risco de agravamento da doença nesta população. Buscando auxiliar nas ações estratégicas e protocolos práticos em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), os cursos de Medicina e Fisioterapia da PUC Minas desenvolveram o projeto de extensão *Ações de Prevenção do Coronavírus e outras Doenças Transmissíveis em ILPI: ferramentas para educação em saúde*, conhecido como *PUC no Lar*.

Estão à frente do projeto as professoras Natália de Cássia Horta, do Curso de Medicina e Enfermagem, e Tatiana Teixeira Barral, do Curso de Fisioterapia, que já desenvolvem pesquisas acerca da temática da qualidade de vida de idosos residen-

tes em instituições desde o ano de 2014. Também colaboram com o projeto os professores Henrique Leonardo Guerra, coordenador do Curso de Medicina da PUC Minas Betim, e Cleia Amaral, do Curso de Sistemas de Informação. “O desenvolvimento do projeto se faz importante considerando a vulnerabilidade dos idosos institucionalizados, muitas vezes física, mas também emocional (principalmente devido ao isolamento social), além da infraestrutura desses locais e, ainda, a rotatividade de profissionais que ali atuam”, aponta a professora Natália de Cássia Horta. “O objetivo tem sido não o de expor as falhas existentes, mas, sim, contribuir neste momento com as instituições”, enfatiza. Além dos professores, 15 extensionistas dos cursos de Biomedicina, Enfermagem, Fisio-

Devido à pandemia, Maria da Conceição Oliveira, de 87 anos, passou a receber as visitas do filho, Inácio, e a esposa, Ivani, pelo portão



Bruno Timóteo

A enfermeira Keyla Maria Gonçalves Filaretti, proprietária da Casa Vivarte: “O projeto PUC no Lar nos trouxe segurança para seguir em frente, pois nos tornamos uma verdadeira rede de apoio”

rapia, Medicina e Sistemas de Informação fazem parte do projeto.

O projeto é realizado a distância, já que, neste momento, o contato físico pode expor as pessoas ao risco do contágio. A extensionista Vitoria Nunes Silva, de 22 anos, e estudante do 9º período do Curso de Fisioterapia da PUC Betim, conta que a educação em saúde a distância foi, inclusive, um dos maiores aprendizados que a aluna obteve participando do projeto. “Aprendi que educação em saúde se faz em quaisquer circunstâncias. No início, nos deparamos com um grande desafio, que é o de comunicar, passar conhecimento, mas à distância. Mas temos conseguido fazer isto muito bem, e os relatos das instituições são positivos”, aponta a aluna. Victória destaca a importância do projeto frente à falsa sensação de segurança em saúde desses idosos, e aponta que eles representam uma alta taxa de óbitos em função da Covid-19 em todo o mundo. “A impressão que as pessoas têm, de fora, é que os idosos estão guardados e protegidos dentro das instituições, e que ali as doenças infecciosas chegam com menos intensidade. Mas não é assim”, aponta. A extensionista explica que nas instituições residem coletivamente idosos com múltiplas morbidades, que podem ficar vulneráveis com circulação de entrada e saída de alimentos e materiais e, principalmente, dos profissionais da área da saúde. “É por este motivo que idosos institucionalizados representam mais da metade do total de óbitos de diversos países e, também, motivo pelo qual a educação em saúde para esse público é tão necessária”, conclui a aluna.

## A atuação do projeto

Em um primeiro momento, o PUC no Lar realizou um levantamento das ações preventivas e medidas de precaução já adotadas nas ILPI em relação ao novo coronavírus e demais doenças transmissíveis para saber como esses locais estavam lidando com esta situação. As instituições abordadas foram em Betim e Contagem, prioritariamente, além de demandas de outros municípios indicados pela Frente Nacional de Fortalecimento de ILPI e pela coordenação de Direitos da Pessoa Idosa da Secretaria de Desenvolvimento Social de Minas Gerais. Ao todo, 20 instituições participam do projeto.

Depois, em um segundo momento, os participantes do projeto abriram espaço para esclarecimento de dúvidas: as instituições enviavam perguntas e compartilhavam suas realidades, e o projeto esclarecia com informações por meio de vídeos. Já a terceira fase, que ainda está sendo realizada, se refere à troca constante de experiências, e a proposta de atividades de educação em saúde às instituições; como as de promoção de diminuição do risco de contaminação por meio de alimentos, incentivo ao consumo de alimentos importantes para o sistema imunológico; de qualificação do cuidado aos idosos com foco na prevenção da Covid-19; de estratégias de socialização dos idosos e sua rede sociofamiliar; entre outras. “Todas as ações foram e estão sendo alinhadas com as referências técnicas das gestões municipais de saúde. E, além da educação em saúde, também estimulamos idosos a expressarem suas preferências, sugestões e ideias, bem como o desejo de contato com sua rede sociofamiliar para ser oportunizada a interlocução por meio de ferramentas virtuais”, reforça a professora Tatiana Teixeira Barral.

A enfermeira Keyla Maria Gonçalves Filaretti, proprietária da Casa Vivarte, uma instituição integrante do projeto PUC no Lar, aponta que, no princípio, foram dias difíceis. “Ainda, naquela época, não estávamos preparados para lidar com um problema deste tamanho, assim com todo o mundo”, aponta. Pouco após o início da pandemia, a instituição se inscreveu para participar do projeto. “Ficamos sabendo do projeto por meio da Secretaria Municipal de Saúde de Contagem. O projeto PUC no Lar nos trouxe segurança para seguir em frente, pois nos tornamos uma verdadeira rede de apoio, trocando informações constantes. Aos poucos, fomos estabelecendo, juntos, protocolos e medidas de segurança, e, hoje, estamos enfrentando com mais tranquilidade toda essa situação”, relata Keyla.



Arquivo pessoal

A aluna Vitoria Nunes Silva: “Aprendi que educação em saúde se faz em quaisquer circunstâncias”



Raphael Calixto

As professoras Tatiana Teixeira Barral e Natália de Cássia Horta estão à frente do projeto de prevenção da Covid-19 nas instituições para idosos

## Foco na saúde mental dos idosos

Logo no início da pandemia, os órgãos de saúde orientaram a suspensão de visitas de familiares e amigos às instituições e, desta forma, uma grande preocupação, além da saúde física, passou a ser a saúde mental dos idosos. “As oficinas propostas pelo projeto nos auxiliaram, e muito, nas atividades cotidianas de entretenimento, sempre tentando preservar a saúde mental dos residentes”. Apesar de todos os cuidados, em junho deste ano, a Casa Vivarte registrou o primeiro caso positivo em um idoso. “Redobramos o isolamento na tentativa de que o vírus não contaminasse outras pessoas, mas, ainda assim, dez de nossos idosos contraíram o vírus, além de quatro profissionais que aqui atuam”, aponta.

Dona Maria da Conceição Diniz Oliveira, de 87 anos, é uma das idosas que residem na instituição, mas que não foi contaminada pelo vírus neste primeiro momento. Em agosto, entretanto, em testagens de controle, apesar de estar assintomática, a idosa testou positivo para a Covid-19. “Graças a Deus minha mãe não teve complicações com o vírus. Sabemos que este contágio é de difícil controle e, prova disto, foi que a Casa Vivarte estabeleceu rígidos protocolos de segurança em saúde, com o apoio do projeto da PUC e de outros parceiros e, ainda assim, pessoas foram contaminadas. Então, mais do que nunca, temos que olhar para os nossos idosos institucionaliza-

dos”, aponta Inácio Batista Diniz, de 64 anos, filho de Dona Maria Conceição.

Com o isolamento, a preocupação da família de Dona Maria sempre foi além das consequências físicas do novo coronavírus, mas, também, psicológicas. “Com as visitas convencionais suspensas, ficamos receosos de ela ter uma queda emocional. Tentamos o contato virtual, por vídeo, mas sentimos que ela não se adaptou muito. Aos poucos, a clínica permitiu as chamadas ‘visitas no portão’, em que ficamos de um lado, enquanto os nossos familiares ficam de outro, mantendo distanciamento seguro e sem o toque físico. A saudade é grande, mas só de vê-la bem, ainda que do outro lado, já acalenta o coração”, conclui Inácio.

A partir de outubro, o projeto inicia uma nova fase, que está sendo chamada de “Alô, PUC no Lar”, momento no qual haverá contato direto entre os extensionistas e os residentes. Por meio de contato telefônico, os alunos vão conversar com os idosos sobre temas leves, pré-selecionados e apontados como interesse pelos idosos, como futebol, espiritualidade e hobbies, por exemplo. O objetivo é promover mais uma ação de suporte emocional neste momento de isolamento social.

O projeto possui um site, e os interessados em assistir aos vídeos e tirar dúvidas podem acessar o conteúdo por meio do endereço [www.pucnolar.site](http://www.pucnolar.site).

## SAIBA MAIS

### FRENTE NACIONAL DAS ILPI

A professora Natália Horta é colaboradora da Frente Nacional de Fortalecimento das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), que tem como participantes, em âmbito nacional, vários especialistas em envelhecimento. O objetivo do grupo é discutir e propor ações e orientações para o enfrentamento da pandemia nas ILPI.



MARKETING

# VIOLÊNCIA NO CONSUMO DE CRÉDITO

Tese aponta a ausência de ética, solidariedade e empatia nos empréstimos financeiros | **Leandro Felicíssimo**

Não é raro encontrar um aposentado ou pensionista do INSS que esteja endividado, com vários empréstimos consignados simultâneos ou em cartão de crédito. Mesmo assim, o governo federal aumentou, durante a pandemia da Covid-19, de 35% para 40% do provento líquido dos idosos a margem disponível para o empréstimo consignado e 5% do cartão de crédito. “Com essa nova margem, os idosos vão passar fome”. O alerta não vem de qualquer pessoa. É de uma proprietária de financeira há 14 anos e ex-funcionária, que prefere não se identificar. Patrícia (nome fictício) está muito preocupada com a vulnerabilidade financeira dos idosos:

“A diferença na atual margem será um sacolão, uma padaria, que o idoso não poderá fazer, vai fazer muita diferença para ele. Mas, para mim, proprietária de financeira, é ótimo. Os idosos são tomadores de empréstimo”, tendo o crédito se tornado parte da remuneração deles, oferecido como um complemento de renda.

Esse grande problema que afeta os idosos no país foi tema de tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Administração e intitulada *Consumo de Crédito e Violência Financeira com Idosos de Baixa Renda: uma investigação na perspectiva da Transformative Consumer Research*. O autor, o professor Gustavo Tomaz de

Almeida, afirma que “no médio e longo prazos, o fomento ao endividamento pode gerar uma profunda crise no país, pois o comprometimento de parte da renda pode impactar a redução no consumo, que pode refletir nos empregos formais, redução da arrecadação tributária e reforçar as crises”. A orientação foi do professor Marcelo de Rezende Pinto.

O alerta também chama a atenção do Instituto de Defesa Coletiva, de Belo Horizonte: o aumento na margem para 40%, que é totalmente onerosa para o consumidor de baixa renda, vai aumentar ainda mais o superendividamento, com reflexos sociais, psicológicos e de irresponsabilidade do Estado, pontua a presidente do comitê técnico Lillian Salgado. O Instituto publicou nota de repúdio ao próprio governo contra esse aumento na margem consignável.

A principal constatação da tese é que a violência financeira tem uma perspectiva interseccional, sendo comum no mercado de crédito a ausência de ética, solidariedade e empatia. Também por isso, nem sempre é possível identificar o infrator e a vítima claramente, dado que a violência vem de forças variadas que trabalham para evitar

“Existe um interesse especial na baixa renda, porque é nessa faixa que há maior espaço para ampliar a oferta de crédito, visto que boa parte deles ainda não tem conta bancária ou não utilizaram a margem de crédito pré-aprovado”

**Gustavo Almeida**

qualquer abalo nas relações de poder. Como implicações à área, os resultados indicam que persiste um lado sombrio do Marketing, fortalecido pelo lobby com o poder público, quando o idoso de baixa renda se torna o ponto de referência para práticas de estímulo maciço ao crédito.

Segundo dados da tese, em 2019, quase 1/3 da população adulta brasileira estava negativada

Mais de **40** milhões de brasileiros superendividados.  
**80%** dos idosos recebem de um a dois salários mínimos, sendo  
**30% a 40%** deles endividados



**“O fato de haver mais de cem instituições que ofertam crédito sugere que há muitos acionistas querendo lucrar a partir de uma fatia de renda do idoso e demais parcelas da sociedade. Pressupõe-se que o governo saiba das experiências negativas do Cadastro Positivo em outros países (como em Israel) e, ainda assim, tenha implantado no Brasil.”**

**Gustavo Almeida**

no Serviço de Proteção ao Crédito, o SPC, sendo 36,5% desse total, idosos, por exemplo, com dívidas 22 vezes mais elevadas que sua renda. A cada ano, cerca de 900 mil idosos são adicionados ao cadastro. Dados do IBGE, em pesquisa compilada pela Confederação Nacional do INSS, mostram que são mais de 40 milhões de brasileiros superendividados. Oitenta por cento dos idosos recebem de um a dois salários mínimos, sendo 30% a 40% deles endividados, cita o Instituto de Defesa Coletiva. Além disso, 32% dos aposentados de baixa renda estavam endividados, algo significativo, visto que 85% dos benefícios do INSS destinam-se a este público. Diante desse cenário, o objetivo da tese foi investigar como os diversos atores, sendo eles os idosos, familiares, instituições financeiras e o governo, se relacionam com a promoção e/ou prevenção da

violência financeira com idosos de baixa renda, relacionada ao crédito.

É com um choro compulsivo que Luzia Miranda Brandão, de 58 anos, pensionista, moradora do bairro Padre Eustáquio, na região Noroeste de Belo Horizonte, tenta explicar o seu endividamento. Choro de quem sente que “foi passada para trás” e está desesperada com o desconto mensal de R\$117 de seu provento de um salário mínimo, R\$52 de cartão e R\$65 de empréstimo durante 85 meses. Ela acabou aceitando, em maio de 2019, um oferecimento de cartão de crédito sem anuidade, e aí começaram a ligar cinco, seis vezes oferecendo empréstimo. A filha menor foi enviando cópias dos documentos dela pelo whatsapp. “Pedi o cartão e no outro dia fui ao teatro, lá a professora disse que estava havendo golpes. Descobri que tinha feito bobagem”. “Estão retirando do que eu sobrevivo, ajudo a cuidar de minha mãe que está com 90 anos”, diz ela.

“O problema da violência financeira possui particularidades em relação à baixa renda, visto que a situação de aperto não é atual, mas consequência de uma vida com baixos salários ou trabalho informal. Com isso, muitos idosos voltam à exploração no mercado de trabalho para complementar a renda. Existe um interesse especial na baixa renda, porque é nessa faixa que há maior espaço para ampliar a oferta de crédito, visto que boa parte deles ainda não tem conta bancária ou não utilizaram a margem de crédito pré-aprovado”, argumenta Gustavo. Patrícia cita o cartão de crédito como uma das mais preocupantes, com 5% da margem e 3,99% de juros por

mês, mas não se sabe como termina esse empréstimo, que tem juros sobre juros, uma “bola de neve”.

Marlene da Silva Solano, de 67 anos, moradora do bairro São Francisco, na região da Pampulha, na Capital, também “caiu no conto do cartão de crédito”. Com o empréstimo consignado em 2017, ficou com as contas atrasadas. Diz que com a condição de idosa fica exposta à carência, inclusive de afeto. “Foi uma violência financeira muito grave, fui enganada, assinei, letra pequena”. Em sintonia, o estudo de Gustavo Almeida detectou o uso de orações desorganizadas nos termos contratuais do crédito, dificultando o entendimento.

Na tese, foram realizadas entrevistas com um grupo de 120 idosos de uma cidade da Região Metropolitana, com trabalhadoras de instituições financeiras, além de um ex-funcionário responsável pela gestão de marketing de grandes bancos. Foram escolhidas ainda quatro famílias para que fossem compreendidas as trajetórias de vida de seus idosos.

O crédito ainda assume um valor simbólico para financiar: a presença dos filhos e netos, o relacionamento amoroso com ‘as namoradas’, o perdão de Deus, o desejo de matar as amigas de inveja, entre outros. “Usa-se a palavra Deus ou linguagens relacionadas à religião para instigar o uso do crédito. Há vocabulários que remetem a contos de fada, criando a sensação de que o funcionário do banco não venderia o crédito, mas realizaria sonhos”.

A proprietária de financeira Patrícia diz que funcionários do setor sofrem pressão muito grande para obter êxito na venda do crédito e, do

contrário, há demissão. “Há empresas que não têm controle para ter uma venda sadia, então há muita fraude, e não é pouca”, revela a ex-funcionária. “A estigmatização do idoso como um ‘coitado’ é uma estratégia de apagamento dos interesses das corporações, por exemplo, instituir o alcance de metas para que o funcionário do banco obtenha o salário variável e os acionistas fiquem com a maior fatia da riqueza. É como se diante do estigma de um idoso ‘coitadinho’, o funcionário tivesse a obrigação de incentivá-lo a obter o crédito, como se o empréstimo fosse uma ajuda”, diz Gustavo Almeida, que menciona um telemarketing contínuo porque esse vendedor de crédito deseja vender sempre, pretendendo prosseguir o assédio ao idoso. “Ele ‘aceita’ executar a violência financeira para manter o emprego”.

“O fato de haver mais de cem instituições que ofertam crédito sugere que há muitos acionistas querendo lucrar a partir de uma fatia de renda do idoso e demais parcelas da sociedade. Pressupõe-se que o governo saiba das experiências negativas do Cadastro Positivo em outros países (como em Israel) e, ainda assim, tenha implantado no Brasil. Há um apelo em políticas monetárias por endividar cada vez mais os idosos”, esclarece Gustavo Almeida.

A pensionista Marlene Solano: “Foi uma violência financeira muito grave, fui enganada, assinei, letra pequena”



Luzia Brandão espera solução para os descontos mensais em sua aposentadoria

PESQUISA

# ALFACES CONTAMINADAS

Pesquisa aponta nível higiênico insatisfatório nestas hortaliças comercializadas em sacolões e supermercados | **Lorena Scafutto**

Rica em nutrientes essenciais para a saúde, a alface é a hortaliça mais consumida no país, de acordo com a Associação Brasileira do Comércio de Sementes e Mudas (Abscem). Adicioná-la ao prato, entretanto, requer uma boa higienização para retirada de micro-organismos que podem estar presentes nessas folhas. Buscando avaliar o nível de contaminação parasitológica e microbiológica em alfaces comercializadas em Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte, um aluno da Medicina, Bruno Goeking, juntamente à professora do curso, Janaína Alvarenga, doutora em parasitologia, realizaram um estudo que avaliou 49 estabelecimentos da cidade, dentre supermercados, hortifrúti e feiras populares. O resultado foi uma qualidade higiênica insatisfatória, já que amostras apresentaram alto nível de contaminação.

Dos 49 pontos comerciais avaliados – sendo seis hipermercados, cinco vendedores de feira e 38 hortifrúti – 48 locais apresentaram uma ou mais amostras contaminadas por enteroparasitas. Os comércios avaliados foram escolhidos de

acordo com oito das dez regionais administrativas de Betim, o que, segundo os pesquisadores, corresponde a uma abrangência de 90% da população de da cidade. “Circulamos nas avenidas principais de cada regional, pois acreditamos que são os locais cujo fluxo comercial é maior e, depois, em outros estabelecimentos aleatórios dos bairros. No momento de coleta das amostras, tivemos o cuidado de pedir que o próprio vendedor acondicionasse, em um saco plástico de primeiro uso, as folhas para o posterior estudo, evitando assim que nós, pesquisadores, tivéssemos influência no que se refere aos micro-organismos”, aponta Bruno.

A pesquisa, então, foi dividida em duas partes, em que na primeira, a chamada parasitológica, foram identificados os gêneros e espécies dos parasitos encontrados, como, por exemplo, ovos de áscaris, popularmente conhecida como lombriga, e ovos de tênia, conhecida como solitária. “No geral, esses parasitos encontrados são responsáveis por sintomas gastrointestinais como diarreia, desconforto abdominal, perda de apeti-

## Saneamento básico

A professora Janaína Alvarenga comenta que estudos apontam uma alta incidência de contaminação em plantações no momento do cultivo, por meio do contato com o solo ou no momento de irrigação, principalmente em locais em que não há saneamento básico. “Nossa pesquisa foi desenvolvida ao longo de mais de um ano, e, então, adquirimos amostras em diferentes épocas. Desta forma, pudemos perceber um declínio considerável nos níveis de contaminação durante os meses chuvosos (período em que não é necessário irrigar as plantações)”, aponta a professora. “Isso nos traz um alerta da possibilidade de que a contaminação aconteça durante o cultivo e, por isso, nosso objetivo é, agora, desenvolver um projeto de extensão com atuação nesses locais de agricultura para conscientizar a população e levar soluções, ainda que caseiras, para o tratamento da água”, revela Janaína.

te. É importante ressaltar que a identificação da presença deles nas folhas não quer dizer que, necessariamente, ocorrerá uma manifestação clínica, pois depende, também, de como a alface será higienizada em casa antes de ser consumida”, aponta a professora. A segunda parte da pesquisa foi microbiológica, para avaliar a presença de coliformes fecais, presentes em fezes humanas.

Além da avaliação de locais que comercializam as folhas de alface para o preparo em casa, a pesquisa avaliou 11 estabelecimentos, *self-services* e *fastfoods* da cidade, que vendem as folhas já prontas para o consumo em seus cardápios. “Identificamos que 54% desses locais apresentaram amostras com ovos e cistos de enteroparasitas ou coliformes fecais”, aponta. Após a análise desses dados, o aluno de Medicina, Bruno Goeking, conta que seus hábitos alimentares foram modificados. “Após a pesquisa, passei a preparar minha própria marmita para consumo diário. Desta forma, sei que estou higienizando as folhas corretamente. Além disso, em restaurantes, se eu peço um prato em que há a presença de alface, eu opto por retirá-la”, comenta. “O objetivo da pesquisa, contudo, não é o de desestimular o consumo das folhas, mas, sim, alertar às pessoas (tanto produtores, vendedores e consumidores) sobre a necessidade de uma higienização adequada”, conclui.



### HIGIENIZAÇÃO CORRETA

Quando as folhas chegam à casa do consumidor, primeiramente deve-se realizar uma higienização mecânica, de folha em folha, em água corrente e potável. Após este processo, é necessário deixar as folhas submersas, por volta de 15 minutos, em uma solução de uma colher de sopa de água sanitária para cada litro de água. Depois desse tempo, é necessário enxaguar a alface, também em água corrente e potável.

Fonte: Professora Janaína Alvarenga



O aluno de Medicina Bruno Goeking diz que seus hábitos de consumo de folhas foram alterados depois da realização da pesquisa



Uma das 700 pessoas que responderam a pesquisa, Amanda Thais de Moraes Paiva diz que comia mais guloseimas no início da pandemia

NUTRIÇÃO

# QUARENTENA CALÓRICA

Pesquisa aponta que 52,2% da população de BH e região metropolitana ganharam peso durante o isolamento social

**Júlia Mascarenhas**

O isolamento social, uma das principais recomendações das autoridades de saúde para evitar a propagação do coronavírus, ao longo deste ano de 2020, gerou algumas mudanças no estilo de vida das pessoas. E uma delas, impulsionada pela impossibilidade dos encontros, a apreensão e ansiedade gerados pela pandemia, foi nos hábitos relativos à alimentação. Para entender o impacto da quarentena nos hábitos alimentares dos cidadãos de Belo Horizonte e região metropolitana, a professora do Curso de Nutrição Marina Rodrigues Siqueira, juntamente com seus alunos do primeiro período do Curso, na disciplina Sociologia, Saúde e Meio Ambiente, realizaram uma pesquisa quantitativa que tem o objetivo de relacionar os aspectos psicológicos

da pandemia com alterações do comportamento alimentar e de peso.

A pesquisa *Isolamento Social e Mudanças de Hábitos Alimentares dos cidadãos de BH e RMBH*, realizada no período de 17 a 23 de junho de 2020, ouviu 700 pessoas através de um questionário online, pensado de forma coletiva por todos os alunos da turma, e organizado e orientado pela professora. “Este número de entrevistas garante que os resultados encontrados possam ser generalizados para toda a população de BH e RMBH, levando em consideração uma margem de erro de 3,7% e intervalo de confiança de 95%”, explica Marina.

As perguntas abordadas no questionário foram aplicadas em cinco blocos, divididos em:

percepção sobre a pandemia e adesão ao isolamento social; impactos socioeconômicos e socioemocionais; mudanças na rotina e situação do trabalho; alteração de hábitos alimentares e prática de exercícios físicos e bem-estar. “Para compreendermos os efeitos da pandemia sobre a alimentação, o primeiro passo foi entender o grau de adesão do indivíduo às medidas de combate ao coronavírus, entre elas, ao isolamento social”, diz a professora.

Daniela Verticchio, aluna do Curso de Nutrição, fez parte da disciplina que realizou a pesquisa e conta que as perguntas para o questionário foram desenvolvidas pensando principalmente no engajamento e honestidade das pessoas. “Evitamos perguntas constrangedoras como peso e distúrbios alimentares, que inicialmente era um tema que gostaríamos de tratar, porém houve o receio de as pessoas não serem honestas nas respostas por motivos de vergonha ou constrangimento”, conta a aluna.

O questionário foi amplamente divulgado em redes sociais e em grupos do Whatsapp, buscando alcançar um público distinto e diverso. De acordo com a professora Marina, ao todo, o questionário foi respondido por mais de mil pessoas de todas as partes do Brasil e por brasileiros que moram no exterior, mas, após uma análise de inconsistência do banco de dados, mais de 300 casos foram descartados por não ser o público-alvo. “Diferentemente de pesquisas presenciais, em que a amostra é controlada antes e durante o campo, em pesquisas na *web* a amostra deve ser controlada e ajustada após o campo, uma vez que não se tem domínio de quem irá ou não receber o convite para participar da pesquisa”, explica Marina.

Após a análise dos dados coletados pelo questionário, os alunos observaram que 52,2% da população de Belo Horizonte e região metropolitana ganharam peso durante o isolamento social. Quase a mesma proporção, 52,9%, aumentaram o consumo de doces, 46,9% estão comendo mais quitandas e 26,5% aumentaram o consumo de bebidas alcoólicas. “Há mudanças significativas e coletivas sobre as bases emocionais com o aumento da incerteza e do medo, há mudanças sobre o cotidiano do trabalho, nas relações sociais. Nem todos os indivíduos reagiram da mesma forma, mas, o que podemos afirmar é que existe uma fuga social ao buscar alimentos que proporcionam maior sensação de bem-estar, como doces e massas”, explica a professora.

## Impactos na saúde física e mental

Além dos dados alimentares, a pesquisa apontou que 42,2% dos cidadãos de BH e RMBH estão praticando totalmente o distanciamento social e que 89,2% dos cidadãos sentem que a pandemia impactou com alguma intensidade a sua saúde física e mental. “Ao analisar os dados, podemos perceber que o isolamento social tem deixado as pessoas mais ansiosas, com medo de parentes e amigos adoecerem, além da incerteza quanto ao futuro e preocupação em relação à pandemia”, comenta Daniela.

A professora Marina ainda aponta que, diante do resultado da pesquisa em que pessoas em isolamento social têm ganhado peso, esse fenômeno é coletivo e não uma característica individualizada. “A maior preocupação é de que o isolamento social possa estar agravando casos de transtornos e distúrbios alimentares, além de



“Ao analisar os dados, podemos perceber que o isolamento social tem deixado as pessoas mais ansiosas, com medo de parentes e amigos adoecerem, além da incerteza quanto ao futuro e preocupação em relação à pandemia”

**Daniela Verticchio**

poder estar contribuindo para o aumento da obesidade, o que também corresponde a potencial problema de saúde pública”. Além dessa análise, Marina também chamou a atenção para o fato de como a pesquisa mostra que a desigualdade social é severa em momentos de crise sanitária. “Sabemos que a pandemia afeta a todas as classes sociais, no entanto, enquanto 37,3% das pessoas da Classe A dizem que perderam renda, esse percentual sobe para 70,8% entre os membros das classes D e E. Sociologicamente, devemos assumir que a pandemia não é democrática, e que alguns grupos sociais sofrem mais o seu efeito do que outros”.

Uma das 700 pessoas que responderam a pesquisa, Amanda Thais de Moraes Paiva, estudante

de estética e cosmetologia, não teve uma mudança drástica em sua rotina, já que não trabalha fora de casa, mas percebeu que durante a pandemia se sentiu mais estressada. “No início da pandemia estava comendo muito. Uma das principais mudanças que senti foi que estava comendo mais besteiras, mas agora tento seguir um hábito alimentar mais saudável”, diz Amanda. Por tentar comer melhor e ter uma alimentação balanceada, Amanda conta que passou a cozinhar mais, o que fez muita diferença na quarentena. “Cozinhar com frequência serviu para trazer mais consciência dos meus hábitos alimentares e preparo dos alimentos. Estou diversificando mais as receitas, buscando novos ingredientes”, conta a aluna de estética.

## IMPACTOS DA PANDEMIA | PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA



**42,2%**

dos cidadãos de BH e RMBH praticaram totalmente o distanciamento social. A maior adesão ao distanciamento é verificado entre:

**61,4%** Pessoas acima de 64 anos

**51,6%** Integrantes da classe social A

**89,2%**

dos cidadãos de BH e RMBH sentem que a pandemia impactou com alguma intensidade a sua saúde física e mental. Como reflexo:

**45,9%** Sentem pouco dispostos para executar as tarefas do dia a dia.

**44,5%**

dos cidadãos de BH e RMBH tiveram diminuição da renda mensal. Sendo este impacto sentido em:

**70,8%** Pessoas da classe D/E

**51,6%** Cidadãos da RMBH

**52,1%**

dos cidadãos de BH e RMBH ganharam peso durante o isolamento social. Os grupos que mais ganharam peso foram:

**78,8%**

Das pessoas com ansiedade e que passaram a se alimentar com mais frequência

**64,4%**

Cidadãos que disseram que tiveram a saúde física e mental muito impactada pela pandemia;

**62,5%** Adultos de 45 a 54 anos

**35,3%**

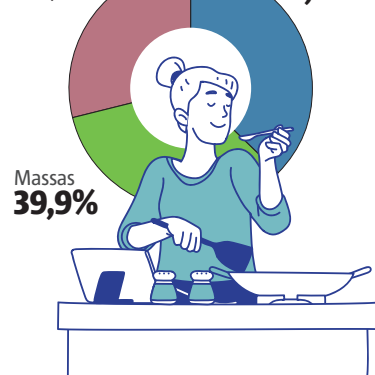
dos cidadãos de BH e RMBH se sentiram sobrecarregados com muitas atividades durante o isolamento social. Estando nessa situação:

**44,2%** Pessoas que trabalham no sistema *home office*

**39,2%** Mulheres

Alimentos que as pessoas de BH e da RMBH aumentaram o consumo:

Quitandas **46,9%** Doces **52,9%**



Sobre as bebidas alcoólicas, a cada quatro pessoas, uma aumentou o consumo de bebida alcoólica em **26,5%**

# ENSINO CARA A CARA COM OS PARASITAS

Jogo didático permite cegos aprenderem as parasitoses | **Leandro Felicíssimo**

Estudar detalhadamente cada fase de uma parasitose, seus vetores e profilaxia é fundamental na formação dos estudantes e dos cidadãos. Mas como estudar esses esquemas se não se tem um dos sentidos, a visão? Uma adaptação do famoso jogo *Cara a Cara* permite aos estudantes cegos aprenderem sobre 15 parasitoses intestinais, por exemplo, a ascaridíase, a esquistossomose, teníase, a giardíase, entre outras que integram o cotidiano, sobretudo em países subdesenvolvidos.

O *Cara a Cara com os Parasitas*, jogo interativo para estudantes cegos, foi tema de defesa recente de dissertação de mestrado, defendida no mestrado profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da PUC Minas, por Anne Bajur. A orientação foi da professora Andréa Carla Leite Chaves e coorientação da professora Adriana Gomes Dickman. Participaram do estudo professor e vários alunos do Instituto São Rafael, de Belo Horizonte.

Para Sara da Silva Teixeira, aluna do 9º ano, o jogo é superinterativo: “Eu achei o jogo legal! Bom que tem inclusão, e os deficientes podem jogar juntos!”. Vitória Gonzaga Vaz da Silva, tam-

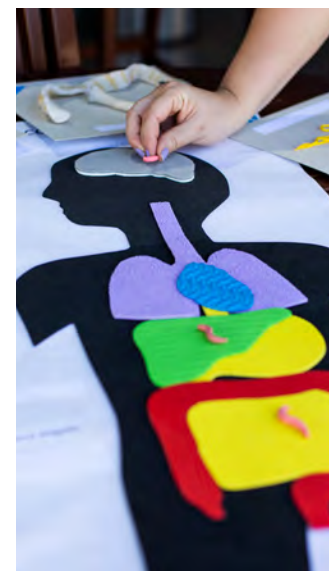
bém do 9º ano, achou o jogo bem acessível e um ótimo entretenimento.

O jogo é composto por tabuleiro (corpo humano com órgãos de EVA com diferentes texturas); modelos (parasitas confeccionados em *biscuit*); peças vermiformes em *biscuit*; 12 cartas misteriosas com dicas sobre parasitas intestinais com texto impresso e em braille; moedas para premiação dos acertos; cartão de respostas; cartão utilizado pelo professor/aplicador para marcar a pontuação dos jogadores. “Da mesma maneira que precisamos ver para lembrar as coisas, os cegos precisam tocar para lembrar”, diz a professora do Instituto São Rafael Daniele Cotta.

No jogo os modelos didáticos trazem a morfologia e os detalhes do corpo dos parasitas, feitos em tamanhos maiores para facilitar a compreensão por todos os estudantes, seja pela visão ou pelo tato. De acordo com a autora da dissertação, a presença das diferentes texturas de materiais, o uso de legendas em braille e de modelos didáticos dos parasitas permitem ao jogador cego interagir, experimentar e formular seu próprio conhecimento.

Fotos: Bruno Timóteo

Anne Bajur, autora da dissertação *Cara a Cara com os Parasitas*



Hizana Ricci Gontijo Hadad, aluna de Biomedicina no *Campus* Betim, vê o Regime Letivo Remoto como uma resposta aos desafios impostos pela pandemia da Covid-19



Bruno Timóteo

MEMÓRIA

# PUC MINAS EM MOVIMENTO

Inovação e agilidade como respostas ao cenário de pandemia  
*Bruna Santos Vida, com a colaboração de Fernando Ávila e Lorena Scafutto*

Em meio à pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus, o mundo precisou se adaptar a cenários desconhecidos e a situações desafiantes e complexas. Na PUC Minas, não foi diferente. De forma ágil e inovadora, para garantir a segurança da comunidade acadêmica sem interromper o desenvolvimento do semestre de cerca de 75 mil alunos de graduação e pós-graduação, a Universidade adotou aulas a distância por meio de sistemas como o Canvas, ambiente virtual de aprendizagem que já era utilizado pela PUC Minas Virtual, Microsoft Teams e pelo SGA (Sistema de Gestão Acadêmica), já em uso no cotidiano da Universidade. Setores, programas, projetos de extensão e de pesquisa, atividades culturais, entre outras iniciativas que antes eram realizadas presencialmente, também tiveram que migrar para o ambiente virtual. Tudo foi adaptado para o novo cenário, respeitando as normas de distanciamento com responsabilidade e seguindo a missão e os valores da PUC Minas.

Em março, foi implantado o Regime Remoto Letivo (RLR), no qual as aulas são em tempo real, por meio das plataformas, nos mesmos dias e horários que as aulas presenciais seriam realizadas, o que permite interação ao vivo com os professores e com a turma. Na sala virtual, ficam presentes apenas o professor e os estudantes matriculados na matéria e todas as aulas e disciplinas continuaram com a mesma carga horária, sem redução de tempo das aulas ou do semestre. As atividades, os trabalhos e as provas são todas realizadas no Canvas. Para a execução do RLR, que prosseguiu por todo este ano de 2020, foram criados quase 14 mil ambientes no Canvas, representando todas as turmas e grupos do Sistema de Gestão Acadêmica (SGA), envolvendo quase 40 mil alunos da graduação e mais de 1.800 professores, além da pós-graduação. A pró-reitora de Graduação da Universidade, professora Maria Inês Martins, destaca a importância do pla-

nejamento das ações desde o início do regime remoto. “Talvez o mais importante tenha sido a agilidade no treinamento e qualificação dos docentes para as aulas remotas síncronas. E, claro, também, a explicação ao alunado do funcionamento do mesmo. A PUC Minas adotou plataformas robustas para que o regime remoto se desse e se desenvolvesse”, explica.

A aluna Hizana Ricci Gontijo Hadad, que cursa o 8º período de Biomedicina na PUC Betim, vê o Regime Letivo Remoto como uma resposta aos desafios impostos pela pandemia da Covid-19. “A adoção desse regime foi a solução mais plausível para o momento que estamos vivendo. Os desafios apareceram e foi preciso reformular o ensino. Com as aulas virtuais, não perdemos o semestre letivo”, afirma Hizana. André Igor Aguiar Silva, aluno do 8º período de Sistemas de Informação da PUC São Gabriel, lembra que a transição foi rápida. “O Regime Letivo Remoto surgiu como algo inesperado. Em uma semana, a PUC tinha se adaptado ao novo regime e deu continuidade às aulas”, conta. “Está sendo desafiador, pelos vários aspectos que esse regime nos impôs de forma tão inesperada, mas acredito que tanto os alunos quanto os professores conseguiram se adaptar da melhor forma possível, mantendo o cenário de aprendizado em dia e mostrando a capacidade de todos de aprender, ensinar e auxiliar colegas e amigos em tempos difíceis”.

Outro desafio apontado pela professora Maria Inês foi reinventar as práticas docentes, uma vez que muito da lógica de aulas – tanto teóricas quanto práticas – se alterou. Para o professor Luciano Novaes, membro do colegiado do Curso de Administração do *Campus* Contagem, foi

necessário repensar todas as práticas para o regime remoto. “Foi uma adaptação custosa, mas foi vencida. E foi rápida, por causa do desejo dos professores em dar o melhor e o entendimento dos alunos de um cenário novo para todos”, explica o professor. Foram necessárias mudanças comportamentais e estruturais.

A PUC Minas está atenta aos debates e encaminhamentos, indicados pelas autoridades públicas de saúde, sobre o retorno às aulas presenciais e entende que esse processo deve se dar de modo efetivo, lúcido e transparente, zelando, acima de tudo, pela segurança de todos os envolvidos na vida escolar. Alunos e professores estão na torcida, quando permitido, pelo retorno às atividades presenciais. “Cada graduação tem suas particularidades, como, por exemplo, a necessidade de aulas práticas e laboratoriais, como é o caso da Biomedicina. Então, é claro que estamos ansiosos para que esses momentos retornem, e também estamos sentindo falta do contato diário com colegas e professores”, complementa Hizana. “Considerávamos que no início do segundo semestre de 2020 poderíamos retornar presencialmente pelo menos com as aulas prático-laboratoriais, mas nem isso foi possível. Os parâmetros de risco de infecção pela Covid-19 contraindicaram tal retorno”, diz a pró-reitora de Graduação da Universidade. Ela reforça que “a tendência, no momento em que fazemos esta entrevista (outubro), é que as aulas teóricas prossigam durante todo o semestre em regime remoto e algumas atividades prático-laboratoriais, entre outras das áreas biológicas e da saúde, que podem acontecer individualmente ou em pequenos grupos, sejam retomadas”, explica a professora Maria Inês.

Raphael Calixto

“Foi uma adaptação custosa, mas foi vencida. E foi rápida, por causa do desejo dos professores em dar o melhor e o entendimento dos alunos de um cenário novo para todos”

Professor Luciano Novaes





A primeira defesa de tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Informática da PUC Minas foi online, defendida por Carlos Renato Storck



## Pós-graduação *stricto sensu*: mudança de cultura

Os 17 Programas de Pós-graduação *stricto sensu* da Universidade, que oferecem 29 cursos de mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado, também precisaram se adaptar ao Regime Letivo Remoto. Pesquisas feitas pela Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação (PROPPg) da Universidade revelaram que a maioria desses estudantes do *stricto sensu* entendeu a necessidade de ter a migração forçada das aulas presenciais para o ambiente remoto, devido à pandemia do coronavírus. “Foi uma mudança de cultura muito grande e bem incorporada pela área de pós-graduação. E a PUC Minas fez essa migração com muita qualidade, tendo sido a primeira Universidade em Minas Gerais a adotar esse regime”, diz o pró-reitor da PROPPg, professor Sérgio de Moraes Hanriot.

Também não houve qualquer prejuízo, assim como das aulas teóricas, para as pesquisas e orientações que não envolvem laboratórios, para o desenvolvimento das dissertações e teses a serem defendidas pelos alunos. “Agências

de financiamento como Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) deram maiores prazos para os bolsistas, bem como a PUC Minas, para que eles terminem seus trabalhos”, lembra Sérgio Hanriot.

Para o pró-reitor, outro horizonte que se descortina é o de que as defesas de dissertações e teses, que em sua maioria na PUC Minas eram presenciais, devem se propagar com bancas examinadoras virtuais. Para ele, o Regime Letivo Remoto conseguiu quebrar barreiras psicológicas e tecnológicas, acelerando as mudanças. A primeira defesa de tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Informática da PUC Minas foi online. Carlos Renato Storck, autor da tese, conta que nunca imaginou fazer a defesa de forma virtual. “A experiência foi legal. Apesar de alguns ruídos durante a apresentação, o trâmite ocorreu normalmente como se fosse uma defesa presencial”, lembra.

## Protocolos de segurança

Para garantir a segurança de todos, as equipes das pró-reitorias de Infraestrutura e de Graduação, juntamente com a diretoria do Instituto de Ciências Biológicas (ICBS), elaboraram protocolos para o retorno seguro às atividades. A elaboração de protocolos e as medidas para o retorno são validados pelo Comitê de Monitoramento do Coronavírus na PUC Minas. “A preocupação central do Comitê é a preservação da vida, de todos os membros da Comunidade Acadêmica. Todos os nossos esforços são para que possamos retomar as atividades de forma gradual e escalonada, quando isto for autorizado pelas autoridades locais, da forma mais segura possível para todos”, destaca o professor Paulo Roberto de Souza, chefe de Gabinete da Reitoria e coordenador do Comitê.

O documento considera as legislações municipais, estaduais e federais sobre o novo coronavírus, assim como as documentações de órgãos internacionais para o retorno às atividades, como a Organização das Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde e também do Centro de Controle e de Prevenção de Doenças de Atlanta (CDC). Devido às novas descobertas relacionadas ao vírus, as medidas são dinâmicas, podendo sofrer mudanças. “A capacitação e treinamento constantes das equipes devido às alterações da legislação e normativas, a compra de materiais e equipamentos de segurança em um cenário de falta de produtos e mercadorias, e o planejamento de ações visando ao futuro retorno de suas atividades presenciais, quando devidamente permitido pelas autoridades, são alguns dos nossos desafios”, explica o pró-reitor de Logística e Infraestrutura da Universidade, professor Rômulo Albertini Rigueira.

“A preocupação central do Comitê é a preservação da vida de todos os membros da Comunidade Acadêmica”

Professor Paulo Roberto de Souza, chefe de Gabinete da Reitoria e coordenador do Comitê

Diversas adequações já foram realizadas nos campi e unidades da PUC Minas para atender às novas exigências, impactando no cotidiano da comunidade acadêmica. Alguns exemplos são o uso permanente de máscaras; criação de rotas de acesso, medição de temperatura e instalação de equipamentos de higiene e segurança nos acessos dos campi e unidades; distribuição de equipamentos de proteção individual (EPIs) e demais equipamentos de segurança para os profissionais em atividade presencial dos serviços essenciais; planejamento, elaboração de projetos e adaptação de laboratórios (demarcação do distanciamento seguro, mobilização de mobiliário e sinalização); adequação dos laboratórios e dos setores administrativos de acordo com os protocolos da Universidade; e adequação da infraestrutura nas bibliotecas para devolução de livros e das clínicas de Odontologia.

No contexto da pandemia de Covid-19, os cursos do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) construíram protocolos que representam um redesenho de suas atividades práticas intramuros em clínicas, laboratórios e outros cenários de prática (como o Complexo Esportivo), com a criação de novos fluxos e processos, visando ao desenvolvimento de aulas práticas presenciais de forma segura, que foram permitidas pelas autoridades municipais de saúde para este início de novembro.

Medição de temperatura e instalação de equipamentos de higiene e segurança nos acessos dos campi e unidades são algumas das adequações nos campi e unidades no contexto da pandemia

Fotos: Raphael Calixto



# Extensão em ambiente virtual

No segundo semestre de 2020, 63 projetos de extensão estão sendo realizados em regime remoto, nos diversos *campi* e unidades, incluindo os projetos vinculados ao programa de extensão PUC Minas e Brumadinho – Unindo Forças. Ao todo, participam 479 extensionistas, sendo 218 beneficiários de bolsa e 261 voluntários. Para este semestre, as atividades remotas foram aprimoradas e, conquistando a adesão de professores, estudantes e dos diversos públicos com os quais a extensão trabalha e dialoga, outros projetos se adaptaram à nova realidade. “Tivemos que nos

reinventar e convidar as instituições, comunidades, grupos de pessoas, associações de artesãos e outros profissionais a interagirem conosco de forma remota, com a utilização da internet, mas sem abrir mão das diretrizes e princípios básicos da extensão universitária”, explica o pró-reitor de Extensão, professor Wanderley Chieppe Felipe.

Em todos os *campi* e unidades da PUC Minas, as atividades de extensão foram adaptadas. Exemplo disso foram os projetos desenvolvidos com idosos para adaptação ao WhatsApp, pela facilidade que esse segmento tem para acessar o aplicativo pelo celular por já usarem a plataforma. Os extensionistas e professores encaminham as atividades do dia para os integrantes. Como o sucesso foi grande no primeiro semestre, as atividades foram mantidas e fortalecidas no segundo semestre. Neide Lommez, participante do PUC Mais Idade Juntos, da Unidade São Gabriel, conta que o projeto tem contribuído muito para esse momento da pandemia. “Antes, mal sabia ligar e atender ao telefone. Hoje, já aprendi muitas coisas. Tenho muito ainda o que aprender, mas já melhorei demais”, conta.

Raphael Calixto



Neide Lommez, participante do PUC Mais Idade Juntos, da Unidade São Gabriel, conta que o projeto tem contribuído muito para esse momento da pandemia

## REINVENÇÃO DA UNIVERSIDADE

Alguns exemplos de atividades e eventos que se adaptaram aos desafios impostos pela pandemia

### PASTORAL UNIVERSITÁRIA

A Pastoral Universitária criou novas formas para cumprir sua missão, ampliou seus canais de escuta e solidariedade por meio do atendimento telefônico e por e-mail. Destaque para o espaço no Canvas, em parceria com a PUC Minas Virtual, aberto aos alunos e professores com o objetivo de promover o diálogo, a reflexão e interação com a comunidade acadêmica. Foram criados grupos de vivência no WhatsApp e no Microsoft Teams para levar mensagens de alegria, fé e esperança entre os funcionários e alunos.

### INFORMAÇÃO

O acesso à informação de qualidade é importante para o enfrentamento de uma pandemia. A Secretaria de Comunicação desenvolveu diversos materiais para esclarecer a comunidade acadêmica. Alguns deles: o site [pucminas.br/coronavirus](http://pucminas.br/coronavirus),

no qual é possível encontrar informações do que acontece dentro e fora da PUC relacionado à Covid-19; a newsletter da quarentena, com periodicidade quinzenal, voltada a funcionários técnico-administrativos, com dicas de saúde, entretenimento, produtividade e outras informações que possam promover bem-estar e ajudar seus leitores a passar por essa pandemia da melhor forma possível.

### FORMATURAS

Em julho de 2020, foram realizadas 12 colações de grau online, envolvendo cerca de três mil alunos, com transmissão pelo YouTube. O objetivo foi viabilizar a assinatura da ata e entrega da declaração de conclusão de curso para os que dela precisaram.

### ARTE

As apresentações dos alunos da Escola de Teatro foram transmitidas ao vivo pela internet e estão disponíveis no canal da Escola no [youtube.com/escoladeteatropucminas](http://youtube.com/escoladeteatropucminas). O Prêmio Literário e o Festival da Canção PUC Minas, promovidos pela Unidade São Gabriel, ambos em sua terceira edição, também foram adaptados para o formato online: das inscrições até a premiação. A Faculdade de Psicologia (Fapsi) da PUC Minas tem desenvolvido o *Arte para Acheigar*, uma das ações para promover a saúde mental durante o período de isolamento social devido à pandemia de Covid-19. Toda a comunidade acadêmica pode participar enviando textos e vídeos de músicas, danças, poesias pelos perfis no Instagram e no Facebook (@fapsi.pucmg). As obras podem ser conferidas no canal da Faculdade.

### EVENTOS E PROGRAMAS

Os eventos também foram migrados para o formato online. A Semana de Ciência, Arte e Política, da PUC São Gabriel, o Seminário de Iniciação Científica, da PROPPG, o Seminário e a Mostra de Extensão Universitária, da Proex e inúmeros eventos dos Institutos e Faculdades são exemplos disso. Vale destacar o *Icei Talks*, conferências online criadas pelo Instituto de Ciências Exatas e Informática, que apresenta temas emergentes da área de ciências exatas e tecnologia semanalmente. Os programas de relacionamento realizados pela Secom também foram adaptados, como o *PUC Minas com Você*, com o objetivo de promover o relacionamento entre a Universidade e os seus diversos públicos, e o *PUC Aberta*, com o objetivo de apresentar a Universidade e os cursos de graduação aos jovens egressos do ensino médio.



## MEDICINA

# APOIO SÓLIDO À SAÚDE EM POÇOS

PUC Minas investe R\$1,2 milhão em equipamentos para unidades de saúde no município | **Beatriz Reis**

Com o auxílio da PUC Minas Poços de Caldas, que realizou um investimento de R\$1,2 milhão, a prefeitura do município conseguiu equipar e colocar em funcionamento o Hospital de Campanha para receber pacientes com Covid-19. O Hospital conta com 30 leitos, sendo 20 deles de clínica e 10 de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Também conta com uma unidade ambulatorial, que atende os pacientes que antes eram encaminhados para os Postos de Saúde da Família (PSFs) e para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Além disso, parte dos equipamentos comprados pela Instituição foi destinada a outras unidades de saúde do município, que pertencem ao Sistema Único de Saúde.

A iniciativa faz parte do plano de contrapartida à estrutura de serviços, ações e programas de saúde do SUS, que o Curso de Medicina do *Campus* tem com a cidade. De acordo com o secretário municipal de Saúde, Carlos Mosconi, a PUC Minas tem sido uma grande parceira de Poços de Caldas. “O Hospital de Campanha foi montado, em boa parte, com recursos provenientes da Instituição. Trabalhar com a PUC dá a todos nós a sensação de resolutividade e credibilidade em suas ações”, afirma o secretário.

A Universidade adquiriu Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como máscaras, aventais descartáveis e luvas de procedimento, álcool em gel, termômetros infravermelho digitais, oxímetros e filtros para aparelhos respiratórios, além dos ventiladores e monitores que foram produzidos para solucionar a carência de ventilação mecânica nos hospitais com pacientes que tenham o vírus.

O pró-reitor adjunto da PUC Minas Poços de Caldas, professor Iran Calixto Abrão, avalia essa parceria da Instituição com o município de maneira muito positiva. “Desde o início do Curso de Medicina na PUC, a Universidade vem fornecendo equipamentos, capacitação aos profissionais, entre outras ações. E durante a pandemia da Covid-19 não foi diferente. Não medimos esforços para auxiliar o município, por meio da contrapartida, comprando materiais para o Hospital de Campanha e demais Unidades de Saúde e também diversos equipamentos para auxiliar os profissionais que estão trabalhando na linha de frente”, assinala o pró-reitor.

O Hospital de Campanha fica no centro de Poços de Caldas, nas antigas instalações do Hospital São Domingos, desativado há alguns anos.

O Hospital de Campanha, em Poços de Caldas, foi montado, em boa parte, com recursos provenientes da PUC Minas

CIÊNCIAS GERENCIAIS

# GESTÃO SOLIDÁRIA

Iniciativas dão suporte a empreendedores para superar desafios econômicos da pandemia  
**Beatriz Reis e Bruna Santos Vida**

**N**enhum setor econômico foi poupado dos impactos da pandemia de Covid-19, como se sabe. Mas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as perdas foram maiores entre as empresas de pequeno porte, com até 49 funcionários: a pesquisa, divulgada em julho, aponta que 70,9% reportaram redução nas vendas. Para auxiliar esse segmento a enfrentar os enormes desafios impostos pela atual crise sanitária, cursos da PUC Minas criaram projetos de orientações e assessoramento nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.

O projeto Gestão Solidária, criado pelo Instituto de Ciências Gerenciais e Econômicas (Iceg) da Universidade, vem atuando desde o início da pandemia, dando suporte, de forma remota, por meio do aconselhamento aos empresários. “O empresário entra em contato com a equipe que identifica qual a necessidade dele – se é na área de marketing, vendas, financeira, gestão de equipe. A partir disso, direcionamos a demanda ao professor que tem expertise nessa área”, explica o idealizador e coordenador da iniciativa, professor Osvaldo Maurício de Oliveira. O professor especialista orienta o empresário com dicas e assessorias. “Não vamos conseguir resolver a vida desse empresário. Mas a gente dá uma luz para que ele possa ir para um caminho mais adequado”, diz o professor Osvaldo.

O *Gestão Solidária* é uma ação da Ideias - Incubadora de desenvolvimento econômico e social, projeto do Iceg com fomento da Pró-reitoria de Extensão, e atendeu, no primeiro semestre de 2020, 30 empresários, na Região Metropolitana de Belo Horizonte e em Arcos, oferecendo orientações e dicas de professores nas diversas áreas da Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.

A professora Soraya Pongelupe, coordenadora do Escritório Ideias na PUC Minas São Gabriel e uma das orientadoras no Gestão Solidária, explica que os empreendedores, geralmente, buscam nas



Bruna Silva, idealizadora da RB Semijoias, foi uma das assessoradas pelo projeto Gestão Solidária, por equipe integrada pelo aluno Tiago de Cerqueira Alves

Raphael Calixto

assessorias um repensar dos seus modelos de negócios, avaliando as estratégias financeira e mercadológica do negócio. “É gratificante participar desse processo dinâmico e colaborativo, no qual o aluno desenvolve seu aprendizado de forma completa; e ao mesmo tempo contribuímos para a manutenção de negócios e empregos”, conta.

As demandas mais recorrentes ao *Gestão Solidária* no semestre passado foram na área de marketing e vendas. “É factível entendermos isso, porque a receita do empresário vem do cliente. Como ele não está com acesso a esse cliente, é preciso saber como chegar até ele, como vendas online, mídias digitais. Enfim, todos esses desafios para os quais o empresário não estava preparado e que a pandemia gerou”, explica o professor Osvaldo.

Bruna Silva, idealizadora da RB Semijoias, há 11 anos no mercado no segmento de atacado e varejo, foi uma das assessoradas pelo projeto Gestão Solidária. “A pandemia fez com que tivéssemos um novo olhar dentro da empresa, principalmen-

te nos processos digitais e com a experiência do cliente. E com tudo parado, loja fechada, precisávamos nos reinventar”, conta.

A RB Semijoias implantou as sugestões desenvolvidas pelo grupo e já está colhendo os frutos dessa parceria. “A partir das pesquisas e análises apresentadas pelo grupo, conseguimos fazer investimentos na parte de tecnologia para melhorar nossa entrega no digital, a pensar na experiência do cliente, a ter mais empatia. Não tenho ainda dados para informar, mas os resultados já existem e são muito positivos”, comemora.

Tiago de Cerqueira Alves, aluno do 8º período do Curso de Administração da PUC Minas São Gabriel e integrante da equipe que aconselhou a RB Semijoias, diz que o Gestão Solidária foi uma oportunidade de colocarem em prática os conceitos aprendidos nas aulas. “Na maioria das vezes, as empresas não têm condições financeiras de pagar uma consultoria. No final das contas, a empresa é beneficiada por ter esse suporte, e nós, alunos, também”, explica.

## Atuação também em Poços

Iniciativa semelhante também foi desenvolvida pelo Curso de Administração do *Campus Poços de Caldas*. “As pequenas e microempresas, de acordo com o Sebrae, representam cerca de 99% do total de empreendimentos do país. E muitos dos empreendedores vislumbram dificuldades enormes para manutenção dos negócios durante esse período de pandemia e também nos próximos anos, até que o cenário econômico tenha um fôlego”, diz o coordenador do curso, professor Vinicius Generoso Monteiro, explicando a importância das orientações a esse segmento relativas à área de gestão.

O processo de aconselhamento do curso trouxe fôlego novo a Cláudia Passos, microempreendedora individual na área da gastronomia, que precisou se reinventar e inovar com a chegada da pandemia. “Quando as pessoas começaram a ficar desempregadas e as encomendas começaram a diminuir, eu temi pelo meu serviço. Quando busquei pelo aconselhamento, eu procurava um olhar de fora, um olhar crítico que pudesse me auxiliar profissionalmente, para que eu pudesse dar continuidade ao meu trabalho, mesmo diante dessa situação”, afirma Cláudia.

Um dos responsáveis pelo aconselhamento à microempreendedora, o aluno Luiz Filipe Santos, do 4º período, comenta que a principal preocupação dela, além de sobreviver à pandemia, era como inovar e prospectar mais clientes. “Ela queria ter

um diferencial para seu público e ser mais notada no seu ramo de atuação. Com essas informações, aconselhamos sobre o foco em um produto para ser o carro chefe, além do uso e divulgação por meio das redes sociais”, explica Filipe.

O resultado para Cláudia foi muito positivo. “Trouxe frescor, ideias novas e novas ações. Com esse projeto, mesmo atravessando uma pandemia, eu consegui manter o meu ritmo de vendas. Agora o trabalho continua, em busca de novos desafios e novas metas”, finaliza.



Felipe Pádua

## SAIBA MAIS

De acordo com a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei nº 123/2006), é considerado pequeno negócio no Brasil o microempreendedor individual (MEI) que tem a receita bruta anual de até R\$81 mil. Uma microempresa que tem a receita de até R\$360 mil. E a pequena empresa que tem a receita bruta anual de R\$360 mil a R\$4,8 milhões.

O professor Vinicius Generoso Monteiro acompanha, no vídeo, o assessoramento dos alunos Luiz Filipe Santos e Bruna Meloni à empresária Cláudia Passos



ARTIGO | \*MARIA DA CONSOLAÇÃO GOMES DE CASTRO

# PANDEMIA E PATOLOGIAS SOCIAIS: RETROCESSOS OU NOVAS CHANCES?

Uma reflexão sobre a importância do Estado em sociedades desiguais

É assustador saber que no início de outubro de 2020, após sete meses de pandemia causada pelo vírus Sars-CoV-2 no Brasil, o número de vidas perdidas já ultrapassava 150 mil e, de pessoas contaminadas, mais de cinco milhões. Quantas vidas mais serão perdidas até o final da pandemia? Quantas pessoas mais serão contaminadas e sairão com vida? O que o Estado tem feito para minimizar os impactos dessa doença em nosso país? Que importância ganham as políticas sociais neste cenário de crise sanitária? São temas que merecem nossa atenção e reflexão. Começo por manifestar meus sentimentos e solidariedade a todas as famílias que perderam entes queridos (pessoas, seres humanos e não apenas números, como pensam alguns) nessa pandemia. Minha solidariedade também aos milhões de trabalhadores e trabalhadoras que ficaram sem seus empregos, agravando mais ainda a situação de vulnerabilidade em que vivem e, em outros casos, a

situação de extrema pobreza, ou seja, nenhuma condição de seguir as orientações dos órgãos de saúde. Como é o caso das famílias que vivem em aglomerados, ocupações, assentamentos, comunidades quilombolas, comunidades indígenas dentre outras, que não possuem o privilégio de manter o isolamento social, pois suas moradias são extremamente precárias, com espaço exíguo; não possuem saneamento básico adequado para as condições de higiene que previnem contra o vírus. Alguns possuem acesso a trabalho e/ou estudo em condições remotas, mas a maioria não tem essa alternativa, como no caso da educação básica, na qual houve uma brusca interrupção, prejudicando milhões de crianças, adolescentes e jovens em todo o país. Vivemos tempos de incerteza, de insegurança pessoal, social e política. A pandemia revelou a gravidade dos problemas sociais, especialmente os sintomas da desigualdade que hoje evidenciam uma doença social.

Segundo o economista e professor da Unicamp, Guilherme Mello, o Brasil é “um país tão desigual e com renda polarizada nos muito ricos, que o ideal seria pensar em uma “renda básica” universal para os pobres, ou seja, um complemento de renda suficiente para retirar as pessoas da pobreza” (entrevista à IHU.Unisinos On-Line, 2020). O mesmo autor afirma que ao “criar um benefício que garanta que o cidadão não irá adentrar a pobreza, isso reduz a vulnerabilidade a que ele está sujeito, aumentando também a possibilidade dele se colocar no mercado de trabalho de maneira menos precária”. Diante desse cenário, tornou-se impossível pensar em Estado mínimo ou Estado de bem-estar baseado em arrecadações elevadas, com estrutura que privilegia os impostos indiretos, como a proposta da nova CPMF, a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, em lugar de buscar a justiça fiscal taxando os que mais acumulam, via impostos sobre as grandes fortunas. O auxílio emergencial, concedido pelo governo federal às pessoas de baixa renda e aquelas que viviam do trabalho informal, conforme estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (mais exatamente pelos professores Lauro Gonzalez e Bruno Barreira - FGV EAESP/julho 2020), contribuiu para garantir a sobrevivência daqueles que têm a renda *per capita* abaixo de meio salário mínimo, ou seja, 13,1 milhões de pessoas no país. Essa medida prova a importância do Estado assumir o seu papel. Sobre esse tema, a professora Laura Carvalho, da USP em recente jornal daquela universidade, ressalta que o Estado possui cinco funções: “[...] o de estabilizador da economia, investidor em infraestrutura física-social, protetor dos mais vulneráveis, provedor de serviços e empregador” (recomendo a leitura do livro da professora Laura Carvalho, *Curto-Circuito: O Vírus e a*

*Volta do Estado*, Ed. Todavia/2020). Muitos líderes políticos e o próprio governo há pouco tempo, em 2017, defendiam cortes nas políticas sociais, votando, inclusive, a Emenda Constitucional 95, que congelou os gastos públicos por 20 anos, o que teve impacto direto sobre a saúde e educação. Essa medida, muito debatida por toda a sociedade civil e segmentos partidários, significa provocar a morte das políticas públicas de um campo social já doente por falta de investimentos. Interessante é que no contexto da pandemia, esses líderes, passaram a defender os sistemas públicos de saúde e o aumento de gastos públicos. Diante disso, pergunto: o que seria dos brasileiros sem o Sistema Único de Saúde, sem o Sistema Único de Assistência Social, sem a tecnologia do Cadastro Único e a experiência acumulada nas últimas décadas com o Bolsa Família e Brasil Sem Miséria? Termino, deixando provocações para discutirmos em diferentes espaços que frequentamos. Com os sofrimentos, perdas e aprendizados da pandemia, ainda vamos defender a ideia de um Estado Mínimo? Vamos permitir que o congelamento dos gastos públicos continue, no momento em que está claramente demonstrado que precisamos de maiores investimentos nas políticas sociais para atender com dignidade as demandas da população? Será que não precisamos de um estado fortalecido e democrático para garantir melhores condições de vida para todos os brasileiros? Será que a pandemia não está nos implorando que resignifiquemos nosso modo de viver do individual para o coletivo? Da apatia para a movimentação em favor da vida humana e da vida planetária? O que queremos? Que sociedade queremos construir? Que planeta queremos habitar?

\*Coordenadora do Curso de Serviço Social da PUC Minas

ESPECIAL

# O MUNDO PÓS-PANDEMIA

Especialistas refletem sobre os impactos gerados pelo coronavírus no trabalho, na educação, na sustentabilidade, no comportamento e na arte e cultura | **Michelle Stammel** \*

Desde março deste ano, quando se intensificou a pandemia provocada pelo novo coronavírus, o mundo não é mais o mesmo. Empresas se adaptaram rapidamente para o ambiente remoto, aulas foram suspensas, hábitos de consumo foram revistos, o modo de se relacionar com as pessoas e com a vida foi alterado. A ruptura do mundo como conhecíamos, e que, já sabemos, não voltará a ser como antes, foi capaz de nos fazer questionar a direção para a qual caminhá-

mos? O distanciamento social, a angústia e o medo causados pelas perdas de vidas, provocadas pelo vírus em todo o planeta, foram e serão capazes de nos fazer refletir e mudar nossa postura em relação a nós mesmos, ao outro, à sociedade e ao planeta? Nesta edição, convidamos especialistas para analisarem o que a pandemia deixará de aprendizado para as áreas de educação, trabalho, comportamento, sustentabilidade, arte e cultura.



## TRABALHO

Trabalho híbrido, domínio das tecnologias e desenvolvimento de novas habilidades são apostas dos especialistas para o futuro do trabalho

Uma parte da nossa concepção de mundo deixou de existir após o coronavírus. Tendências e inovações, que há anos engatinhavam, foram aceleradas. É o caso do teletrabalho. Pesquisa da Fundação Instituto de Administração (FIA) da Universidade de São Paulo, realizada em abril deste ano, aponta que 46% das empresas adotaram a modalidade, também conhecida como *home office*, como estratégia para continuarem ativas durante a pandemia. Apesar das dificuldades iniciais para implantação que, segundo a pesquisa, atingiu 67% das empresas participantes do estudo, especialistas apostam que o teletrabalho veio para ficar. Não de forma integral como durante a pandemia, mas no formato pendular, com dias alternados entre remoto e presencial. Esta tendência acontece porque as empresas entenderam que o teletrabalho é possível e mais lucrativo, uma vez que reduz custos. Também os trabalhadores aprovaram fortemente esta modalidade de trabalho. Pesquisa realizada pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA – USP) mostra que, em abril, 70% das 1,3 mil respondentes aprovaram a experiência e gostariam de continuar trabalhando em casa. Mas o que o futuro do trabalho nos reserva?

Para o professor Wilson Amorim, pesquisador da área de Gestão de Pessoas em Organizações da FEA-USP e um dos coordenadores da pesquisa, a curto e médio prazos o cenário não é dos melhores. Para Amorim, a aceleração do teletrabalho acontece em um momento de fragilidade do trabalho. “Vamos tendo um mercado de trabalho com muito menos proteção aos trabalhadores. Uma reestruturação trazida pela tecnologia com respaldo de flexibilização do ponto de vista legal, com a nova legislação trabalhista que entrou em vigor em 2017. O trabalho no Brasil está sob pressão. A junção disto tudo é que as instituições focadas no trabalho no Brasil perderam protagonismo, foram muito enfraquecidas”, analisa Wilson. Para o pesquisador, a pandemia deixou tudo isso mais evidente. “A curto e a médio prazos,

Acervo pessoal



O trabalho no Brasil está sob pressão. A junção disto tudo é que as instituições focadas no trabalho no Brasil perderam protagonismo, foram muito enfraquecidas”

**Professor Wilson Amorim, da FEA-USP**

teremos mais tecnologia, mudanças estruturais no mercado de trabalho, com afunilamento para poucas vagas de boa qualificação e boa contratação e muitas vagas, quando surgirem, de baixa qualificação e baixa remuneração. Tem uma segmentação muito forte no mercado entre os trabalhadores qualificados e os trabalhadores menos qualificados”, destaca. Mais qualificado, neste novo cenário, significa principalmente aquelas pessoas que estão trabalhando vinculadas às novas tecnologias, direta e indiretamente. “Quem está trabalhando diretamente está em uma atividade melhor remunerada, de maior densidade de conhecimento. Quem está trabalhando indiretamente vai ficando na periferia disso”, pondera.

Para o professor Sandro Márcio da Silva, coordenador dos cursos de especialização e MBA em Gestão Estratégica de Pessoas do Instituto de Educação Continuada da PUC Minas, o *home office* pode acelerar a tendência de contratos de trabalho por tarefa. “Desde 2017, a lei já permitia o contrato do trabalho intermitente. Já estava em curso uma mudança no caráter de trabalho. Cada vez menos emprego e cada vez mais trabalho”, ressalta.

# Potencial para adoção do teletrabalho

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apontam que o Brasil tem potencial para adoção do teletrabalho, se aplicando às atividades de mais de 20 milhões de trabalhadores e representando 22,7% das ocupações nacionais. Os grupos com maiores probabilidades de teletrabalho são os de profissionais de ciências e intelectuais (65%), diretores e gerentes (61%) e técnicos e profissionais de nível médio (30%). “A pandemia vem em um momento muito especial para o trabalho e vai acelerar algumas tendências, como o trabalho remoto”, aposta o professor do Programa de Pós-graduação em Administração da PUC Minas Antônio Moreira. “Com essa pandemia, entrou na pauta do trabalhador o trabalho remoto. E não tem volta ao que era. Que o presencial voltará, é certo, porque somos seres humanos e precisamos do contato com o outro. Mas vai mudar”, afirma.

Porém, especialistas apostam em um modelo híbrido para o teletrabalho no Brasil. “Anteriormente tínhamos predominantemente o modelo presencial. Passamos durante a pandemia pelo modelo de trabalho a distância. Acredito que chegaremos a um modelo pendular, em que as

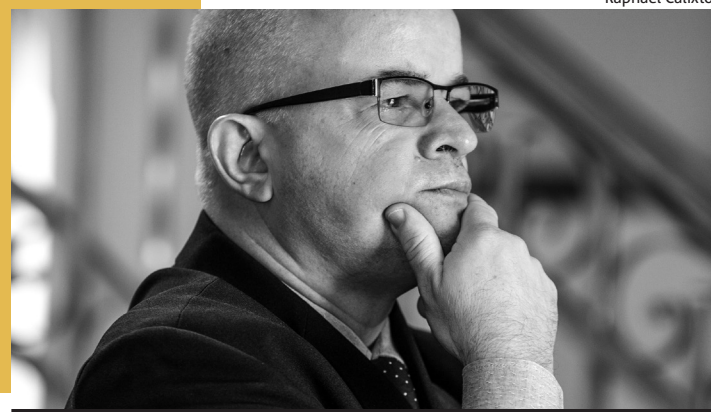
peças trabalham parte da jornada em casa e outra parte na empresa”, explica o professor Sandro Márcio. “A pandemia nos ajudou a repensar tabus. O que estava na pauta de discussão anos a fio teve que acontecer em questão de semanas. Empresas que nunca projetaram isto, vencidas as dificuldades iniciais, se adaptaram ao teletrabalho”, afirma.

Para a professora Raquel Furtado, coordenadora de Desenvolvimento de Carreiras da PUC Carreiras, diretoria da PUC Minas voltada para apoiar alunos e egressos em seu desenvolvimento de carreira e empregabilidade, havia um temor muito grande das empresas em adotar o teletrabalho devido à falta de controle sobre o funcionário. “A pandemia mostrou que as pessoas podem ser sérias e comprometidas e que tentaram fazer o seu melhor. Por isso, acho que vamos ver uma grande mudança, pois o *home office* se mostrou possível e eficiente”.

Para o professor Wilson Amorim, com o tempo, as proporções do trabalho remoto se ajustarão. “Já percebemos que em determinadas situações o *home office* funciona bem, os trabalhadores estão satisfeitos, a pesquisa apontou isso entre os trabalhadores mais qualificados. Agora, não quer dizer que isso seja bom para eles e que seja bom para a empresa, também não quer dizer que daqui a seis meses, quando a pandemia acabar, a gente vai ter essa mesma condição”, contextualiza.

Além de eficiente, as empresas descobriram que há outras vantagens no teletrabalho relacionadas à redução de custos da manutenção de estrutura fixa e ampliação das possibilidades de contratação de pessoas. “Já temos percebido este movimento das empresas nas vagas que chegam para contratação na PUC Carreiras. A contratação de profissionais sem as barreiras geográficas já é uma realidade”, destaca Raquel.

Para o professor Sandro Márcio, a possibilidade de as empresas contratarem profissionais de várias partes do Brasil e do mundo elevará o nível de cobrança nos processos seletivos. “O profissional sem qualificação vai perder espaço em escala global e a pessoa que se preparou vai concorrer também em escala global. A barreira geográfica acabou. Vai mudar radicalmente o mundo do trabalho”, avalia. “Penso também que o trabalho remoto possa vir a ser um critério de exclusão. A pessoa que não tem habilidade ou disponibilidade para trabalhar desta forma pode vir a ser considerada inadequada para o trabalho”.



Raphael Calixto

“A pandemia nos ajudou a repensar tabus. O que estava na pauta de discussão anos a fio teve que acontecer em questão de semanas. Empresas que nunca projetaram isto, vencidas as dificuldades iniciais, se adaptaram ao teletrabalho”

**Professor Sandro Márcio**, coordenador de cursos da área de Gestão de Pessoas

## EDUCAÇÃO

### Falta de acesso à internet e de investimento na qualificação de docentes para o uso das tecnologias digitais comprometem avanços na educação brasileira

A pandemia da Covid-19 afastou das salas de aula mais de 1,5 bilhão de estudantes em 165 países, de acordo com dados da Organização Mundial das Nações Unidas (ONU). No Brasil, informações do Instituto DataSenado demonstram que, dos quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior, 35%, ou seja, 19,5 milhões, tiveram as aulas suspensas e outros 32,4 milhões, que representam 58%, passaram a ter aulas remotas. Migrar as aulas do ensino presencial para as plataformas digitais foi uma solução frente à emergência que se instalou para que não houvesse interrupção das aulas durante o período de escolas fechadas. Mas de que forma o uso das plataformas digitais durante o período da pandemia influenciará o futuro da educação em um mundo em que o trabalho e a vida cotidiana estarão cada vez mais relacionados à tecnologia?

Para especialistas em Educação, podemos caminhar ou não para um ensino híbrido (em que há uma mistura entre presencial e digital) ou telepresencial (aulas síncronas utilizando dispositivos digitais) de qualidade, dependendo de como a experiência que tivemos durante a pandemia será utilizada. “Podemos falar que a valorização das tecnologias digitais e da comunicação, que antes eram apenas acessórias, às vezes até aleatórias, do ponto de vista da presencialidade, passam a ser complementares. Este é o grande salto. Mas vai levar um tempo. E é preciso haver transição e a qualificação da infraestrutura”, afirma o filósofo e professor do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas Carlos Roberto Jamil Cury. Para o docente, caminhamos para um modelo de ensino híbrido, mas que precisa ser qualificado estrutural e profissionalmente. “Para que haja de fato o hibridismo e para que seja qualificado, é preciso que tanto alunos quanto professores tenham acesso, domínio e capacidade de efetivar este domínio. Nós descobrimos que a telepresencialidade e o ensino a distância têm virtudes e valores. Vão consistir, doravante, num recurso de qualidade desde que alunos e pro-



Arquivo pessoal

fessores tenham acesso, domínio e capacidade de efetivar este domínio”, afirma.

Uma das principais barreiras para o avanço no uso da tecnologia na educação no Brasil passa pela falta de acesso qualificado à internet. Dados de 2018, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram que o percentual de utilização do microcomputador nos domicílios em que havia acesso à Internet era de apenas 48,1% e que o telefone celular estava próximo da totalidade como o meio principal de acesso à internet, chegando a 99,2% dos lares com acesso à rede. O envio e recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos é o principal objetivo de acesso à internet indicado por 95,7% das pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizavam a rede. “A pandemia mostrou que a distribuição do acesso à internet no Brasil acompanha as desigualdades. Aluno que tem WhatsApp não acompanha uma aula remota. A grande desigualdade de acesso à internet também exacerbada as desigualdades já acentuadas na escola brasileira. Neste sentido, a pandemia tem sido pedagógica. Tem mostrado que o fato de termos o celular não permite acompanhar a informação, produzir informação ou acompanhar uma aula. Para acompanhar uma aula é preciso ter internet robusta e isso as populações vulneráveis não têm”, destaca o professor Luciano Mendes, secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência Minas e coordenador do projeto Pensar a Educação, Pensar o Brasil - 1822/2022, iniciativa desenvolvida em rede por mais de uma dezena de instituições universitárias do Brasil.

Já para Andréia de Assis Ferreira, coordenadora da linha de pesquisa Mediação das Tecnologias Di-

**Professor Luciano Mendes**, coordenador do projeto Pensar a Educação, Pensar o Brasil: “A pandemia tem sido pedagógica. Tem mostrado que o fato de termos o celular não permite acompanhar a informação, produzir informação ou acompanhar uma aula. Para acompanhar uma aula é preciso ter internet robusta e isso as populações vulneráveis não têm.”



Arquivo pessoal

Para a professora Andréia de Assis Ferreira, além do acesso à tecnologia, o mais importante é ter uma qualificação de professores e alunos para uso adequado destes recursos tecnológicos

gitais no ensino e desenvolvimento profissional de professores do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, somada à dificuldade de acesso aos dados está a falta de qualificação para a interpretação das informações. “O que foi evidenciado pela pandemia, que nós docentes já sabíamos, é que, além do acesso à tecnologia, o mais importante é ter uma qualificação, um ambiente para utilização deste recurso. A tecnologia propicia a informação, mas para transformar isso em construção do conhecimento é preciso a mediação do professor”, pondera. Para Andréia, o que as pesquisas na área têm mostrado há muito tempo é que um dos fatores decisivos para mediação das tecnologias na produção do ensino e aprendizagem é a formação dos professores. “E essa formação não é só uma capacitação, um treinamento, é num aspecto muito amplo. A chave é o docente ter um papel ativo na própria formação”, completa.

Para o cenário pós-pandemia, Andréia visualiza duas possibilidades. “Numa abordagem otimista, essa pandemia vai trazer algo rico para o ensino se conseguirmos nos apropriar destas potencialidades das tecnologias. Potencialidades de permitir esses momentos em rede, um maior número de acesso a bens culturais que não temos presencial-

mente, como visitas a museus e a espaços formativos e culturais. Se conseguirmos nos apropriar da interação, da lógica, do pensamento computacional que vivenciamos nos aplicativos e nos recursos educacionais da tecnologia”, explica. Ela destaca, ainda, outro ganho da pandemia, que foi o de criar um espaço comum a professores e alunos em que ambos aprendem. “Nesse momento, a tecnologia mostrou que todos somos aprendentes. Se conseguirmos retomar isso, mostrar que a tecnologia tira esse papel do professor só como autoridade e permite que os dois aprendam e colaborem entre si, será um grande ganho”.

Já em uma perspectiva pessimista, a abertura tecnológica criada pela pandemia poderá ser utilizada em uma mercantilização do mercado de educação. “Se a educação não for a prioridade, a tendência é piorar. Porque as empresas privadas vão assumir essa brecha que houve da tecnologia e vão assumir o que o Estado deveria assumir. Essa perspectiva de utilização da tecnologia abriu uma oportunidade de ouro para as empresas particulares. O risco é que a desvalorização do profissional docente se junte com a mercantilização do ensino e tenhamos uma maior precarização do trabalho”, explica Andréia.

O coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas, professor Simão Pedro Pinto Marinho, também teme pela mercantilização deste novo nicho de mercado. “Há uma conveniência no discurso de que o híbrido irá vigorar. São várias instituições no Brasil com seus pacotes para vender para as escolas. Querem criar um nicho na educação básica. O difícil é distinguir o interesse educacional do interesse comercial na educação”, pontua.

Minas. Sheilla destaca também a importância da interação presencial. “A universidade, por exemplo, não é só uma questão de acesso a conteúdo. A formação está na troca, experimentar a universidade em tudo o que ela oferece”, ressalta. O espaço universidade também é valorizado pelo professor Jamil Cury. “Veja o monumento que é a PUC Minas. Tem que ser valorizado em seu cotidiano também por aquilo que ele contém. Livraria, espaço de convivência, capela diferenciada. É o que a gente chama de educação no sentido amplo. É como se os prédios fossem uma cidade educadora. Não apenas na sala de aula, na biblioteca, mas no conjunto da cidade universitária”, conclui.

## Ensino híbrido e interação

Ensino híbrido combina aprendizado online com o off-line. Mistura momentos em que o aluno estuda sozinho, utilizando ferramentas digitais, com outros em que a aprendizagem ocorre no modelo presencial, valorizando a interação entre pares e entre aluno e professor. “O híbrido parte do princípio da autonomia do sujeito. E, além de tudo, exige uma mudança de postura tanto do aluno quanto do professor para funcionar. É uma aprendizagem muito mais interativa digamos assim, em que o estudante, ele também é um ator no aprendizado. Ele é o principal ator”, explica a professora Sheilla Brasileiro, chefe do Departamento de Educação e coordenadora do Curso de Pedagogia da PUC

## COMPORTAMENTO

### A humanidade precisará repensar seus valores e ações

Uma das primeiras questões que surgiram em março, com o início do distanciamento social, era se a experiência de viver com todas as dúvidas, medos, restrições impostas pela pandemia iria nos modificar como indivíduos e sociedade. O termo “novo normal” nos direcionava a pensar que estaríamos em um momento de transição para uma nova realidade social. Após meses de adaptação nas dimensões do trabalho, educação, cultura, vida social e familiar, o quanto avançamos e o que podemos esperar para o pós-pandemia?

Para a professora Silvia Contaldo, do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas, a pandemia é uma boa oportunidade para pensarmos para onde queremos caminhar, principalmente considerando se queremos voltar ao que considerávamos normal antes da pandemia. “Acho que a expressão ‘novo normal’ traz equívocos e, pelo menos, uma pergunta: de qual normal estamos falando? E se aquilo que vivíamos era mesmo normal: a intensidade das tarefas cotidianas, a pressa, a constante falta de tempo. Portanto, eu não colocaria o “novo”. Eu diria: nós precisamos de um novo. Um novo ritmo, um novo direcionamento no trabalho, nova reconstrução das relações”, pondera. E destaca: “Acho que é uma expressão equivocada. Porque nos leva a crer que antes era bom e agora não é. E antes não era bom. Tínhamos muitos desafios, continuamos a tê-los”.

Para o professor da Faculdade de Psicologia Robson Cruz, as epidemias, guerras e crises humanitárias podem ser uma boa oportunidade para a transformação coletiva, mas não necessa-



Fotos: Raphael Calixto

riamente seguimos nesta direção. “A pandemia nos revela que não necessariamente vamos gerar níveis de consciência para que ocorram mudanças substanciais. Possivelmente vamos ter mudanças, talvez já tenhamos e não esteja assim tão claro. Mas temos que ter uma desconfiança se são o suficiente para as mudanças que precisamos hoje”, explica. Robson destaca que a pandemia tem desmascarado outros problemas que já existiam. “A polarização política, a ascensão do autoritarismo no mundo todo, as fake news, as questões ambientais”, enumera. Para ele são problemas de difícil solução, uma vez que o uso da tecnologia, que se mostrou extremamente importante para mantermos as relações sociais e de consumo, acentuam a tendência à polarização. “As tecnologias, principalmente as mídias sociais, têm hoje o poder de te direcionar para aquilo que você já tem uma propensão a acreditar minimamente, em função do seu grupo, da sua classe, de tudo que você é. Também o fenômeno das fake news se propagou dentro da pandemia, se potencializou. E isto é mundial”, aponta.

A professora Silvia Contaldo, do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas, diz que a pandemia é uma boa oportunidade para pensarmos para onde queremos caminhar, principalmente considerando se queremos voltar ao que considerávamos normal antes da pandemia



“A pandemia nos revela que não necessariamente vamos gerar níveis de consciência para que ocorram mudanças substanciais. Possivelmente vamos ter mudanças, talvez já tenhamos e não esteja assim tão claro.”

Robson Cruz, professor da Faculdade de Psicologia



## Novo tempo geológico

A preocupação com a sustentabilidade do planeta também tem espaço na discussão sobre o mundo pós-pandemia. Pela primeira vez é reconhecido por cientistas que podemos ter chegado a um novo tempo geológico, conhecido como Antropoceno, em que a ação humana produziu alterações na estrutura do planeta Terra que não são mais reversíveis. As alterações passaram a acontecer a partir da Revolução Industrial, que intensificou a emissão de gases poluentes e afetam principalmente o clima. “As pessoas, seja por falta de estudos aprofundados, ou pelo efeito das *fake news* ou por ódio político, têm dificuldade de se convencer que há uma urgência na questão ambiental que, se não resolvermos, podemos desaparecer como civilização. A pandemia é uma oportunidade para repensar o padrão civilizatório, a economia, a sociedade, a política e a relação do homem com o meio ambiente em direção à sustentabilidade, porque trouxe para o cotidiano das pessoas a sensação de que um problema global pode afetá-las diretamente”, analisa o professor do Programa de Pós-graduação em Administração da PUC Minas Armino Teodósio Santos, pesquisador das áreas de Gestão Social e Ambiental, Políticas Públicas e Estudos Organizacionais.

“A nossa relação com o planeta está diretamente ligada ao projeto da modernidade estabelecido que colocou no centro o ser humano e sua racionalidade”, explica o coordenador do Anima PUC Minas - Sistema Avançado de Formação, o professor padre Áureo Nogueira de Freitas. “Todo

“A pandemia é uma oportunidade para repensar o padrão civilizatório, a economia, a sociedade, a política e a relação do homem com o meio ambiente em direção à sustentabilidade”

Armino Teodósio Santos, professor do Programa de Pós-graduação em Administração da PUC Minas

o aspecto positivo que o humanismo trouxe, que são a ciência, a filosofia e as artes humanas, estabeleceu também uma relação voltada somente para o homem como o centro da vida. “Isto comprometeu muito a relação do homem com o semelhante, consigo mesmo e a relação com a natureza”, afirma. Com a proposta de resgatar as várias dimensões que realizam o ser humano para que ele se sinta parte de um todo que é maior do que ele, o Papa Francisco convida a humanidade a construir um Novo Humanismo, que pressupõe uma visão mais integral do humanismo, observa o professor.

“A proposta do Novo Humanismo está dirigida ao que é fundamental, que é a dignidade da vida humana, mas que não teria esta fonte em si mesma, na vida humana, mas em algo maior do que esta vida, que é o Criador. E acho que a pandemia, neste sentido, trouxe para a pauta da humanidade a necessidade de rever aquela pergunta sempre antiga e nova: qual o sentido da nossa vida neste planeta e como a estamos organizando? Que seres humanos somos hoje e que seres humanos vamos deixar para as futuras gerações?”, explica o padre Áureo. A ideia do Novo Humanismo perpassa muito a compreensão da educação e do Pacto Global pela Educação. “A educação no sentido mais amplo da integração, do respeito às diferenças, às minorias, das culturas, porque isso converge para algo que soma e não que torna o outro inimigo. E isto também força a repensar a economia. Como nós organizamos esta casa”, sinaliza.

## Olhar otimista

Com um olhar otimista, o professor Armino Teodósio avalia que a pandemia veio para ampliar ações e iniciativas que já existiam antes na tentativa de criar um mundo mais sustentável. “Alguns processos já estavam em curso e quando chega a pandemia, essa questão da agricultura urbana, agroecologia, da comunidade que suporta a economia se tornaram mais expressivas. A pandemia abriu espaço para outras formas de solidariedade, cooperação e interação de quem produz e quem compra não baseada apenas na satisfação. Isto se estende à área da cultura, em que muitas pessoas têm incorporado a lógica de ter artistas, produtores culturais, companhias de dança e teatro como um patrimônio cultural que deve ser mantido, mesmo a despeito da relação de consumo. Isto tem mostrado outras formas de consumo que não são mediadas apenas pela visão neoliberal, para satisfazer necessidades.

## Solitude necessária para a reflexão

Outro campo de reflexão está no real papel da tecnologia nas nossas vidas. “A pandemia trouxe este aspecto de recolocar no devido lugar as tecnologias a serviço também da vida e não sucumbindo a vida. E essa consciência hoje ficou, no meu ponto de vista, mais evidente. Vejo que a tecnologia nos ajudou a superar dificuldades, adaptações, mas que isto também não é tudo. Acho que hoje estamos mais conectados e muito mais conscientes da necessidade das relações”, analisa o professor padre Áureo Nogueira.

Esse excesso de interatividade e a dispersão causada pelo uso excessivo das redes sociais preocupam os especialistas. “É uma grande questão. Temos indícios muito claros de que as pessoas estão sofrendo de ansiedade por ficar dez minutos sem entrar em rede social. A pandemia intensificou o uso de tecnologia. O fato de usar a internet para tudo fornece recurso para o sistema de gerenciamento da informação consumir toda a sua atenção. E a atenção não é um recurso psicológico infinito”, avalia Robson, apontando para o fato de que usar a tecnologia de maneira mais saudável é um desafio para os próximos tempos. Uma opinião compartilhada pela professora Sílvia Contaldo, que lembra que precisamos também da vida off-line, “que é a vida não da solidão, mas da solidão”, a trilha de aprendizado que passa pela nossa interioridade. **(Com colaboração de Lívia Arcanjo)**



Outros valores têm entrado nesta lógica”, avalia.

Para o coordenador da Escola de Teatro PUC Minas e instrutor na capacitação de professores para o EAD da PUC Minas Virtual, professor Luiz Arthur de Oliveira, a pandemia criou a possibilidade das pessoas compreenderem que arte e cultura não são artigos de luxo, sendo essenciais para que as pessoas criem identidade. E mais do que isso, são instrumentos contra a insanidade. Para o pós-pandemia, Luiz Arthur aposta na visão otimista. “Espero que as pessoas estejam loucas para ter esse encontro coletivo de novo, presencial, de ir até o teatro para poder celebrar o ritual”, pontua.

O professor Luiz Arthur de Oliveira considera que a pandemia criou a possibilidade das pessoas compreenderem que arte e cultura não são artigos de luxo, mas instrumentos contra a insanidade



“A pandemia trouxe para a pauta da humanidade a necessidade de rever aquela pergunta sempre antiga e nova: qual o sentido da nossa vida neste planeta e como a estamos organizando?”

Professor padre Áureo Nogueira de Freitas, coordenador do Anima/PUC Minas



CONSUMO

# MUDANÇAS DE HÁBITOS

Covid-19 pode ser um marco para o início de uma nova geração de consumidores | **Valéria Prochnow**

**A** pandemia do novo coronavírus trouxe impactos na vida das pessoas que ultrapassam em muito a preocupação com a saúde. Entre tantas outras mudanças, as relações de consumo foram e estão sendo afetadas diretamente durante o período de distanciamento social e combate ao vírus, e podem se constituir em novos hábitos no pós-pandemia. “A forma de consumir foi e está sendo amplamente afetada pelo isolamento, já que a prática exige que as pessoas deixem – ou diminuam drasticamente – de circular em espaços públicos”, observa Fernanda Cabral, coordenadora de cursos de pós-graduação e professora da disciplina Cultura de Consumo e Estilo de Vida.

Pesquisa realizada pela Ebit/Nielsen, em parceria com a Elo, divulgada em agosto deste ano, atesta a mudança ao apontar a maior alta no faturamento do e-commerce nos últimos 20 anos. Em comparação com os números do primeiro semestre de 2019, o faturamento e as vendas online do primeiro semestre de 2020 cresceram 47%, considerando o aumento de 39% dos pedidos. “Obviamente, a compra online já existia. O que o isolamento trouxe foi a aceleração destas práticas em escala mundial e compulsória”, explica a professora.

A especialista aposta que estas mudanças servirão de marco para a consolidação da geração Alfa. “Já existem estudos que falam desta geração, mas não tínhamos um marco concreto que

firmasse este surgimento. Todas essas mudanças na forma de as pessoas se relacionarem, socializarem, trabalharem, vão impactar diretamente os próximos indivíduos, como podemos observar nas diferentes percepções sobre o modo de viver, ser e consumir das gerações dos *baby boomers*, ou dos chamados grupos X, Y e Z”, analisa.

Se o atual período alterou maneiras de viver, consumir e se relacionar, o que se pode esperar da fase seguinte de readaptação social, ou seja, do período pós-pandêmico? O estudo *A utopia do novo normal: uma conversa sincera sobre os desafios para marcas e negócios em um mundo pós-Covid*, desenvolvido pela agência de comunicação Digital Ampfy, destaca as fortes demandas que cresceram na pandemia que devem se manter em alta a longo prazo. São elas o varejo online, delivery de alimentos, ensino a distância, entretenimento online, telemedicina e *home office*. Do lado oposto, em queda, estão as academias de ginásticas, cinema e teatro, hotéis e restaurantes, viagens e setor automotivo.

A pesquisa ainda salienta alguns efeitos que tendem a se tornar permanentes, como as novas formas de trabalho, novas políticas ou regulações e novos comportamentos de consumo. “Eu não sei como a cultura brasileira vai se comportar assim que tudo passar, mas eu acho que o online se tornará uma opção viável para tudo. As empresas não poderão pensar só no presencial, terão que pensar no presencial associado ao online, pensar em como integrar esses modelos e como tudo vai funcionar. Da mesma forma, há que se considerar outros fatores no que diz respeito ao modo de consumo. Culturalmente, o brasileiro é adepto à presença, ao corpo a corpo. O que pode contribuir para a manutenção do modelo online é a quebra de barreira a uma resistência ao modelo, já que as pessoas tiveram que experimentar a compra remota e viram que funciona”, ressalta Fernanda Cabral.

---

“As empresas não poderão pensar só no presencial, terão que pensar no presencial associado ao online, pensar em como integrar esses modelos e como tudo vai funcionar”

---

**Fernanda Cabral**, coordenadora de cursos de pós-graduação e professora da disciplina Cultura de Consumo e Estilo de Vida



Marcela Haddad, aluna do curso em Gestão e Negócios, diz que vai sustentar novos hábitos adquiridos no momento de isolamento social

Laura França, aluna do MBA em Comunicação e Marketing, relata que alterou totalmente seus hábitos de consumo

## Do presencial para o online

Marcela Haddad, assessora de comunicação e aluna de disciplinas isoladas do curso em Gestão e Negócios, conta que vai sustentar novos hábitos adquiridos no momento de isolamento social. “Se tem uma coisa que não vou fazer nunca mais é ir para o supermercado fazer compra. Recebê-las em casa economiza tempo, é menos estressante, diminui o trânsito de veículos na cidade e ainda é econômico, já que os supermercados estão dando descontos ótimos. Você consegue pedir de tudo a partir de sua casa. Isso para mim é vida. Vou levar para o pós-pandemia e para o resto da vida este hábito”, comenta a jornalista, ressaltando o fato de a tendência trazer o benefício da segurança e da comodidade.

Seu consumo foi afetado por mudanças no âmbito alimentar, já que passou a fazer refeições em casa e não mais em restaurantes. A nova prática a fez consumir alimentos mais saudáveis e práticos. Outra alteração percebida foi a redução de gastos nos *happy hours* ou finais de semana, quando encontrava os amigos em bares. “A tendência agora na minha vida é fazer pequenas reuniões com amigos e manter o convívio com pessoas mais próximas, sem frequentar lugares cheios, que não obedecem às regras de higienização, de distanciamento social etc. Pretendo manter o convívio social com jantares ou outros encontros em casa ou na casa de amigos”, almeja. Além de evitar o consumo em bares e restaurantes, Marcela deseja realizar viagens mais regio-

nais em detrimento de deslocamentos para lugares muito distantes.

Rosamaria Barbosa, ex-aluna do curso em MBA em Marketing e Vendas, observou seu consumo intensificado no ambiente virtual durante o período da pandemia. “Estou comprando mais do que comprava antes pela internet. A gente acaba sendo influenciado e passa mais tempo em rede social, computador e, em consequência disso, acaba querendo mais coisas e comprando mais”, destaca. Ela conta que está adquirindo mais produtos voltados para a casa. “Nesse momento todo mundo está querendo arrumar ou reformar a casa, acho que está muito mais nessa linha até porque é onde estamos ficando o tempo todo”, pontua.

Laura França, jornalista e proprietária da Conte-me – desenvolvedora de conteúdos para redes sociais de empresas - e aluna do MBA em Comunicação e Marketing, relata que tomou mais coragem para comprar virtualmente. “Alterei totalmente meus hábitos de consumo. Tive boas e más experiências nas compras online. Quando a pandemia acabar, acredito que mantere pelo menos 50% das compras pela internet”, projeta. A jornalista conta que as experiências negativas estão relacionadas ao setor de vestuários em virtude de seu manequim. “Roupas e sapatos, por exemplo, não consigo ter muito sucesso nas compras online. Calço 33, sou muito pequena, então alguns itens precisam ser levados para a costureira. Mas o que se refere a cosméticos, in-

O psicólogo clínico Paulo Leonardo Soares Junior viu a pandemia ampliar seu escopo de trabalho, passando a atender mais online



sumos, entre outros, deu tudo certo”, observa.

Já atuando com a prática do atendimento online mesmo antes do início da pandemia, o ex-aluno do curso de Terapia Cognitivo-comportamental e psicólogo clínico, Paulo Leonardo Soares Junior, viu a pandemia ampliar seu escopo de trabalho e, também, suas horas trabalhadas. “Recebi muita demanda de colegas que me procuraram para compreender melhor o funcionamento do atendimento online, no que prestar atenção, o que avaliar. Como já tinha mais experiência, até por uma questão de as pessoas saberem que eu atendia online, fui procurado e isso gerou outro nicho para mim como profissional”, destaca. Ele inclusive acredita que, observando o mercado de consumo da prestação de serviço como a psico-

## Ressignificando o consumo

Em uma abordagem comportamental, o consumo é analisado em relação à satisfação de uma necessidade, com funções diferentes para as pessoas, conforme ressaltado pelo professor da disciplina Análise do Comportamento no curso de pós-graduação em Terapia Cognitivo-comportamental, Luiz Antônio Bernardes. Ele destaca que, como o consumo faz parte do cotidiano, há a necessidade de se entender como e porque as pessoas consomem. Por isso, neste momento de pandemia a questão se torna tão presente, já que, em função do isolamento, o consumo é

logia, muitos profissionais não voltarão para o atendimento presencial.

O psicólogo conta que a procura por atendimento psicoterápico aumentou durante os últimos meses e ressalta que muitos já se adaptaram tanto ao atendimento online que não pensam em voltar para o atendimento presencial. Autor do artigo *O comportamento de consumo: contribuições da Psicologia e das estratégias cognitivas e comportamentais* (que aborda estratégias para tratar as condições crônicas do comprador compulsivo), Paulo Leonardo afirma que vale a pena apostar em práticas como a terapia nestes momentos para não haver descompensações em outras instâncias da vida, inclusive na área relacionada ao consumo.

modificado em vários sentidos. Ele observa que o comportamento das pessoas em geral tem variado entre aqueles que aumentaram o consumo e aqueles que passaram a consumir menos por perceber que já possuem o suficiente. O movimento assemelha-se às relações diferentes estabelecidas com o próprio contexto da pandemia; umas mais ansiosas, outras com medo do vírus e outras que não demonstram preocupação.

O professor analisa que a relação entre trabalhar e gastar o dinheiro foi quebrada. “Muitos acabaram não tendo o recurso financeiro para satisfazerem suas necessidades”, pondera Bernardes. E, apesar disso, o comportamento de consumo continuou, inclusive em virtude de um aumento do estímulo para o consumo. O ambiente virtual incentiva a compra por impulso graças às propagandas direcionadas a partir do perfil de pesquisas na internet, comenta o professor.

Segundo Bernardes, o estresse e a ansiedade podem ajudar a alavancar o consumo. “Quando as emoções estão afloradas, elas se sobrepõem à capacidade de raciocinar sobre o que é ou não necessário”, reflete. O bem-estar proveniente da compra impulsiva carrega a chance de o indivíduo repetir essa ação e, em longo prazo, gerar grandes dívidas.

Por outro lado, Luiz Antônio Bernardes espera que esse período possa ter contribuído para que as pessoas sejam mais conscientes ao consumir: “Essa é minha esperança, que esse momento ensine que podemos consumir de uma maneira mais racional”.

PESQUISA

# IMPACTO DA PANDEMIA NAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Lançados atlas e livro que trata de pesquisa sobre o tema

Foram lançados em setembro o Atlas da Migração Venezuelana e o livro da pesquisa *Impacto da Pandemia de Covid-19 nas Migrações Internacionais*. A pesquisa foi coordenada pela PUC Minas em parceria com o Núcleo de Estudos da População (Nepo) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP). Com 2.475 participantes no Brasil, e alcançando 171 municípios, os resultados da pesquisa, primeira no país sobre o tema, indicam o aumento da vulnerabilidade econômica e social para essa população migrante na pandemia.

Antes da pandemia, do total de imigrantes participantes da pesquisa, 52% encontravam-se trabalhando, sendo que a metade destes perdeu o trabalho na pandemia, ampliando para mais de 70% de imigrantes sem trabalho no início da pandemia, entre os meses de maio a julho de 2020. A vulnerabilidade social, consequentemente, também se ampliou com 624 imigrantes tendo buscado ajuda com cestas básicas (25% dos imigrantes entrevistados), 639 imigrantes já recebiam o Bolsa Família (26%) e somente 46 imigrantes (dos 213 imigrantes que tentaram) conseguiram o auxílio emergencial (21%). Dos imigrantes participantes da pesquisa, cerca de 45% passaram, na pandemia, a usar suas reservas monetárias ou pediram recursos emprestados e 68% reduziram suas despesas. Com relação à saúde, 144 imigrantes tiveram a Covid-19 (5,8% dos imigrantes participantes da pesquisa), com cinco familiares que vieram a óbito. As principais preocupações com relação ao futuro para imigrantes na pandemia se referem às dimensões econômicas, discriminação e segurança alimentar (fome). O livro apresen-

ta, em mais de 600 páginas, os resultados desta pesquisa desagregados para os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Roraima, Rondônia, Região Nordeste, Região Centro Oeste, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Foram pesquisados 2.474 imigrantes que responderam a um questionário disponível por meio remoto. A pesquisa aconteceu em 23 estados brasileiros e contou com a participação de diversas Instituições de Ensino Superior. A equipe da PUC Minas envolveu, além de professores do Programa de Pós-graduação em Geografia, Duval Fernandes, e Serviço Social, Maria da Consolação Gomes de Castro, estudantes do doutorado em Geografia, do mestrado em Psicologia e também egressa do Curso de Direito.

Já o Atlas Migrações Venezuelanas revela os espaços dessa migração internacional nas regiões e cidades do Brasil e seus perfis sociodemográficos. Este Atlas traz para todas as regiões do país os fluxos de imigrantes da Venezuela, no período de 2000 a início de 2020, possibilitando identificar diferentes grupos sociais que compõem esse processo migratório, sua inserção laboral e sua presença em cidades metropolitanas e não-metropolitanas. Os resultados, apresentados no decorrer de 444 páginas, indicam a necessidade de acompanhamento destas informações e dessa migração, uma vez que a dinâmica do fluxo migratório aponta para rápida reconfiguração em termos de composição etária, espacialidades e temporalidades na chegada de imigrantes venezuelanos no Brasil.

INTEGRAÇÃO SOCIAL

# PROTAGONISMO MIGRATÓRIO

Projeto LER se une a instituições para apoiar refugiados e migrantes na pandemia | **Fernando Ávila**

**H**á cerca de sete anos, Jim Davidson Jean, 28, deixou o Haiti – um país do Caribe, que, historicamente, enfrenta muitas dificuldades econômicas e sociais – com destino ao Brasil, em busca de oportunidades. Na bagagem, um curso incompleto de Direito, sua língua materna – o crioulo – e muitos sonhos. “O período da minha adaptação foi muito sofrido, me sentia sozinho, não sabia falar português. Deixar minha família para trás foi o maior problema”, lembra. A história de Jim, no entanto, começou a mudar quando ele conheceu o projeto de extensão LER: Leitura e Escrita com Refugiados e Migrantes, da PUC Minas, por meio de uma parceria com o Serviço Jesuíta para Refugiados e Migrantes (SJMR-BH). As aulas de português o ajudaram em sua adaptação e a conseguir trabalho como carregador no Ceasa, em Contagem, cidade onde mora. Há um ano, no entanto, ele ficou desempregado e, em 2020, com a chegada da pandemia do coronavírus ao Brasil, a situação se complicou ainda mais. “Minha grande preocupação foi o impacto da pandemia na comunidade haitiana”.

A história e as dificuldades de Jim e de sua

comunidade motivaram o projeto LER a desenvolver uma ação de distribuição de máscaras e cestas básicas, que antecipou a criação de um projeto mais amplo, o *Protagonismo Migratório no Combate às Desigualdades Sociais na Pandemia da Covid-19*, fruto de parceria entre o SJMR, o Cio da Terra – Coletivo de Mulheres Migrantes e a PUC Minas. O projeto, entre outras ações, distribuiu na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) mais de dez mil máscaras, produzidas por mulheres da Venezuela, Haiti, Síria e República Democrática do Congo, que, com suas famílias, deixaram o seu país de origem para viver no Brasil. “A partir dessa ação e do quão bem-sucedida ela foi, vimos que talvez fosse importante a escrita de um projeto para captar recursos para a produção de mais máscaras”, conta a professora Sandra Maria Silva Cavalcante, coordenadora do projeto LER.

O projeto Protagonismo Migratório, gerido e executado pelo SJMR, contou com financiamento da organização alemã Eugen Lutter e visou promover a geração de trabalho e renda para mulheres e jovens migrantes e refugiados, no campo da atuação social. Foram desenvolvidas ações de

identificação dos mais pobres e vulneráveis, na comunidade, o seu esclarecimento sobre a Covid-19 e os seus direitos sociais no período da pandemia. Além disso, a produção e distribuição gratuita de máscaras e o compartilhamento de informações que visam à proteção individual e comunitária, de forma a combater o risco da desinformação e esclarecer o perigo das notícias falsas. O projeto, que contou com uma rede de multiplicadores selecionados para prestar em seus idiomas (crioulo haitiano, francês e espanhol) orientações diversas por meio de vídeos, também distribuiu cestas básicas e itens de higiene pessoal. O haitiano Jim Davidson foi um desses multiplicadores.

De acordo com a professora Sandra Cavalcante, o projeto LER atuou desde o primeiro momento, junto aos parceiros, na escrita desse projeto conjunto. “A escrita de um projeto para captar recursos internacionais não é uma escrita simples. Ela pressupõe um conjunto de elementos, há critérios muito bem estabelecidos”, explica. Para ela, um dos maiores problemas enfrentados pelos refugiados e migrantes no processo de integração social, cultural e de emancipação social é, indiscutivelmente, a aprendizagem da língua do país no qual passaram a morar. “Na verdade, divulgar informações verossímeis, informações com fontes fidedignas para uma comunidade que tem dificuldade de compreender a língua portuguesa, que ainda não se integrou culturalmente no Brasil, é uma ação de fundamental importância. Esse é um projeto que pode salvar vidas”, observa. A ideia é que os vídeos produzidos pelos multiplicadores, além de divulgados no período de sua produção, sejam utilizados como material didático no ambiente de aprendizagem do projeto LER.

Bruno Timóteo

## Distribuição das máscaras

O coordenador do SJMR-BH, Marcelo Lemos, comenta o significado da distribuição das máscaras de proteção contra o coronavírus: “A cifra das dez mil máscaras, ao que pode parecer pouco, foi bem mais que isso. Com esse volume, foi possível apoiar centenas de pessoas migrantes e nacionais”. Para fazer essa distribuição, o SJMR estabeleceu parceria com as secretarias de Assistência Social de Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ribeirão das Neves, com o intuito de atingir o maior número de pessoas em situação de extrema vulnerabilidade social. O coordenador do SMJR considera que a parceria com o projeto LER tem sido exitosa. “Com o devido envolvimento dos alunos, a mobilização local apoiada pelos multiplicadores, sendo que um deles participa ativamente no projeto LER, torna as iniciativas de parceria mais sólidas”.

A fundadora e integrante do Cio da Terra – Coletivo de Mulheres Migrantes, Luciana Pereira Lorenze, conta que o coletivo atuou em diversas frentes, entre elas a orientação e acompanhamento das costureiras que produziram as máscaras. Ela afirma que o projeto LER, em sua atuação, trouxe reflexões, críticas e novas propostas para que pudessem trabalhar coletivamente da melhor forma possível. “Os resultados alcançados no decorrer e ao fim do projeto apenas foram possíveis porque cada instituição trouxe suas *experiences* que, somadas umas às outras, permitiram uma maior abrangência da população atendida”.

Das prefeituras que receberam as máscaras de proteção produzidas pelo projeto Protagonismo Migratório, a de Belo Horizonte foi a que recebeu o maior número: cinco mil. O secretário municipal adjunto de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania e subsecretário de Assistência Social, José Crus, explicita o significado desse gesto: “Esta iniciativa converge esforços em defesa da vida, premissa basilar desta Prefeitura e de seus agentes públicos. As máscaras estão sendo entregues à população em situação ou com trajetória de vida nas ruas e migrantes e refugiados detentores do direito socioassistencial, às unidades de proteção social do Serviço Único de Assistência Social (Suas/BH)”.



O haitiano Jim Davidson, beneficiário do projeto LER, foi um dos multiplicadores de outra iniciativa de apoio a migrantes durante a pandemia



Bruno Timóteo

## Sobre o projeto LER

O projeto de extensão LER, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras, sob coordenação das professoras Sandra Cavalcante e Josiane Militão, busca contribuir para o exercício da autonomia pessoal, da integração e da emancipação social de jovens, adultos e crianças refugiados e migrantes que, na RMBH, encontram-se no processo de aprendizagem e uso da língua portuguesa. De acordo com a professora Josiane Militão, para cada beneficiário direto, estima-se que o projeto atenda, indiretamente, pelo menos, mais cinco beneficiários (familiares e empregadores). “Além disso, o projeto impacta o processo de formação humana e profissional dos professores e estudantes que o integram”, diz.

Por se tratar de uma ação extensionista de caráter humanitário, explica a professora Sandra, o projeto empenha esforços no sentido de que suas ações se desenvolvam sempre em rede. “Isso se concretiza pela parceria de três anos com o SJMR e por integrar as ações do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (Cespuc/ICH/PUC Minas), cátedra do Instituto Camões, no mesmo período. No final de 2019, o projeto passou a integrar as ações da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), sediada na PUC Minas”, pontua.

“O projeto impacta o processo de formação humana e profissional dos professores e estudantes que o integram”

Professora Josiane Militão

As professoras Sandra Cavalcante (à esquerda) e Josiane Militão: um dos maiores desafios enfrentados por refugiados e migrantes, no mundo, é a aprendizagem da língua do país no qual passam a morar

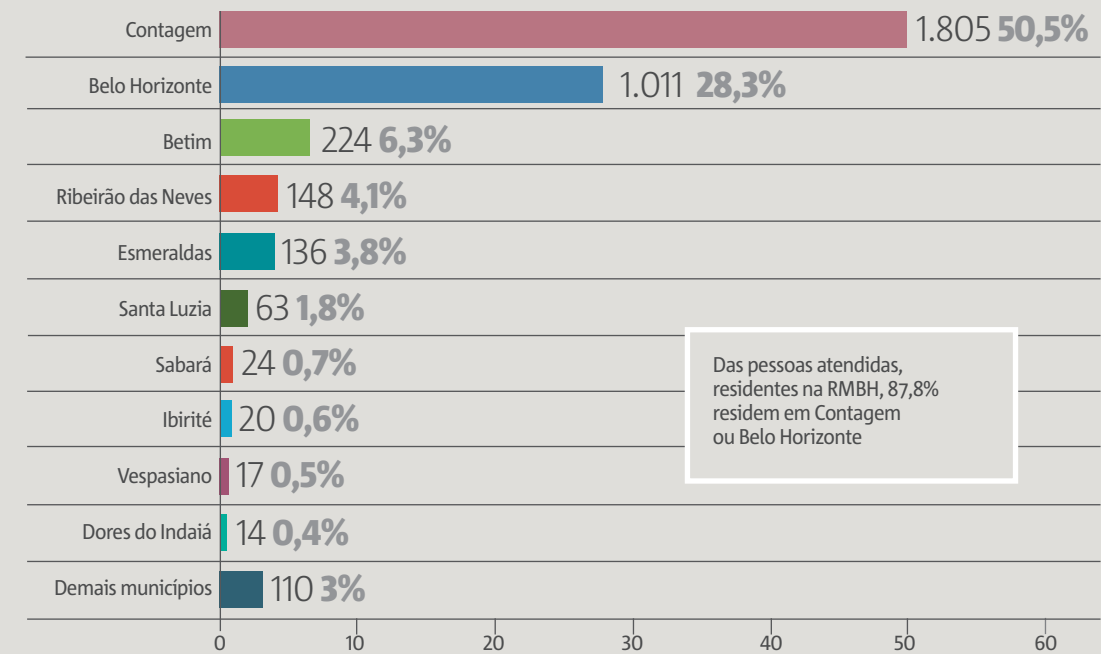
## Contagem e Belo Horizonte reúnem maior comunidade

De acordo com dados de 2019 de um estudo feito em parceria entre o Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados (SJMR) e a Agência da ONU para refugiados (Acnur), os municípios de Contagem e Belo Horizonte são os municípios de residência da maior parte dos refugiados e migrantes atendidos pelo SJMR, sendo que 50,5% estão em Contagem e 28,3% em Belo Horizonte. Das 57 nacionalidades atendidas pelo SJMR-BH,

Haiti, Venezuela, Colômbia, Bolívia e Cuba representam, juntas, 90% do total. De todas as pessoas refugiadas e migrantes atendidas pelo SJMR-BH, em 2019, 97,5% residem na RMBH. “Tal concentração decorre, principalmente, de oportunidades de emprego, geração de renda e moradia, bem como da maior disponibilidade de transporte público e de serviços socioassistenciais públicos e privados”, diz o documento

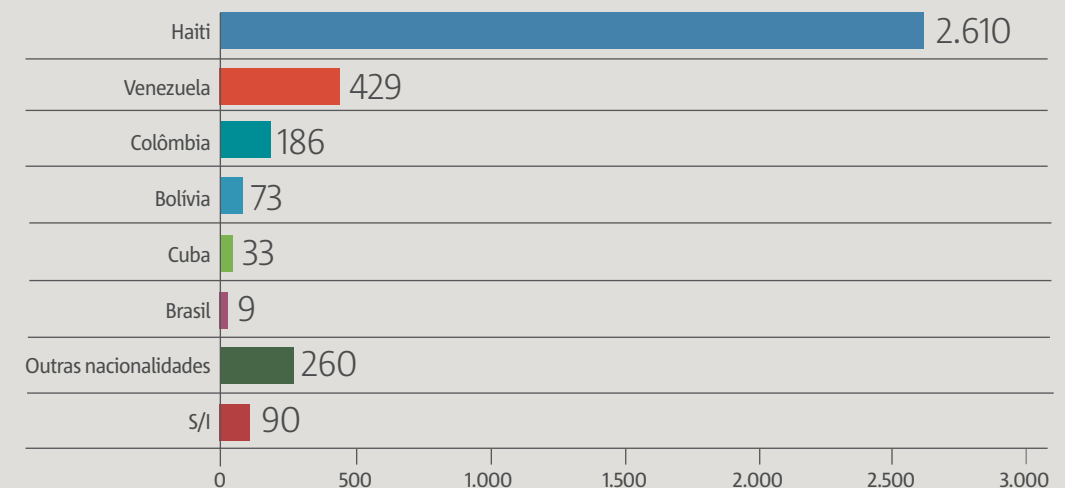
## APOIO A MIGRANTES E REFUGIADOS

Município de Residência das Pessoas Atendidas pela SJMR em 2019, na RMBH



## PRINCIPAIS NACIONALIDADES ATENDIDAS

Pessoas atendidas pelo SJMR em 2019



Fonte: Georreferenciamento de Pessoas Atendidas em 2019 pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Minas Gerais

## SAIBA MAIS

### ENTENDA A DIFERENÇA

**Migrante** - Palavra utilizada para designar aquele que se desloca dentro de seu próprio país e também pode ser usada para falar dos deslocamentos internacionais. Alguns especialistas, inclusive, aconselham o uso do termo migrante quando se fala de migrações entre países, por ser abrangente e não simplista.

**Imigrante** - Refere-se, em específico, à pessoa que vem de outro país, enquanto “emigrante” é quem deixa seu país de origem para viver em outro – ou seja, o imigrante é considerado um emigrante para seu país de origem e vice-versa.

**Refugiado** - Refere-se a pessoas que não tiveram outra opção se não a de sair de seus países de origem, por motivos de perseguições diversas e de violações de direitos humanos, situações que podem custar-lhes a vida.

Fonte: Migrações, Refúgio e Apátrida: Guia para Comunicadores.

## Prêmio Capes de Tese 2020

A tese *Governança Territorial e Inovação Social no Desenvolvimento Regional em Territórios de Mineração: análise de casos no Brasil e na França*, de autoria de Paula Pessoa de Castro Gentil (à frente), defendida em 2019 com orientação da professora da PUC Minas Liliâne de Oliveira Guimarães, do Programa de Pós-graduação em Administração, foi premiada com menção honrosa do Prêmio Capes de Tese 2020, na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo.

Nos últimos quatro anos, esta é a terceira vez que uma tese defendida no PPGA PUC Minas se destaca entre as melhores do Brasil.



Fotos: Raphael Calixto

## Estágio internacional

Os cursos de Arquitetura e Urbanismo do *Campus* Coração Eucarístico e da Unidade Praça da Liberdade implantaram o Programa de Estágio Internacional. O programa foi criado a partir do contato do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da PUC Minas com empresas estrangeiras para gerar oportunidade de experiência profissional para os estudantes de graduação desse curso.

O DAU e a PUC Minas - com apoio da PUC Carreiras - atuam como facilitadores para tais oportunidades e promotores das primeiras etapas de seleção. O convênio com as empresas concedentes prevê a remuneração exigida pela legislação de cada país durante o período de estágio. Trâmites de contratação, assim como gastos com visto, hospedagem, alimentação, transporte, segurança e demais despesas de viagem são de responsabilidade dos estudantes.

Com relação à dupla diplomação, a PUC Minas possui acordo de dupla titulação com a Universidade de Ciências Aplicadas de Schmalkalden, na Alemanha, que contempla alunos do curso de Engenharia Mecânica, e com a Universidade ESIEE Paris, direcionado aos alunos de Engenharia da Computação. Os alunos que participam do programa de dupla titulação recebem dois diplomas ao se formarem: o diploma da PUC Minas e o da universidade estrangeira.

## Pós-graduação online

A partir das mudanças implantadas na pós-graduação *lato sensu*, decorrentes da adoção do Regime Letivo Remoto pela Universidade, o Instituto de Educação Continuada – IEC PUC Minas lançou mais uma possibilidade: os cursos de Pós Online, que se utilizam da tecnologia remota e do modelo presencial. As atividades acadêmicas acontecem em um ambiente digital, com aulas predominantemente online com dia e hora marcados, como no modelo presencial. Ofertadas ao vivo, elas têm interação instantânea entre aluno e professor. Além disso, o aluno terá acesso a disciplinas com aulas gravadas para estudar quando quiser e de onde estiver. A Pós Online conta também com três encontros presenciais, em Belo Horizonte, ao longo de toda a oferta. O novo formato foi criado a partir das boas avaliações dos alunos e professores das disciplinas implementadas no modelo ao vivo pelo IEC.

## Mais de 20 novos cursos e bacharelados com metodologias híbrida e a distância

O Vestibular da PUC Minas, para ingresso em 2021, está com inscrições abertas, com novidades. Neste Processo Seletivo, com provas online ou pela nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), edições de 2009 a 2020, são oferecidos mais de 20 novos cursos de bacharelado; de graduação tecnológica com metodologias híbrida e a distância; e de presenciais de Biomedicina na Unidade Praça da Liberdade e no *Campus* Poços de Caldas, além de Odontologia também nesse *Campus*. As inscrições podem ser feitas pelo [pucminas.br](http://pucminas.br), sendo que as vagas são preenchidas desde outubro e atualizadas semanalmente.

Além das novas ofertas presenciais, estão entre

as novidades os bacharelados com metodologias híbrida e na modalidade virtual em Serviço Social, Engenharia de Produção, Educação Física e Sistemas de Informação; os de graduação tecnológica a distância em Gestão de Recursos Humanos, Gestão Financeira, Gestão Comercial, em Comércio Exterior, Gestão em Marketing, Logística, em Design de Interiores (híbrido), Produção Multimídia, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, em Banco de Dados, em Redes de Computadores, em Segurança da Informação, em Gestão da Tecnologia da Informação, em Sistemas para Internet e em Jogos Digitais.

Mais informações no [pucminas.br](http://pucminas.br).

## Maior inclusão no ensino de Medicina

Os professores Érika Pimenta, Gabriela Andrade e Thiago Lazaroni, do Curso de Medicina, produziram o artigo *Experiências e desafios no ensino e aprendizado da Semiologia Médica na deficiência auditiva*. A partir da experiência de docentes e discentes, os pesquisadores analisaram os desafios encontrados pelos deficientes e as adequações acadêmicas necessárias para permitir que os estudantes recebam formação médica efetiva. Entre as mudanças apontadas, está a necessidade de evolução das tecnologias e ferramentas utilizadas tanto durante os estudos quanto na prática médica, além do investimento em outras pesquisas com temáticas semelhantes.

Em fase de publicação em revista sobre educação médica e submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, o artigo será divulgado pelos autores em seminários e congressos. “Queremos ouvir mais professores e estudantes, discutir o que dá certo ou não em termos pedagógicos para contribuir com o avanço da formação inclusiva”, afirma o professor Thiago Lazaroni.



## Letras: Menção honrosa em prêmio da Anpoll

A dissertação *Epistemologias do sul nas vozes ininteligíveis e nos infinitos silêncios orais de Rap Global*, produzida no Programa de Pós-graduação em Letras por Jefferson Ubiratan Medeiros e orientada pela professora Ivete Walty, recebeu menção honrosa no Prêmio Antonio Candido de Teses e Dissertações, conferido pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). A pesquisa tem o objetivo de mostrar como se dá a construção do enunciador do livro *Rap Global* (2010), publicado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. A autoria da obra em foco é atribuída a Queni N. S. L. Oeste, perfil fictício construído por Santos com base no *rapper* norte-americano, Kanye West e na genética diaspórica de Antero Silvino, personagem de *A casa do rio* (2007), romance do escritor angolano Manuel Rui.

EXTENSÃO

# TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Iniciativas mostram como a sociedade pode ser beneficiada por ideias que nascem dentro da Universidade | **Fernando Ávila**



Thaynara Hellen Silva Barbosa, estudante de Engenharia Civil do Campus Coração Eucarístico, participou de todas as etapas do processo de produção de ferramenta funcional para a construção civil

Uma ferramenta multifuncional voltada para a instalação de revestimento cerâmico, com três funções diferentes – colher de pedreiro, desempenadeira e martelo de borracha –, é uma das muitas iniciativas que mostram como a tecnologia e inovação estão presentes na extensão universitária, trazendo benefícios para a sociedade. A demanda foi identificada pelo aluno Andrelino Teles Valansuela, do Curso de Geografia da PUC Minas, e, posteriormente, idealizada e produzida pelo projeto de extensão do Curso de Engenharia Civil do Campus Coração Eucarístico *Inovação Tecnológica: produtividade e qualidade para o trabalhador da construção civil*. O projeto é um exemplo de aplicação dos pilares da Universidade, trabalhando de forma indissociável o ensino, pesquisa e extensão. A ferramenta foi elaborada por alunos e professores a partir de levantamentos técnicos, normativos e ergonômicos. Também foram feitos testes em um canteiro de obras particular e em parceria com o projeto de extensão Canteiro Escola, da PUC Minas São Gabriel, que oferece oficinas de leitura de projetos e fundamentos da construção civil para a comunidade.

O professor Ricardo Silva Resende, membro da equipe do projeto e professor das disciplinas Tecnologia das Construções e Gerenciamento das Construções nos Cursos de Engenharia Civil do Coração Eucarístico e Praça da Liberdade, exemplifica os benefícios da ferramenta: “Ao considerarmos o conceito de produtividade e aplicando-o ao trabalho realizado junto à construção civil, a utilização de três ferramentas otimizadas em apenas uma já permite redução seja no tempo de execução e até mesmo no total de ferramentas utilizadas para execução de um trabalho, como, por exemplo, o uso de argamassa e assentamento de uma placa cerâmica para revestimento”. Para ele, o projeto buscou inovar por meio do aprimoramento de ferramentas já existentes, inicialmente de uso individualizado, realizando a junção de três em apenas uma, capaz de realizar o mesmo serviço

com maior praticidade. A equipe está trabalhando junto ao Núcleo de Inovação Tecnológica da PUC Minas (NIT) os processos necessários para o registro da patente da ferramenta.

A estudante do Curso de Engenharia Civil do Campus Coração Eucarístico Thaynara Hellen Silva Barbosa, 23, que ingressou na extensão universitária no início de 2019, conta que participou de todas as etapas do processo de produção da ferramenta, desde a concepção até a criação. “Este projeto, especificamente, me proporcionou o conhecimento teórico e prático de como uma ferramenta chega ao mercado e todo o seu processo de criação. É possível perceber como algo inovador e tecnológico pode solucionar problemas comuns dentro da construção civil”, afirma.

Uma das pessoas da comunidade que testou a ferramenta foi a estudante de Arquitetura e Urbanismo Miriam Cristina Pinheiro da Silva, de 24 anos. Ela conta que a utilizou em um dia de aula prática e que ficou satisfeita com a funcionalidade. “Eu gostei muito, achei muito prática, fazer todas as etapas com a mesma ferramenta que já está em suas mãos. E quanto à funcionalidade, para mim que tive pouco contato com as outras ferramentas individuais antes, foi fácil de me habituar com essa nova”, conta.

Fotos: Bruno Timóteo



## Conceitos que andam juntos

De acordo com a professora Viviane Cristina Dias, integrante do Núcleo de Programas, Projetos, Atividades, Cursos e Eventos (Nupae) da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) e coordenadora de Extensão do Instituto Politécnico (Ipuc), que congrega os cursos de engenharia da Universidade, diversas iniciativas de extensão no Ipuc foram surgindo de forma natural ao longo dos anos. “A Tecnologia e Inovação são dois conceitos que estão andando juntos. Podemos dizer que são conceitos que representam a adoção de técnicas, modelos e ferramentas mais eficientes que impactam o desenvolvimento de produtos e serviços em geral, normalmente, em nível de processos, modificando, reorientando ou refinando esses produtos e serviços”, afirma.

Ela diz que as tecnologias desenvolvidas na Universidade têm como característica serem acessíveis. “Quando falamos em tecnologia e inovação desenvolvidas pelas empresas, percebe-se que existem várias soluções disponíveis, porém, nem sempre acessíveis; em sua grande parte são tecnologias caras. Quando falamos em tecnologias desenvolvidas nas universidades, estamos pensando nessas que podem ser utilizadas pelas

pessoas, independentemente da condição econômica/social”, explica.

A professora Jane Garandy Arruda Barroso, que também integra o Nupae e leciona no Instituto de Ciências Exatas e Informática (Icei), ressalta a importância da tecnologia e inovação estarem presentes no âmbito da Proex. “A extensão permite aos alunos um contato com a sociedade através das atividades desenvolvidas, sejam nos projetos, disciplinas ou eventos. Neste momento, eles têm a oportunidade de perceber o outro, e de como o que eles estão aprendendo na sua área de formação pode contribuir para que o outro tenha uma vida melhor”, diz.

Ela chama a atenção para o fato de que o termo tecnologia nem sempre é sinônimo de informática; e inovação, de algo novo. “São ações que podemos desenvolver que podem ser repetidas, repassadas para outros grupos, ações sociais, então não necessariamente têm que estar ligada à questão da informática. Sobre a inovação, nem sempre tem que estar relacionada a uma coisa nova, uma criação, uma invenção. De repente pode ser você melhorar o que já está sendo feito, conseguir fazer algo diferente, de forma mais rápida, mais prazerosa, que vai atender mais pessoas, isso tudo é inovação”.

De acordo com a professora Viviane Dias, diversas iniciativas de extensão no Ipuc foram surgindo de forma natural ao longo dos anos



O projeto Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades de extensão que incorpora a inovação

## Benefícios em diversas áreas

As iniciativas de tecnologia e inovação dentro da Proex envolvem alunos e professores em diversas áreas do conhecimento, como engenharia, educação, informática, gestão, saúde, educação, inclusão, entre outras.

O programa Ideias, que é um laboratório de empreendedorismo do Iceg (Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais), por exemplo, “possui em seu DNA a inovação” segundo o coordenador, professor Osvaldo Maurício de Oliveira. “Os projetos executados no Ideias visam à solução de problemas da sociedade por meio de criação de ideias novas e soluções inovadoras. Assim, a solução gerada pode ser um novo negócio (startups), uma nova metodologia de trabalho, um novo produto ou até mesmo a aplicação de novas tecnologias em ações sociais e mercadológicas”, afirma. Premiado, o programa também se apresenta como um catalisador de negócios para o PUCTec, iniciativa que objetiva desempenhar o papel de um hub na Universidade, gerando inovação, formação e novos negócios induzidos junto ao ecossistema de empresas.

Outra iniciativa é o projeto Enriquecimento

da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades, conhecido como Head. O projeto busca possibilitar a informação e formação de professores e gestores da educação básica e dos familiares sobre a temática das altas habilidades/superdotação. A coordenadora, professora Karina Fideles Filgueiras, ressalta os aspectos inovadores do projeto. “No Brasil, somente esse projeto funciona nesse formato, de abrir as portas da Universidade, com possibilidade de uso de todos os espaços físicos. A tecnologia se dá nas atividades desenvolvidas pelos próprios participantes, a partir de proposições dos monitores extensionistas e dos alunos do Curso de Ciências Biológicas”. Com a chegada da pandemia do coronavírus ao Brasil, o projeto passou a desenvolver suas atividades remotamente, pela internet. Uma das ações inovadoras já desenvolvidas no projeto consiste na parceria com o projeto de extensão do Curso de Engenharia Mecânica *Arduino para Crianças e Adolescentes: Despertando o Interesse pelas Exatas e Tecnologia*, coordenado pela professora Rosely Maria Velloso Campos.

## Grupo de Tecnologias Assistivas

Pesquisar, estudar e promover discussões na área de tecnologia e comunicação assistivas. Esse é o objetivo do Grupo de Tecnologia Assistiva, iniciativa coordenada pelas professoras Nivânia Reis e Carolina Costa Resende, do programa de extensão Rede Incluir, que atuam em sintonia com o que acontece no mundo da tecnologia e inovação.

Segundo a professora, “Tecnologia Assistiva (TA) é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade,

relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social”.

O grupo, criado em 2015, reúne professores dos cursos de Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Mecânica, Ciência da Computação; além de professores do Curso de Pedagogia, da área de tecnologia assistiva aplicada à educação; e professores do Curso de Psicologia envolvidos em pesquisas, estudos e projetos em tecnologia assistiva.

TECNOLOGIA

# COMBATE A NOTÍCIAS FALSAS

Observatório de *Fake News* é lançado pelo Departamento de Ciência da Computação | **Beatriz Reis**

Não é de hoje que notícias falsas são divulgadas como verdades, mas foi com a ascensão das redes sociais que esse tipo de ação tornou-se mais comum. As chamadas *fake news* sempre existiram, o problema é a velocidade com que esses conteúdos falsos são veiculados atualmente. Com o intuito de auxiliar no combate a essas ações, o Departamento de Ciência da Computação do Campus Poços de Caldas criou o Observatório de *Fake News*.

O projeto começou a ser planejado em 2016, embora os estudos e pesquisas sobre *fake news* tenham se iniciado, na PUC Minas, em 2010, quando nem se utilizava esse termo, que passou a ter expressão mundial em 2016, nas eleições americanas daquele ano, como explica o professor João Benedito dos Santos Júnior, coordenador do projeto. “A princípio, o observatório estaria à disposição da sociedade para as eleições municipais de 2020, mas tivemos que antecipar o lançamento da versão experimental por conta do alto volume de notícias falsas devido à pandemia da Covid-19”, diz o professor.

Trata-se de uma plataforma na qual são enviados conteúdos, sejam eles, áudios, imagens ou vídeos, que são analisados. Ao retornar ao internauta, o professor apresenta uma lista explicando o que foi verificado, as técnicas utilizadas durante a ação e o resultado do conteúdo verificado. A ideia é que a sociedade possa denunciar notícias falsas ou conteúdos inapropriados, exercendo, assim, sua cidadania e o direito à comunicação e entretenimento de qualidade no que tange à produção, circulação e consumo dos produtos midiáticos. De acordo com João Benedito, já foram realizadas mais de 400 verificações de conteúdo, dos mais diversos tipos. “Em algumas dessas verificações, colaboramos com o Ministério da Saúde, logo no início da pandemia, quando supostos áudios do então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, circulavam em redes sociais com os mais diversos conteúdos e supostas orientações

à população sobre como combater o coronavírus. Então, fizemos a análise dos áudios e a enviamos ao Ministério da Saúde, por meio de um canal específico, para que o Ministério pudesse se posicionar”.

A jornalista Carol Afonso recebeu um vídeo por meio de um aplicativo de mensagens e precisou recorrer ao Observatório. “O vídeo era de um médico de um dos hospitais mais conhecidos do país, falando sobre o coronavírus e com um certo tom de “terrorismo” nas informações e, como recebi logo no início da pandemia, ainda não tínhamos referência da gravidade e impacto do vírus, por isso optei por verificar, já que, além das *fake news*, as deep fakes [uso da inteligência artificial para trocar o rosto de pessoas em vídeos] também invadiram as comunicações”, comenta Carol. Poucas horas depois de enviar o vídeo para análise, a jornalista teve o retorno de que foi constatado como verdadeiro, após análise de imagem, áudio e timbre de voz.



Professor responsável pelo Observatório, João Benedito dos Santos Júnior realiza ações multidisciplinares envolvendo vários cursos da Instituição com a temática do Observatório

SAIBA MAIS

De acordo com levantamento da Forbes Statista realizado em 2018, em

**37 países**

e mais de **74 mil** pessoas, no Brasil

**62%** das pessoas expostas às *fake news* acreditam nessas notícias falsas. De acordo com o mesmo estudo,

**71%** dos brasileiros se preocupam com conteúdos falsos na web.

Felipe Pádua

EXTENSÃO

# EMPODERAMENTO, INFORMAÇÃO E PREVENÇÃO

Curso de Medicina do *Campus* Contagem realiza projeto de conscientização sobre saúde feminina | **Victor Ciriaco, com colaboração de Lívia Arcanjo**

Em 2019, até o mês de setembro, foram diagnosticados 1.868 casos de câncer de mama e 589 de câncer do colo do útero em Minas Gerais, doenças que, em 2018, mataram, respectivamente, 1.576 e 589 mulheres no Estado, segundo a Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais (SES-MG). Facilitar o acesso a informações qualificadas que permitam a prevenção a esse tipo de ocorrência e outros ligados à saúde feminina, além de orientações sobre gestação, contracepção e planejamento familiar foram as fontes inspiradoras para a criação do projeto Menina & Mulher, pelo Curso de Medicina da PUC Minas Contagem. O projeto de extensão, desenvolvido

desde fevereiro deste ano, busca fortalecer o autocuidado e o empoderamento da mulher.

Com perspectiva semelhante às ações promovidas pelos órgãos governamentais, como a SES-MG e o Sistema Único de Saúde (SUS), que buscam democratizar o cuidado integral e o acesso à informação por meio da internet e de ferramentas tecnológicas, o projeto, coordenado pelo professor Fabrício Campos, do Curso de Medicina, nasceu a partir da identificação da necessidade de munir as mulheres de material sobre temas ligados à saúde feminina e planejamento familiar. A demanda foi identificada por Estefânia Pereira Diniz, aluna do curso, durante atividades, realizadas em 2018 e 2019, relacionadas a uma pesquisa sobre dispositivos intrauterinos de cobre orientada pelo professor Fabrício. “Quando veio a oportunidade de inscrever o projeto na Pró-reitoria de Extensão (Proex), eu o propus ao professor Fabrício, que estava disposto a coordená-lo”, explica Estefânia.

Com a equipe selecionada, totalizando 15 extensionistas, na expectativa de realizar encontros educativos periódicos com a população feminina da periferia do município de Contagem, foi necessário repensar o modelo de trabalho, que, com o advento da pandemia de coronavírus e a consequente necessidade do isolamento social e do Regime Letivo Remoto, passou a ser totalmente a distância. “O projeto seria centrado em uma UBS [Unidade Básica de Saúde] específica de Contagem, mas foi reescrito para ter o impacto na comunidade utilizando as redes sociais como ferramentas, preservando a segurança de todos”, conta o professor Fabrício Campos.

A alternativa foi utilizar o Instagram para atingir o público-alvo do projeto. Com o perfil em ati-

Fotos: Raphael Calixto

vidade, o grupo contou com o apoio de gerentes de UBS de Contagem, Betim e Ibirité, cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, para divulgá-lo, a partir do compartilhamento com lideranças comunitárias, que foram os multiplicadores da informação. “Começamos a seguir as pessoas e elas nos seguiram de volta. Então iniciamos a publicação de temas e a proposição de atividades que pudessem chamar a atenção do público. Começamos a receber várias questões no perfil, as pessoas começaram a curtir e compartilhar os posts”, lembra Estefânia.

A escolha dos temas abordados é feita a partir das dúvidas enviadas pelos seguidores e também por votações promovidas no próprio perfil para conhecer mais sobre os interesses da audiência, o que possibilita uma maior interação. Com o tema definido, inicia-se o processo de aprofundamento no assunto e construção do conteúdo pelo grupo de extensionistas. Como explica o professor Fabrício, são realizadas atividades de capacitação dos alunos atuantes no projeto, que produzem materiais na forma de feed, stories, avaliam livros e séries que abordam o poder e autoconhecimento feminino. “Há os conteúdos relacionados a um programa estabelecido por nós e vários materiais desenvolvidos a partir da demanda feita pela população a partir da abertura de posts para perguntas”, completa o professor.

Com a utilização da plataforma online, está sendo possível levar as informações e conteúdos produzidos a lugares geograficamente mais distantes, com o apoio de gerentes de unidades de saúde. Como ressalta o professor Fabrício, “a intenção é poder ajudar o maior número de pessoas possível”.

Não fosse a rede social, Luciete Gregório, brailista de 36 anos e residente na cidade de Santa Luzia, talvez não seria alcançada pelo projeto, que aconteceria presencialmente apenas em Contagem. Ela soube da iniciativa, passou a acompanhar a página e faz questão de compartilhar o conteúdo. “Sempre leio e indico para as amigas. Eu acho bacana porque trata de assuntos que muitas vezes a gente tem vergonha de perguntar. E também fala sobre empoderamento e isso é muito importante”, opina, observando que ao trazer informações relevantes e de forma clara e direta, o projeto pode promover a conscientização da usuária e derrubar alguns mitos sobre assuntos considerados tabus.

## Resultados satisfatórios

A percepção é de que o trabalho tem gerado resultados satisfatórios e atingido o público proposto. Prova disso são os comentários e alcance das publicações. “Páginas grandes repostando o conteúdo, pessoas de outros estados seguindo a gente. Tudo isso aumenta nossa percepção de que a informação está chegando de maneira correta às pessoas que a gente quer atingir”, diz Estefânia. Nas estatísticas do perfil levantadas em agosto de 2020, 83% do público seguidor são mulheres entre 18 e 25 anos, audiência que o projeto espera alcançar.

Quando for possível realizar atividades presenciais, a intenção é que o Instagram permaneça, sendo um aliado para o projeto. “O Instagram tornou-se o nosso porta-voz para divulgar nossas ações, nosso trabalho, as informações que a gente gostaria que as mulheres soubessem. É uma ferramenta muito importante de interação que colocou a gente diretamente de frente com esse público”, diz Estefânia. A proposta é que os extensionistas atuem em parceria com a equipe de Saúde da Família das Unidades Básicas de Saúde, promovendo intervenções informativas de acordo com as demandas locais que forem apresentadas.

Luciete Gregório, que segue o Instagram do Menina & Mulher, diz que o projeto, ao trazer informação confiável, pode derrubar alguns mitos sobre assuntos considerados tabus

A aluna de Medicina Estefânia Diniz: “A informação está chegando de maneira correta às pessoas que a gente quer atingir”



REGIME LETIVO REMOTO

# DOMÍNIO DO AMBIENTE VIRTUAL

PUC Minas Virtual capacita professores para explorar potencialidades desse recurso de aprendizagem | **Rafaela Rodrigues**

**E**m 2020, a educação a distância foi ampliada significativamente pelo distanciamento social, imposto pela pandemia de Covid-19, e muitos professores passaram a utilizar sistemas de aprendizagem que nunca viram antes. A PUC Minas Virtual, com sua expertise de mais de 20 anos, sempre preparou seu docente do EaD (Ensino a Distância) para trabalhar e explorar as potencialidades do ambiente virtual de aprendizagem, através de assessoria pedagógica e capacitações e, durante o período do Regime Letivo Remoto, não foi diferente, com a expansão desse suporte para toda a Universidade.

A figura do assessor pedagógico surgiu em 1999, quando a Diretoria de Ensino a Distância da PUC Minas foi criada. “No início, havia um assessor em cada curso, para redesenhar cada projeto pedagógico junto ao professor, considerando a proposta do EaD. Era mais um desenho a quatro mãos do que uma capacitação propriamente dita, no modelo que vemos hoje. Em 2014, vendo o crescimento da educação a distância dentro da Universidade, decidimos montar, de fato, um setor de capacitação, que foi implan-

tado em 2015”, conta o professor Marcos André Silveira Kutova, diretor da PUC Minas Virtual. O setor surge com o objetivo de preparar o professor e passa a atuar em três frentes: divulgar para a comunidade acadêmica o que é a educação a distância; apoiar o professor na preparação da sua disciplina e proporcionar um desenvolvimento contínuo do corpo docente da Universidade. “O primeiro esforço do setor é mostrar para toda a Instituição o que é um curso, ou uma disciplina a distância, de tal forma que, quando chegar o momento de um professor atuar, ele já tenha um conhecimento prévio do que é a EaD e qual o modelo pedagógico dos cursos a distância da PUC Minas. A segunda intenção, mais objetiva, é de criar vários instrumentos de orientação para os professores, para que eles saibam planejar e produzir seus conteúdos. E o terceiro objetivo é sempre trazer as melhores práticas, novas ideias e compartilhar experiências para que toda a comunidade acadêmica continue evoluindo”, explica o professor Marcos.

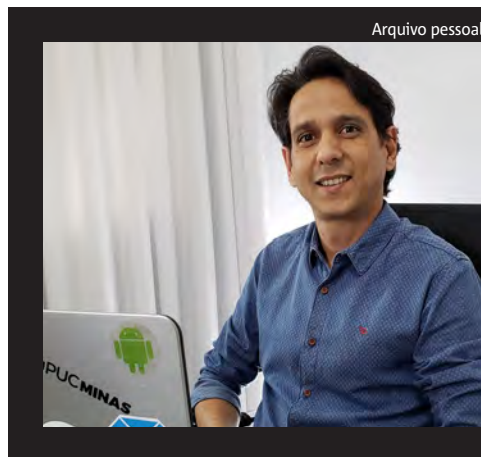
Na coordenação desde 2019, o professor João Carlos Oliveira Caetano conta que o setor não so-



Raphael Calixto

“Um dos objetivos é sempre trazer as melhores práticas, novas ideias e compartilhar experiências para que toda a comunidade acadêmica continue evoluindo”

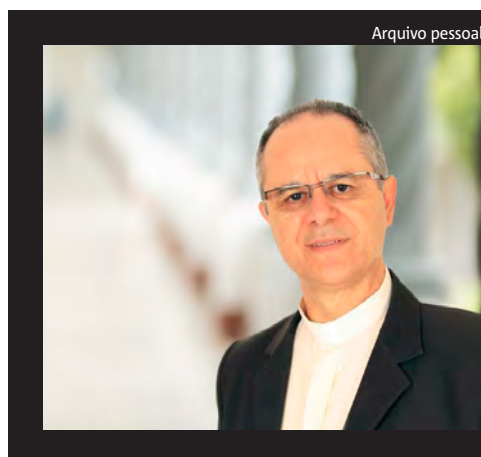
**Professor Marcos André Silveira Kutova,**  
diretor da PUC Minas Virtual



Arquivo pessoal

“Um dos nossos maiores desafios é a entrada de novos professores e alunos dos cursos presenciais”

**Professor João Carlos Oliveira Caetano,**  
Coordenador da PUC Minas Virtual



Arquivo pessoal

“Hoje, minha metodologia mudou e estou mais seguro, sabendo que devo me aperfeiçoar sempre”

**Professor Cônego Manuel Quiterio de Azevedo**

freu grandes mudanças, mas precisou adaptar seu trabalho com a implantação do Regime Letivo Remoto. “Até antes da pandemia, estávamos voltados para o atendimento de professores da educação a distância. Hoje, um dos nossos maiores desafios é a entrada de novos professores e alunos dos cursos presenciais. O que mais preocupou a comunidade acadêmica, de modo geral, foi como esses professores e alunos se adaptariam às tecnologias e, também, como prover ações para auxiliar na formação e não apenas na utilização das tecnologias empregadas durante o processo de ensino”, declara o professor João Carlos. É importante ressaltar que a metodologia de ensino remoto adotada é diferente da metodologia de ensino a distância: na primeira, acontecem as aulas síncronas, que tem dia e horário certo para ocorrer; na segunda, o modelo é assíncrono, com videoaulas gravadas, às quais os alunos podem assistir quando e quantas vezes quiser.

O professor Cônego Manuel Quiterio de Azevedo leciona as disciplinas de Cultura Religiosa

I e II, no *Campus Serro*, e passou recentemente pela capacitação. “Antes, tinha um emaranhado de dúvidas, incertezas e uma incapacidade de levar avante o que a Instituição me pedia. Hoje, minha metodologia mudou e estou mais seguro, sabendo que devo me aperfeiçoar sempre”, conta.

Segundo o professor João Carlos, todas as iniciativas promovidas pelo setor buscam dar maior tranquilidade e comodidade a professores e alunos, principalmente nesse momento de instabilidade e incerteza. “Como o ensino remoto tem uma grande escala dentro da Universidade, tendo em vista o número de alunos e professores envolvidos, algumas ações de suporte aos usuários devem ser constantemente atualizadas e desenvolvidas para auxiliar na minimização de problemas. Mas, sem perder de vista projetos que dão um apoio ainda maior ao professor, na direção das metodologias ativas, tecnologias na educação, e boas práticas com foco no desenvolvimento profissional para os docentes e apoio à aprendizagem dos alunos”, explica.



**SAIBA MAIS**

A PUC Minas Virtual criou o Guia do Professor, com conteúdos sobre graduação e pós-graduação a distância, sobre o regime remoto, além de orientações sobre as plataformas Canvas e Microsoft Teams. Busque por Guia do Professor, no Canvas, ou acesse [pucminas.br/virtual](http://pucminas.br/virtual).

## Sensor da Disciplina

A PUC Minas Virtual desenvolveu uma ferramenta que tem como objetivo mensurar a experiência dos alunos com a disciplina cursada, buscando auxiliar o professor a se planejar e a direcionar seus esforços de acordo com o *feedback* recebido. O Sensor da Disciplina, idealizado em 2018 pela equipe de Experiência do Usuário, teve seu protótipo funcional testado no segundo semestre de 2019, junto a professores convidados a utilizá-lo ao longo do semestre. Em 2020, a ferramenta foi lançada oficialmente e, a partir do segundo semestre, está disponível para todas as ofertas EaD da PUC Minas, incluindo as disciplinas do Regime Letivo Remoto.

O sensor surge da necessidade de proporcionar melhores condições aos professores de acompanharem de perto seus alunos. “Sabemos que o acompanhamento em aulas virtuais é bem diferente. Enquanto no presencial o professor pode acompanhar claramente quando o aluno está, ou não, engajado, no ambiente virtual de aprendizagem isso não fica tão claro. O sensor vem para aproximar professor e aluno, para proporcionar ao professor um melhor entendimento de sua turma e um feedback mais claro de como anda sua disciplina”, declara Leonardo Braulio de Oliveira e Silva, UX Designer e líder do setor de Experiência do Usuário da PUC Minas Virtual.

Com desenvolvimento baseado em processos de criação e inovação em design, a ferramenta, atualmente, apresenta três indicadores: o engajamento dos alunos, o desempenho dos alunos e a percepção dos alunos. Mas a expectativa é que, ao longo dos semestres, novas métricas possam estar disponíveis para os professores. “Com o engajamento do aluno, o sensor quer saber se ele está frequentando a disciplina e quanto tempo está passando nela; através do desempenho do aluno, entender como ele está se saindo; e com a percepção do aluno, na qual usamos a metodologia NPS (Net Promoter Score), muito utilizada por instituições de educação, e uma metodologia própria desenvolvida por nós, queremos mostrar a visão do aluno para aquela disciplina”, explica Leonardo.

De acordo com Daniel de Souza Gamarano, UX Designer que desenvolveu a ferramenta juntamente com Leonardo, todos os dados e detalhamentos feitos pelo Sensor da Disciplina são oferecidos diretamente ao professor, para que o monitoramento seja feito por ele. “O sensor é rodado duas vezes por semestre, para termos uma

percepção no meio e pouco antes do período letivo fechar. Para justamente mostrar para o professor que, no meio da disciplina, ele pode perceber algo que não está fazendo sentido e, se ele quiser, tem a opção de tomar um caminho diferente. Porque essa decisão do que deve ou não deve ser feito é de autonomia do professor”, declara.

Para Leonardo e Daniel, é importante lembrar que o sensor não é uma ferramenta de gestão ou de avaliação do professor. “A ideia não é essa. Queremos deixar bem claro que essa ferramenta foi feita para o professor, a partir de demandas do próprio professor, o que está dentro de um dos nossos pilares principais da autonomia docente”, diz Leonardo. E Daniel finaliza: “Ter o sensor publicado para toda a Universidade é um posicionamento de uma constante melhoria buscada pela instituição em prol dos alunos, principalmente nesse período de pandemia”.

Arquivo pessoal



“O sensor vem para aproximar professor e aluno, para proporcionar ao professor um melhor entendimento de sua turma e um feedback mais claro de como anda sua disciplina”

**Leonardo Braulio de Oliveira e Silva**, UX Designer e líder do setor de Experiência do Usuário da PUC Minas Virtual

## CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

# SENTIDOS PARA A VIDA

PUC Minas elabora conteúdo do Componente Curricular de Ensino Religioso do Plano de Estudos Tutorados, para a rede pública estadual | **Leandro Felicíssimo**

Um rei fez um banquete para todos os súditos e falou para eles levarem um vaso sem nada ou com água. Algumas pessoas apareceram com vasos grandes e outras pequenos, outras não apareceram com qualquer um. O rei disse, então, que daria presente a quem tivesse levado vaso. Todos comeram e ficaram esperando. O rei retribuiu com vasos cheios de moedas, ouro, e todos ficaram muito gratos. A história, que trata de confiança, moral e ética, foi bem absorvida pela estudante Lavinia Mikaelle, de 14 anos e do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Pandiá Calógeras, localizada na região Centro-Sul de Belo Horizonte. “O assunto foi bem explicado, não tive dificuldade de responder”, atesta a estudante, que teve acesso à história em uma das aulas de Ensino Religioso, através do Plano de Estudos Tutorados (PET), produzido pelo Programa

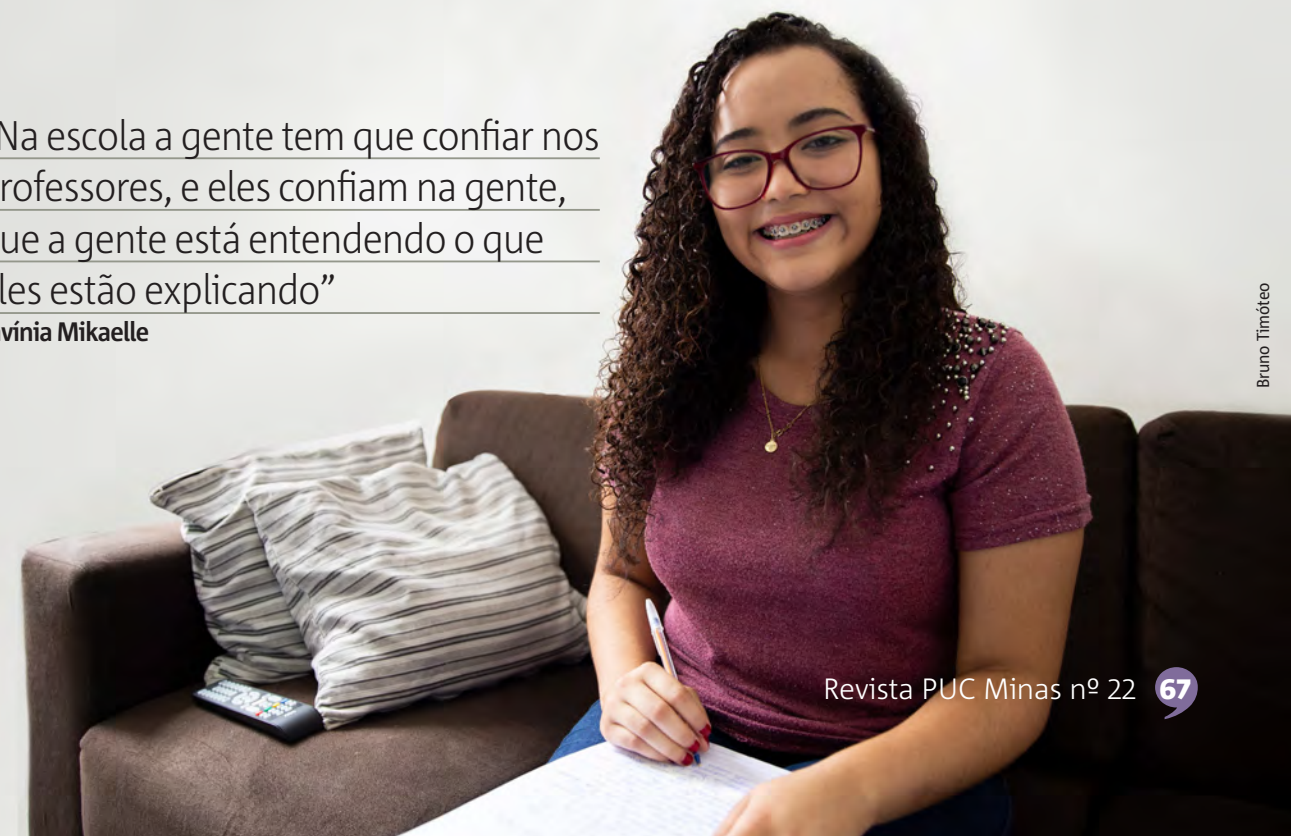
de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas e uma iniciativa da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais.

O PET é uma das estratégias do Regime de Estudos Não Presencial adotado pela SEE-MG durante o período necessário ao afastamento social para prevenção de infecções pelo novo coronavírus. Ele se caracteriza por conter textos e atividades que visam desenvolver as habilidades referentes ao período de escolarização do estudante. Além do PET, também são oferecidos aos alunos o Programa Se Liga na Educação, transmitido pela Rede Minas; o aplicativo Conexão Escola, que possibilita a comunicação com os professores através de chat; e o site Estude em Casa.

“Achei incrível, tem tudo a ver com a matéria que estávamos assistindo presencialmente. A videoaula ajudou muito, não tive dificuldade

“Na escola a gente tem que confiar nos professores, e eles confiam na gente, que a gente está entendendo o que eles estão explicando”

**Lavinia Mikaelle**



em fazer o PET”, diz a estudante Lavinia sobre o conteúdo da videoaula de Ensino Religioso. “Na escola a gente tem que confiar nos professores, e eles confiam na gente, que a gente está entendendo o que eles estão explicando”.

Através do Grupo de Pesquisa Redeclid – Religião, Educação, Ecologia, Libertação e Diálogo, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, também dois de seus professores – Giseli do Prado Siqueira e Paulo Agostinho Nogueira Baptista – foram redatores do componente curricular Ensino Religioso no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). Desta forma, no contexto da pandemia da Covid-19, conta o

professor Paulo Agostinho, houve solicitação da SEE-MG para colaboração na elaboração dos PETs do componente Ensino Religioso, o Redeclid respondeu positivamente, além de parte de seus membros também gravarem as aulas pela TV Minas. “Os PETs são formas, ainda que limitadas, pois nem todos os alunos têm acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), de oferecimento de materiais e apoios para estudo, nesse período de ausência das aulas presenciais. Eles trazem temas do currículo, contextualizados, e atividades para que os estudantes possam manter o vínculo de aprendizado, e isso é muito importante”, considera o professor.

## Laicidade no ensino religioso

O professor Paulo Agostinho explica que o PET parte do ensino religioso laico. Na história da educação, Minas Gerais participou de várias formas. Ele relata que no contexto da crise gerada pela separação em Igreja e Estado, com o Decreto 119A, de 7 de janeiro de 1890, houve grande resistência da Igreja com a nova perspectiva da laicidade. A resistência de Minas começou pouco tempo depois do decreto, no início do século XX, com seu congresso constituinte (1906) e diversos outros eventos. Foi o primeiro estado a ter o retorno do Ensino Religioso nas escolas, em 1925. “Mas era o tempo do Ensino Religioso (ER) confessional. Hoje, não defendemos mais o ER confessional, mas um ER laico”, assinala Agostinho.

Ele explica que a mudança de paradigma veio com um salesiano, que foi professor da PUC

Minas durante décadas: padre Wolfgang Gruen. Refletindo sobre o ER desde 1968, em 1974 Gruen provocou verdadeira revolução ao publicar, pela então Universidade Católica de Minas Gerais, um texto sobre o ER nas escolas oficiais de ensino. Pela primeira vez na história aparece a distinção entre Ensino Religioso Escolar (ERE) e Ensino Religioso confessional (catequese). E o nome Ensino Religioso Escolar ficará reservado para o ensino laico, portanto, diferente da catequese, que é a “educação da fé”, explica o professor.

O ERE trata da educação da religiosidade. Essa categoria, destaca Paulo Agostinho, acaba sendo complexa, pois fica muito próxima do entendimento de religião, mas ela tem outro significado. É compreendida como categoria antropológica. Assim como o ser humano tem diversas dimensões – afetividade, sexualidade, sociabilidade, historicidade –, ele tem também “religiosidade”, que é a dinâmica humana que o leva a buscar, necessitar e produzir “sentidos de vida”, explica o professor. “Todo mundo precisa de ‘sentidos’ para viver. O ERE quer ser espaço escolar para ajudar os estudantes a produzirem com qualidade seus sentidos e projetos de vida.”

Dentre os sentidos de vida, destaca o professor, estão a fé e a espiritualidade, fenômenos importantes a serem conhecidos, refletidos e culturalmente identificados. “Mas há estudantes que não têm fé, o que não significa que não tenham sentidos profundos de vida. Por isso, o ERE ocupa um lugar fundamental na educação, ainda mais num contexto de crise existencial, pois ajuda a comunidade escolar a refletir criticamente sobre os sentidos de vida, inclusive os sentidos religiosos, mas não se esgota em discutir os fenômenos religiosos”.

O professor Paulo Agostinho: PET parte do ensino religioso laico

Marcos Figueiredo



## Conteúdo curricular em regime não presencial

A professora Taciana Brasil, pedagoga, doutora em Ciências da Religião e integrante do Redeclid, considera muito importante que o Ensino Religioso esteja sendo trabalhado enquanto conteúdo curricular no Regime de Estudos Não Presencial. “A proposta inicial, na primeira edição do PET, era que Ensino Religioso, Arte e Educação Física fossem trabalhados apenas de forma interdisciplinar. Essa nova proposta de organização, que contempla todos os conteúdos previstos pela BNCC e pelo Currículo Referência de Minas Gerais, permite que também tenhamos metas de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades para o ano letivo de 2020”, diz a professora de Ensino Religioso na Escola Estadual Pandiá Calógeras e redatora do PET para o 8º ano. “Tem sido uma experiência muito interessante planejar um material que chegará a todos os estudantes do ensino fundamental em Minas Gerais. Igualmente, gravar aulas para realidades tão diversas e atender ao vivo às dúvidas dos alunos. Embora a sala de aula tradicional seja uma experiência inigualável, participar da construção do PET e gravar para o Se Liga na Educação têm sido momentos de grande crescimento profissional e pessoal”.

Taciana Brasil lembra que a legislação brasileira orienta para um modelo de laicidade que reconhece a experiência religiosa e sua contribuição na formação cultural e pessoal do cidadão. “Porém, exige que haja igualdade no tratamento de todas as confissões religiosas e filosofias de vida. Seguindo essas premissas, o Ensino Religioso não deve ser o ensino de uma religião, mas um ensino sobre as religiões e filosofias de vida, bem como de sua contribuição à sociedade e à construção de um sentido pessoal para a vida”.

Jacqueline Crepaldi, também integrante do Redeclid e redatora do PET, diz que crianças de 10 e 11 anos estão numa fase de muita curiosidade, gostam de demonstrar o que aprendem e buscam autonomia. “Então, observando essas habilidades sociais e as habilidades propostas pelo CRMG, criaram-se aulas de 20 minutos, direcionadas aos educandos. A linguagem precisou ser muito cuidada, afinal fala-se para crianças. As imagens escolhidas precisaram ser claras e objetivas. Também se usaram histórias, pois, qual criança não gosta delas?”.

Para abarcar a religiosidade sem ferir a laicidade, prossegue a professora Jacqueline, é preciso

A professora Taciana Brasil, integrante do Redeclid, destaca a importância da oferta do Ensino Religioso Regime de Estudos Não Presencial



Jacqueline Crepaldi, também integrante do Redeclid e redatora do PET, diz que crianças de 10 e 11 anos gostam de demonstrar o que aprendem e buscam autonomia.

ultrapassar os ensinamentos de catequese e de fenômeno religioso. “Um ensino não confessional deve confirmar o conceito fundante basilar para o trabalho com crianças e jovens na atualidade: religiosidade é construção de sentidos para a vida. Assim, trabalhar com a religiosidade é trabalhar com uma dimensão humana como outra qualquer, por exemplo, dimensão física ou intelectual”. Segundo a professora, os temas, amparados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo Referência de Minas Gerais, abrangem: educação para o sentido da vida, cosmovisões religiosas, religiões diversas, valores humanos, filosofias de vida, valor moral e ética, alteridade, entre outros.

Para Tatiana Gariglio Xavier, analista educacional da SEE-MG, foi valiosa a produção da equipe da PUC Minas na escrita do CRMG, visando à manutenção da qualidade e do alinhamento dos PETs ao Currículo, tendo sido novamente a equipe da PUC acionada para esse conjunto e tão importante para a oferta do ensino remoto na rede estadual e de algumas redes municipais, pontuou.

Fotos: Bruno Tinóteo

O estudante de Engenharia Mecânica Vinícius Mendonça, que venceu as duas primeiras edições do Festival da Canção da Universidade, elogia a iniciativa



# CULTURA

# EXPRESSÕES DA

# ARTE

Concursos culturais incentivam a criatividade entre a comunidade acadêmica

*Bruna Santos Vida*

**F**az parte da missão da PUC Minas incentivar e contribuir com a produção e disseminação das ciências, das artes e da cultura. Foi pensando nisso e percebendo aptidões para as artes em alunos, professores e funcionários técnico-administrativos que surgiu a ideia de se realizar o Prêmio Literário e o Festival da Canção PUC Minas. “A Universidade não é um lugar apenas para a ciência - é um lugar de conhecimento, e a arte é uma das formas de conhecimento mais profundas, extensas e valiosas que existem. Para conhecer qualquer civilização, qualquer cultura, qualquer grupo humano, estudar as suas manifestações artísticas é sempre um grande caminho”, justifica o professor José Wanderley Novato, coordenador de Pesquisa da PUC Minas São Gabriel, e integrante da Comissão Organizadora de ambos os concursos.

O diretor acadêmico da PUC Minas São Gabriel e presidente das comissões organizadoras das duas iniciativas, professor Cláudio Lister Marques Bahia, afirma que, por meio do Prêmio Literário e do Festival da Canção, é possível perceber, na inquietação transcendente universitária, o

espírito acadêmico pulsando vivo. “Uma Universidade viva, não apenas categorial pelo corpo docente, corpo discente ou corpo técnico, mas pela distinção dos seres humanos que a compõem e a edificam”, destaca o professor.

Para os participantes, é uma forma de se expressarem e de serem incentivados em sua criatividade. O vencedor da primeira edição do Prêmio Literário PUC Minas, em 2018, João Paulo Tomayno de Melo, conta que o concurso é um grande incentivo para aqueles que querem ingressar na literatura e que lhe rendeu bons frutos. “Graças ao Prêmio Literário, conheci alguns autores de Belo Horizonte e, ao lado deles, lancei meu primeiro livro, o *Sete Destinos*. Além de me sentir muito feliz e honrado por conquistar a primeira edição do prêmio, ela, posteriormente, me proporcionou a realização de um sonho”, comemora. João Paulo é aluno do Curso de Psicologia da PUC São Gabriel e venceu com o conto *Acredite*.

Vinícius Lúcio Duval Mendonça, vencedor das duas primeiras edições do Festival da Canção PUC Minas, com as músicas *Las Vegas* (2018) e *Poetas*

(2019), acredita que os concursos são importantes por, além de valorizarem a criatividade, incentivarem e darem visibilidade aos talentos que existem na Universidade. “O importante é mostrar o que a gente cria, que é muito subjetivo. Cada um, nessa jornada, tem uma luz particular. Não devemos deixar essa luz ofuscada. A gente precisa mostrar”. Vinícius é aluno do 10º período de Engenharia Mecânica da PUC Minas São Gabriel.

Em ambos os concursos – Literário e da Canção -, as obras inscritas são avaliadas por uma comissão constituída por integrantes externos à PUC Minas e professores da Universidade, além dos integrantes da comissão organizadora. No

Prêmio Literário, que é realizado no primeiro semestre do ano, os autores submetem contos inéditos. No Festival da Canção, realizado no segundo semestre, também em sua terceira edição, os autores devem submeter uma canção original, composta por letra e melodia. As melhores canções, de acordo com a comissão julgadora, apresentam-se em uma grande final, quando é escolhida e divulgada a obra vencedora. São premiados as três melhores canções e o melhor intérprete. Em 2020, as etapas de ambos os concursos foram online devido à necessidade de distanciamento social, decorrente da pandemia de Covid-19.

## Criação de obras inéditas

Para o professor José Wanderley, as duas coisas que mais o motivam a realizar os concursos são o fato de os eventos serem marcados pela criação de obras inéditas – para ele, isso dá oportunidade para a expressão de novos autores – e o fato de funcionários, alunos e professores de todas as unidades terem o mesmo tratamento. Para João Paulo, abrir um espaço para a produção cultural na Universidade é muito importante e ressalta o quanto é interessante a participação de alunos, funcionários e professores, justamente por promover a igualdade entre todos na Universidade. “Mal pude acreditar quando recebi a ligação informando que eu havia vencido o prêmio, e o dia da premiação ainda é um dos momentos mais emocionantes que já vivi”, conta João Paulo, que concorreu ao lado de alguns de seus professores.

O professor Helio Miranda, docente da Faculdade de Psicologia no *Campus* Coração Eucarístico e Unidades São Gabriel e Praça da Liberdade, vencedor da segunda edição do Prêmio Literário (2019), espera que a PUC Minas continue promovendo estes concursos e, com isso, possibilite circularem outras palavras na Universidade. “Pretendo participar de outras edições. Mas tudo depende mais da inspiração que somente da vontade”, conta. Ele havia lançado um livro de contos alguns meses antes de ganhar o concurso e o prêmio foi um estímulo para escrever mais. Vinícius Lúcio vê o Festival da Canção como uma oportunidade de alunos, professores e funcionários “saírem desse universo unicamente acadêmico e partirem para uma área mais cultural”.

O professor José Wanderley acredita que os eventos são um sucesso, mas entende que o potencial de crescimento ainda é enorme. Para ele, os impedimentos para mais inscrições são os já

conhecidos “consumidores de tempo” mais vorazes hoje em dia: as tarefas diárias de estudo e trabalho, o deslocamento cotidiano para essas atividades e as pressões por comunicação e interação digital. “Não é um desinteresse pela arte, principalmente em relação à música. Mas essas pressões podem levar os indivíduos a serem consumidores passivos de arte”, explica. “Em relação à literatura entendo que a questão é ainda um pouco mais complicada; nosso país sempre leu pouco, e um país que lê pouco também escreve pouco. Mas há também um público muito criador que usa a internet para se manifestar literariamente, e, contra todas as previsões, a literatura continua atraindo muita gente”, avalia.



Aluno de Psicologia da Unidade São Gabriel, João Paulo Tomayno venceu a primeira edição do Prêmio Literário PUC Minas, em 2018

ARQUITETURA E URBANISMO

# PAISAGEM CULTURAL EM 360°

Feiras de BH são foco de projeto do curso na Unidade Praça da Liberdade  
**Luiza Rocha**

Identificar espaços perdidos aos olhos já viados na paisagem urbana, desbravar de forma diferente locais já conhecidos, acessar uma enorme gama de lugares sem sair de casa. Essas são algumas das inúmeras oportunidades promovidas pela realidade virtual, modalidade que reduz barreiras físicas entre o observador e o local de estudo e se transforma em uma poderosa ferramenta de experiência e análise das cidades. Com esse pensamento em mente, o aluno Raul Araújo Cirne, e o professor Fernando Pacheco do Nascimento, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unidade Praça da Liberdade, propuseram o projeto de pesquisa

**“A ideia é criar uma plataforma online georreferenciada, vinculada a um mapa, e as pessoas vão conseguir acesso a essas feiras de forma virtual”**

**Raul Araújo Cirne**

FIP Quanta-feira: a realidade virtual como meio de investigação de feiras em espaços públicos.

Sobre a escolha do recorte nas feiras livres, sendo elas de artesanato, frutas, verduras, entre outras, o professor Fernando reforça que, mesmo já conhecidas pela população da capital mineira, estas ainda não possuem boa visibilidade em plataformas de mapeamento web, por exemplo. “O mundo está quase todo fotografado e mapeado, mas os eventos não permanentes que acontecem em espaços públicos não são mostrados. Esse tipo de ferramenta tem um potencial grande de dar visibilidade e mapear os eventos efêmeros, que ocorrem em espaço coletivos, mas em dias e horários específicos, como as feiras livres”, reflete. “A Feira Hippie, por exemplo, uma paisagem marcante na vida de Belo Horizonte, mas que não aparece quando entramos nas plataformas de mapeamento, pois ali só indica a avenida que ela se encontra”, exemplifica.

Fotos: Raphael Calixto



Para o extensionista Raul, uma das motivações ao entrar para o projeto foi a possibilidade de buscar a função social que a tecnologia promove nos dias de hoje. “Muitas vezes, o acesso virtual faz cumprir a função do acesso físico. Uma pessoa que nunca teve contato com o espaço, pode acessá-lo por meio dessa ferramenta e ver como é legal”, argumenta.

Outro ponto importante de motivação para as pesquisas sobre a realidade virtual, indicada pelo professor, é o seu papel como ferramenta de experiência e análise dos espaços. “Os registros servem para permitir que mais gente conheça e tenha interesse em visitar ou ajudar a cuidar de um espaço, até porque eles não vão ficar ali o tem-

po todo. Além disso, funciona também como um instrumento de registro que serve de base para pesquisadores e especialistas das áreas, antes que aconteça alguma interferência no espaço”, esclarece o professor.

A inovação tecnológica adicionou uma nova camada informacional sobre as cidades a partir de panoramas 360°, reflete o professor Fernando Pacheco: “O interessante do mapeamento 360° desses eventos é que a pessoa que ia precisar de orientações de terceiros para saber onde ela vai, poderá olhar na internet as informações e imagens e ter um panorama muito melhor e mais rico do que se fosse apenas guiada por relato de outros”.

## Relação enriquecedora

Durante as sessões de fotos, Raul conta que a relação com os feirantes também foi muito enriquecedora. “Essa parte do projeto, que oferece o contato humano, também é bem interessante. A gente viu que os feirantes ficaram esperançosos de que esse projeto ajudasse na visibilidade deles para o público geral”, reflete. O extensionista explica que muitos feirantes já conseguiram o seu espaço na internet, mas que outros ainda têm dificuldade em se promover usando a tecnologia.

O intuito do projeto também é criar uma plataforma de divulgação de todos os registros feitos pela iniciativa. “A ideia é criar uma plataforma online georreferenciada, vinculada a um mapa, e as pessoas vão conseguir acesso a essas feiras de forma virtual, além de informações específicas de cada uma, com dia, horário e local de funcionamento”, revela Raul. “Neste ano, como ainda não temos uma plataforma própria, a ideia é disponibilizar os panoramas via plataformas públicas de mapeamento, para dar visibilidade do que já te-

mos registrado”, completa o professor Fernando.

O projeto também já vem sendo reconhecido nacionalmente, uma vez que a iniciativa foi escolhida para ser apresentada no evento UIA2021RIO - 27º Congresso Mundial de Arquitetos. “Este é um dos maiores congressos de Arquitetura do mundo e nosso trabalho foi aprovado e é bem relevante para nós ter essa oportunidade. É uma grande oportunidade para apresentarmos nosso trabalho para o mundo”, comemora Fernando.

Segundo o professor Fernando, o projeto passará por mais uma transformação. A partir das análises, eles identificaram um novo campo de atuação, o mapeamento das comunidades. “As comunidades ficaram invisíveis ante esse mapeamento. Os moradores desses locais, muitas vezes, não conseguem pedir comida por um aplicativo, por exemplo, porque não tem opção de entrega lá. Isso acontece porque as ruas não estão nos mapas dos aplicativos, o que deixa o espaço invisível”, comenta.

O professor Fernando Pacheco, do Curso de Arquitetura e Urbanismo: projeto dá visibilidade para feiras



ARTIGO | \*AMANDA OLIVEIRA

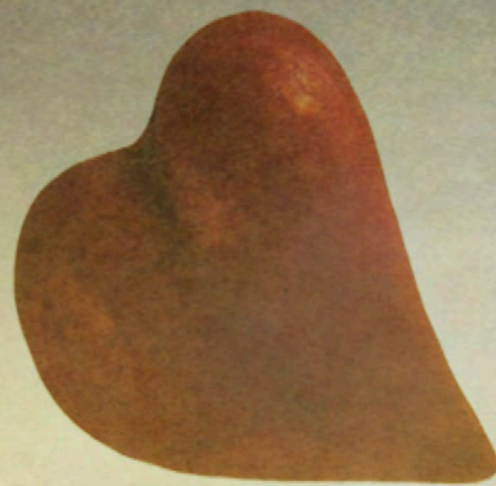
# VIVÊNCIA DA DOR

Os impactos da pandemia de Covid-19 no processo habitual do luto

A pandemia da Covid-19 alterou nossos rituais de despedida e a extensão da nossa rede de apoio física. Velórios breves ou ausência de velórios. Enterros num piscar de olhos. Caixões fechados. Poucos ombros de apoio ao redor. Impossibilidade de abraços físicos. Por que isso importa? Porque nossos rituais têm um lugar importante na elaboração da perda. Os ritos fúnebres nos possibilitam reconhecer a perda de forma real. Possibilitam-nos um lugar aberto de vivência da dor. Nos rituais, a dor não precisa ter limites e é amparada pelo acolhimento social.

No Brasil, a primeira morte em decorrência do novo coronavírus ocorreu em fevereiro e, desde então, passamos a contar os nossos mortos aos milhares. Os impactos da pandemia ultrapassam nosso corpo físico e trazem uma questão essencial: impactos sociais e psicológicos não são interrompidos com a chegada da vacina. É necessário olhar os machucados deixados por mudanças tão bruscas em processos há muito estabelecidos em nossa sociedade. Não são apenas números que compõem uma estatística. São centenas de milhares de famílias que vivem suas perdas. Vivendo o luto em um momento que até essa vivência se apresentava de forma privada.

O luto, como processo, é uma das poucas certezas em nossa vida. Temos certeza da morte. No entanto, a certeza não minimiza o impacto. O luto, apesar de não ser uma patologia, limita o corpo físico e limita a vivência mental. Apatia, abatimento, perda do interesse no mundo exterior, diminuição da vontade e iniciativa. Esses são os sintomas do luto descritos pela Associação Americana



de Psicologia. O luto, ainda, não se limita à perda física de um ente.

O psiquiatra britânico Colin Murray Parkes nos aponta algo essencial: a perda, no luto, é a perda de parte de nós mesmos. “Quando alguém morre, uma série de concepções sobre o mundo, que se apoiavam na existência da outra pessoa para garantir sua validade, de repente passam a ficar sem essa validade. Hábitos de pensamento construídos ao longo de muitos anos precisam ser revistos e modificados; a visão de mundo da pessoa precisa mudar.” (Parkes, 1998).

O processo de vivência de luto apresenta similaridades, ainda que seja um sentimento vivido individualmente. Por Parkes, quatro fases foram identificadas: entorpecimento, procura, desorganização e desespero, e recuperação. Entorpecimento, a primeira fase, é um momento marcado por respostas físicas

do corpo ao choque emocional. A procura, por sua vez, é uma fase marcada pela busca ao sujeito perdido, como em um esquecimento do acontecimento da morte. A desorganização e o desespero constituem uma fase caracterizada pela resposta emocional e comportamental de desorganização frente ao novo cenário, e a recuperação é marcada como fase de reconstrução de novos sentidos e adaptação ao novo cenário. Idas e vindas entre as fases são possíveis.

O luto é para toda a vida. Não esperemos resolução rápida. Mas o que nos importa nesse momento histórico é o risco de impacto no processo habitual do luto. Há uma série de dificuldades em estabelecer o luto como patologia. Usaremos aqui como base o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). O DSM é uma ferramenta de diagnóstico a transtornos mentais para profissionais da saúde. Seu objetivo é homogeneizar o entendimento mundial desses quadros e aumentar a eficácia em diagnósticos. Hoje, em sua quinta edição, conta com uma discussão do que poderíamos começar a entender como um processo de luto problemático. Como luto habitual, as fases de Parkes nos fazem entender a passagem do momento da dor extrema à resignificação da perda. Como luto prolongado ou problemático, temos a possibilidade de estacionamento na dor extrema.

O reconhecimento do luto prolongado não apresenta pontos óbvios. Apresenta uma diretriz em termos de tempo de duração do sofrimento exacerbado e impactos funcionais: um ano. Após um ano da perda, a manutenção em fases primárias do luto pode indicar, portanto, a presença do luto prolongado.

E na ausência da normalidade? É preciso pensar alternativas. Alternativas de despedidas frente à morte. Alternativas de acolhimento social dos sujeitos enlutados. Alternativas de amparo à população em geral, que pode, ainda, viver o fenômeno do luto antecipatório, quando, na sensação de risco iminente, vivemos a possibilidade de perdas a todo tempo. A morte, como fenômeno, traz consigo a presença de dor. Mas dor se substitui por elaboração e resignificação.

Quando contamos nossas perdas, como sociedade, precisamos contar também a magnitude de sujeitos que necessitam de suporte para vivência de suas perdas. Quando contamos nossos mortos aos milhares, precisamos contar também a necessidade de sensibilidade frente ao momento. Reconhecer o impacto das mudanças advindas da pandemia no luto precisa nos mover para preparação de um sistema de saúde que suporte esta demanda. Construção de espaços de escuta e acolhimento. Preparação de profissionais da saúde para atenção a essa demanda singular e desenvolvimento de estratégias de minimização da separação física momentânea.

É preciso nos importar.

“Quando contamos nossas perdas, como sociedade, precisamos contar também a magnitude de sujeitos que necessitam de suporte para vivência de suas perdas”



\*Psicóloga e mestre em Neurociências  
Professora do Curso de Pós-graduação em Psicologia:  
Terapia Cognitivo-Comportamental



ESPAÇO DO JORNAL MARCO

## EXCESSO DE TELAS

Uso demasiado de eletrônicos por crianças gera problemas e preocupa os especialistas | **Dara Russo e Deborah Dietrich**

“Isso é bad baby, você não vai ver!”. A frase assertiva vem seguida por um celular arrancado das pequenas mãos de Theo por sua irmã mais velha, Maria Luíza Oliveira. Os irmãos, de quatro e seis anos, são apaixonados por tecnologia e têm o costume de assistir a vídeos e desenhos pelo celular através da plataforma YouTube. A expressão, ensinada pela mãe para indicar conteúdos impróprios, pegou e, quando um deles está com algo do tipo na tela, o outro o incentiva a trocar. Esta tem sido a rotina da família durante o período da pandemia. Como seus pais trabalham de oito a nove horas por dia, em dias alternados, Malu e Theo têm passado o tempo “acompanhados” por youtubers infantis populares.

Por sua vez, o advogado Paulo Catarina, pai de José, de 11 anos, recomenda que o filho não use os

eletrônicos como uma forma de descanso, limitando o tempo dele de lazer em frente às telas para menos de duas horas por semana. Porém, com o ensino remoto, o contato do menino com eletrônicos aumentou para até oito horas por dia. “De vez em quando ele até ‘viaja’, entra em sites e hobbies, mas tentamos limitar esse acesso para ficar só no eletrônico para ver a aula, já que desfoca muito”, explica.

Um estudo realizado pela companhia de tecnologia infantil SuperAwesome demonstrou que, nos Estados Unidos, devido à pandemia da Covid-19, 50% do tempo das crianças agora são gastos em frente às telas, para o desenvolvimento das atividades escolares ou como forma de entretenimento e interação social.

A neuropediatra e membro da Sociedade de Pe-

diatria do Estado do Rio de Janeiro (Soperj) Luciane Baratelli explica que o uso excessivo de eletrônicos pode gerar graves consequências para o desenvolvimento infantil, uma vez que o cérebro da criança não consegue processar adequadamente o excesso de estímulos provocados pelos aparelhos. A especialista atesta que mesmo os conteúdos didáticos não são 100% educativos, pois uma criança pequena apenas absorve o conteúdo propagado pelos aparelhos sem saber processá-lo, já que ainda não tem uma base de linguagem formada. “No máximo a criança decora as palavras”, diz Luciane.

Todo esse processo de distanciamento social e uso excessivo de telas tem causado dificuldades para o aprendizado de algumas crianças. Maria Luíza assiste às aulas todos os dias à tarde, mas não se ajustou ao novo regime. A família até tentou organizar um planejamento que retomasse a antiga rotina dentro de casa, como vestir o uniforme antes das aulas remotas. “Para eles, casa é casa e escola é escola”, explica a mãe Cristiane Oliveira, biomédica. Frente às dificuldades que a filha enfrentava nas aulas online, os pais a matricularam em uma oficina de alfabetização para que ela tivesse mais apoio ao aprender a ler e escrever a distância. Para Theo, de três anos, a solução encontrada foi o cancelamento da matrícula escolar.



Raphael Calixto

“A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o vício em games como distúrbio mental”

**Grazi Ribeiro, psicóloga infantil**

## Consequências negativas do fácil acesso à internet

O fácil acesso à internet também pode desencadear características impulsivas, já que a instantaneidade de informações não permite que a criança desenvolva sua paciência. Além disso, o aumento dos casos de miopia, o risco de atrasos na fala e o prejuízo na atenção são fatores potencializados pelo excesso de telas. Cristiane, a mãe de Malu e Theo, já identificou alguns desses sintomas nos filhos. “Eles reproduzem muitas coisas dos vídeos que não são boas para as crianças, e eu tento mostrar para eles que isso é ruim”. Ela admite que é ainda mais difícil ocupar o tempo das crianças em casa enquanto os pais trabalham e confessa saber que tem de mudar, mas as tecnologias são uma ajuda inevitável. “Eu chamo minha filha para brincar e ela quer ficar no celular, isso é ruim, aí eu a obrigo a brincar e não deveria ser assim”.

A psicóloga infantil Grazi Ribeiro reforça que o uso excessivo da tecnologia pode impactar também a saúde mental da criança. A utilização com-

pulsiva dos aparelhos pode levar à solidão e ao isolamento social, além de agravar a ansiedade. “A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o vício em games como distúrbio mental”, explica. Grazi acrescenta que o padrão de comportamento em casos de uso desmedido de tecnologias envolve a ansiedade, a impaciência e a dificuldade para dormir.

Como alternativa, a psicóloga recomenda aos pais proporcionarem o contato das crianças com a natureza e incentivarem brincadeiras ao ar livre. Essas atividades auxiliam na construção da autoconfiança, calma, concentração e na redução dos sintomas do transtorno do déficit de atenção e de hiperatividade. Para Luciane, os pais devem conversar com os filhos, impondo regras e controlando o tempo de uso dos eletrônicos. Com relação ao conteúdo, a médica indica aplicativos de controle parental e plataformas de streaming fechadas, que são mais seguras e apropriadas, já que não permitem o upload de vídeos caseiros.

Página sob responsabilidade da professora Ana Maria Rodrigues de Oliveira, editora do Jornal Marco, publicação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes

# O PIONEIRISMO DA ESCOLA SUPERIOR DE CINEMA



Em meados do século passado, o cineclubismo tornava-se uma realidade também no Brasil. A arte cinematográfica, nos seus mais diversos aspectos, passava a ser debatida e a merecer crítica especializada nos jornais e revistas. Belo Horizonte foi uma das cidades nas quais o movimento mais se disseminou. Basta dizer que, no final dos anos 1950, criou-se uma federação estadual de cineclubes congregando 18 entidades.

Em grande parte, essas atividades se desenvolviam no interior de colégios católicos e em paróquias. Assim, em 1961, simultaneamente aos cursos de iniciação existentes é criada uma escola de cinema, ao abrigo da então Universidade Católica de Minas Gerais.

Iniciativa pioneira no país, o curso teria carga horária de 220 aulas e duração de um ano. Seus objetivos eram formar técnicos de cinema, preparar os alunos para a realização de filmes e fornecer “subsídios para aqueles que queiram se dedicar à crítica, ao ensino do cinema, pesquisadores, ou aos que pretendem, apenas, uma cultura cinematográfica organizada”, conforme afirmava, em entrevista ao *O Diário* o padre jesuíta Edeimar Massote, nomeado diretor da Escola e sua *alma mater*.

O sucesso do empreendimento fez com que, no ano seguinte, a duração do curso fosse ampliada para quatro anos e com estrutura curricular própria de uma Escola Superior de Cinema, denominação que adquiriu.

Ao longo dos anos, os propósitos da Escola foram sendo cumpridos, quer no ensino, quer na formação de críticos especializados, produção filmica. Tudo isso, no entanto, em paralelo a periódicas crises institucionais geradas, principalmente, pela centralização administrativa e pela falta de reconhecimento pelo Ministério da Educação dos cursos por ela ministrados.

Nessas circunstâncias, em 1969, a Reitoria da UCMG resolveu implantar uma Faculdade de Comunicação, tendo a Escola como sua estrutura básica e inauguração em março do ano seguinte.

Em janeiro de 1971, o Conselho Federal de Educação aprovou a emenda estatutária apresentada pela Universidade. Em decorrência, a Escola Superior de Cinema deu lugar à Faculdade de Comunicação, que, em maio de 2001 se transformou na atual Faculdade de Comunicação e Artes.



# PUC MINAS EM NÚMEROS

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

## Comunidade Acadêmica

Cursos	Nº de cursos <sup>(1)</sup>	Alunos matriculados		
		Feminino	Masculino	Total
Graduação	Bacharelado			
	Licenciatura	21.438	19.627	41.065
	Tecnólogo			
Programa de Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i>	29	724	702	1.426
Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	654	14.242	15.975	30.217
Aperfeiçoamento, Atualização e Capacitação	49	1.596	1.232	2.828
<b>Total geral de alunos</b>		<b>38.000</b>	<b>37.536</b>	<b>75.536</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre/2020.

(1) Para a Pós-graduação *Lato Sensu*, Aperfeiçoamento, Atualização e Capacitação, considerou-se o número de ofertas.

## Graduação

Campus / Unidade Educacional	Nº de cursos por formação <sup>(1)</sup>			Nº de alunos matriculados, por sexo			Nº de concluintes	Nº de matrículas em disciplinas a distância
	BA	LC	TC	Feminino	Masculino	Total		
<b>Campus de Belo Horizonte</b>								
Campus Coração Eucarístico	38	11	—	8.901	8.987	17.888	1.212	4.641
Unidade Educacional Barreiro	7	—	—	1.512	1.194	2.706	246	909
Unidade Educacional Praça da Liberdade	12	—	1	2.770	2.564	5.334	213	1.740
Unidade Educacional São Gabriel	11	—	1	1.980	2.068	4.048	266	1.067
<b>Campus de Betim</b>	10	—	—	2.311	1.268	3.579	316	727
<b>Campus de Contagem</b>	7	—	—	941	1.221	2.162	206	636
<b>Campus de Arcos</b>	2	—	—	243	171	414	29	136
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	14	—	—	2.465	1.869	4.334	322	802
<b>Campus de Serro</b>	1	—	—	243	140	383	36	113
<b>Campus de Uberlândia</b>	3	—	—	72	145	217	7	5
<b>Total</b>	<b>105</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>21.438</b>	<b>19.627</b>	<b>41.065</b>	<b>2.853</b>	<b>10.776</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre/2020.

BA – Bacharelado, LC – Licenciatura, TC – Tecnólogo. (1) Inclui os cursos de graduação nas modalidades presencial e a distância.

## Pesquisa

### Projetos de pesquisa, em andamento, com participação do corpo docente, por entidade de fomento

Entidade de fomento	Projetos de Pesquisa			
	Remunerados	Voluntários	Total	
Fapemig	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais	56	—	56
	PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica	—	150	150
PUC Minas	FIP – Fundo de Incentivo à Pesquisa	88	—	88
<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>150</b>	<b>294</b>	

### Iniciação científica, em andamento, para o corpo discente, por entidade de fomento

Entidade de fomento	Iniciação Científica			
	Bolsistas	Voluntários	Total	
Fapemig	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais	25	—	25
	PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica	—	191	191
CNPq	PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica	56	9	65
	PIBITI – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação	10	3	13
PUC Minas	FIP – Fundo de Incentivo à Pesquisa	87	24	111
<b>Total</b>	<b>178</b>	<b>227</b>	<b>405</b>	

Fonte: PROPPG – dados do 1º semestre de 2020.

## Bolsas de estudos de graduação e pós-graduação

Campus / Núcleo de Educação / Unidade Educacional	Nº de alunos beneficiados								
	Graduação				Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>		Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> <sup>(4)</sup>		Total geral
Bolsas p/ Alunos carentes <sup>(1)</sup>	Bolsas ProUni	Outras bolsas <sup>(2)</sup>	Bolsas Projeto de Extensão	Total	Bolsas concedidas <sup>(3)</sup>	Desconto p/ ex-aluno			
<b>Campus de Belo Horizonte</b>									
PUC Minas Virtual	5	70	440	—	515	778	1.571	—	2.864
IEC PUC Minas	—	—	—	—	—	994	2.313	—	3.307
Campus Coração Eucarístico	515	4.455	3.554	108	8.632	48	274	841	9.795
UE Barreiro	21	973	995	—	1.989	17	89	—	2.095
UE Praça da Liberdade	24	1.079	1.141	16	2.260	1	—	—	2.261
UE São Gabriel	43	1.384	1.256	21	2.704	4	49	60	2.817
<b>Campus de Betim</b>	27	1.144	982	26	2.179	16	63	—	2.258
<b>Campus de Contagem</b>	32	783	674	9	1.498	29	90	—	1.617
<b>Campus de Arcos</b>	5	126	140	2	273	1	13	—	287
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	31	1.369	804	16	2.220	45	321	—	2.586
<b>Campus de Serro</b>	11	79	91	2	183	—	—	—	183
<b>Campus de Uberlândia</b>	1	53	165	—	219	20	24	—	263
<b>Total</b>	<b>715</b>	<b>11.515</b>	<b>10.242</b>	<b>200</b>	<b>22.672</b>	<b>1.953</b>	<b>4.807</b>	<b>901</b>	<b>30.333</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre de 2020.

(1) Bolsas: SECAC/DAC, Seminário, Institucional e Reitoria Assistencial, Contrapartida Medicina, FCU/PUB (Diretoria); (2) Bolsas: PUC Minas (35 anos, Agente Pastoral, Auxílio Uberlândia, Consentimento, Auxílio Transporte, Reitoria, Convênio Cultural, Desteque Acadêmico, Grupo Familiar, Transferência, Obtenção de novo Título (ex-aluno Graduação PUC Minas), Sênior, Sindicatos e Acordo Coletivo (ADPUC, SAAE, SINPRO, SINAIE/JF, SAAEFUCU), Ministério Público, Convênios, Colégio Santa Maria Minas, Parceiros na Educação e Bolsa Social; (3) Bolsas concedidas por: Sindicatos e Acordo Coletivo (ADPUC, SAAE, SINPRO, SINAIE/JF), PUC Minas (Aperfeiçoamento Profissional, Especial para funcionários, Reitoria), Convênios, Colégio Santa Maria Minas, Parceiros na Educação, Contrapartida Pós-graduação e Bolsa Enade, Aprimoramento Profissional; (4) Bolsas concedidas por: PUC Minas (Assistencial Stricto Sensu, Auxílio Pós-graduação, Reitoria e Stricto no Exterior), CAPES, CNPq, Convênio Cultural, Convênios, Diferença Agências de Fomento, Empresas, Sindicatos e Acordo Coletivo (ADPUC, SAAE, SINPRO) e Bolsa Parceiros na Pesquisa. Obs.: O aluno com mais de um tipo de bolsa é considerado mais de uma vez.

## Pós-graduação *Stricto Sensu*

Instituto / Faculdade	Programas	Nº de cursos	Tipo de curso	Conceito Capes <sup>(1)</sup>	Nº de matrículas, por sexo			Nº de matrículas em disciplinas isoladas
					Fem.	Masc.	Total	
FAPSI – Faculdade de Psicologia	Psicologia	2	Mestrado	5	28	18	46	6
			Doutorado	5	31	15	46	1
FCA – Faculdade de Comunicação e Artes	Comunicação Social: Interações Mediatizadas	1	Mestrado	3	16	7	23	2
FMD – Faculdade Mineira de Direito	Direito	2	Mestrado	5	99	78	177	55
			Doutorado	5	70	94	164	14
ICBS – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	Odontologia	3	Mestrado Profissional	5	6	7	13	—
			Mestrado	4	35	19	54	5
			Doutorado	4	16	7	23	—
ICEG – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais	Administração	2	Mestrado	4	17	15	32	—
			Doutorado	5	29	27	56	12
ICEI – Instituto de Ciências Exatas e Informática	Informática	2	Mestrado	5	29	32	61	2
			Doutorado	4	8	30	38	1
ICH – Instituto de Ciências Humanas	Educação	2	Mestrado	4	6	14	20	—
			Doutorado	4	19	8	27	2
	Ensino: Ciências e Matemática	1	Mestrado	4	29	28	57	5
			Mestrado Profissional	5	25	34	59	—
	Geografia: Tratamento da Informação Espacial	2	Mestrado	5	23	16	39	—
Doutorado			5	16	24	40	—	
Letras	2	Mestrado	5	37	14	51	1	
		Doutorado	5	57	22	79	2	
ICS – Instituto de Ciências Sociais	Ciências Sociais	2	Mestrado	5	28	17	45	4
			Doutorado	5	18	20	38	4
	Relações Internacionais: Política Internacional	2	Mestrado	5	22	10	32	5
			Doutorado	5	8	17	25	3
IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa	Ciências da Religião	2	Mestrado	4	16	25	41	11
			Doutorado	4	12	29	41	3
IPUC – Instituto Politécnico	Engenharia Elétrica	1	Mestrado	3	9	22	31	3
			Doutorado	4	9	28	37	11
	Engenharia Mecânica	2	Mestrado	4	6	25	31	7
			Doutorado	4	6	25	31	7
<b>Total</b>		<b>29</b>			<b>724</b>	<b>702</b>	<b>1.426</b>	<b>159</b>

Número de Programas de Pós-graduação 16

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de maio/2020.

(1) Capes – Avaliação Quadrienal 2017 (Período de referência: 2013-2016). Obs.: O PPG em Geografia desenvolve Projeto DINTER (Doutorado Interinstitucional), com o Centro Universitário de Caratinga – UNEC. O PPG em Direito desenvolve Projeto DINTER (Doutorado Interinstitucional) com a Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO. O PPG em Letras desenvolve Projeto DINTER (Doutorado Interinstitucional) com o Centro Universitário CESMAC, em Maceió.

Programas de Pós-graduação, por tipo de curso	Número de cursos	Número de alunos	Programa de Pós-graduação - Bolsas de estudo para o corpo discente		
			Entidade de fomento	Número de Bolsas de Estudo	
				Doutorado	Mestrado
Mestrado Profissional	2	72			
Mestrado	15	729			
Doutorado	12	625			
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>1.426</b>			
			<b>CAPEs – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior<sup>(1)</sup></b>	171	161
			<b>Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais</b>	28	37
			<b>CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico</b>	2	19
			<b>PUC Minas – Bolsa Institucional</b>	36	138
			<b>Empresas e sindicatos</b>	146	67
			<b>Total</b>	<b>383</b>	<b>422</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de maio/2020.

Fonte: PROPPG – dados do 1º semestre de 2020.

(1) CAPES/PROSUP – Programa de Suporte à Pós-graduação de Instituições de Ensino Particular (Concessão de Bolsas de estudo e de taxa escolar).

## Pós-graduação *Lato Sensu*

Instituto / Faculdade	Nº de cursos	Nº de ofertas	Nº de matrículas, por modalidade de curso		Total geral de matrículas		
			A distância	Presencial	Fem.	Masc.	Total
FAPSI – Faculdade de Psicologia	20	33	—	570	492	78	570
FCA – Faculdade de Comunicação e Artes	11	18	584	182	489	277	766
FMD – Faculdade Mineira de Direito	51	110	9.310	1.097	5.736	4.671	10.407
ICBS – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	48	86	386	766	960	192	1.152
ICEG – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais	110	199	3.304	2.551	3.078	2.777	5.855
ICEI – Instituto de Ciências Exatas e Informática	28	52	5.011	572	1.016	4.567	5.583
ICH – Instituto de Ciências Humanas	19	29	1.001	349	896	454	1.350
ICS – Instituto de Ciências Sociais	8	11	—	161	112	49	161
IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa	4	5	—	97	66	31	97
IPUC – Instituto Politécnico	63	111	2.516	1.760	1.397	2.879	4.276
<b>Total</b>	<b>362</b>	<b>654</b>	<b>22.112</b>	<b>8.105</b>	<b>14.242</b>	<b>15.975</b>	<b>30.217</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre de 2020.

## Cursos de Aperfeiçoamento, Atualização e Capacitação

Instituto / Faculdade	Nº de cursos	Nº de ofertas	Nº de matrículas por modalidade		Total geral de matrículas		
			A distância	Presencial	Feminino	Masculino	Total
FAPSI – Faculdade de Psicologia	1	1	184	—	128	56	184
FCA – Faculdade de Comunicação e Artes	4	6	204	65	156	113	269
FMD – Faculdade Mineira de Direito	4	4	167	—	109	58	167
ICBS – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	8	9	20	78	77	21	98
ICEG – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais	8	8	1.200	—	595	605	1.200
ICEI – Instituto de Ciências Exatas e Informática	3	3	444	—	220	224	444
ICH – Instituto de Ciências Humanas	5	5	167	—	131	36	167
ICS – Instituto de Ciências Sociais	—	—	—	—	—	—	—
IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa	8	12	47	243	176	114	290
IPUC – Instituto Politécnico	1	1	9	—	4	5	9
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>49</b>	<b>2.442</b>	<b>386</b>	<b>1.596</b>	<b>1.232</b>	<b>2.828</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre de 2020.

## Ações Extensionistas

Campus / Unidade Educacional	Projetos de Extensão						Práticas Curriculares de Extensão <sup>(1)</sup>		Eventos	Nº de cursos ofertados
	Nº de Projetos	Equipe envolvida		Beneficiados			Professores	Alunos		
		Professores e Técnicos	Alunos extensionistas (bolsistas e não bolsistas)	Diretos	Indiretos	Total				
<b>Campus de Belo Horizonte</b>										
Campus Coração Eucarístico <sup>(2)</sup>	18	32	130	3.012	6.289	9.301	85	3.010	25	29
UE Barreiro	2	4	23	185	2.680	2.865	8	326	1	—
UE Praça da Liberdade	3	6	29	2.443	503	2.946	27	845	32	1
UE São Gabriel	5	7	23	394	1.175	1.569	12	405	7	2
<b>Campus de Betim</b>	6	9	79	1.224	1.892	3.116	20	649	9	—
<b>Campus de Contagem</b>	2	2	18	1.524	1.624	3.148	46	398	7	1
<b>Campus de Arcos</b>	1	1	2	30	90	120	2	80	2	—
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	3	10	36	402	6.350	6.752	41	427	18	2
<b>Campus de Serro</b>	2	2	12	393	1.700	2.093	1	50	3	—
<b>Campus de Uberlândia</b>	—	—	—	—	—	—	2	23	1	—
Multicampi	5	26	36	162	201	363	—	—	—	—
<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>99</b>	<b>388</b>	<b>9.769</b>	<b>22.504</b>	<b>32.273</b>	<b>244</b>	<b>6.213</b>	<b>105</b>	<b>35</b>

Fonte: PROEX – dados do 1º semestre de 2020.

(1) Práticas Curriculares de Extensão são atividades acadêmicas desenvolvidas em vinculação com os componentes curriculares do curso, prevendo a articulação da comunidade acadêmica com setores externos. (2) No Campus Coração Eucarístico estão incluídas as Práticas Curriculares na modalidade Virtual, estando envolvidos 7 professores e 891 alunos; e 10 cursos de extensão realizados na modalidade EAD.

Obs.: a) Estão registradas aqui as ações de extensão, realizadas presencialmente, antes da vigência do semestre letivo remoto, e as que foram adaptadas para funcionarem remotamente/a distância, após a sua vigência; b) O número de professores e alunos aqui registrado foi apurado tomando-se por base os projetos ou práticas curriculares de extensão em que atuam. Assim sendo, um mesmo professor e/ou aluno, que atua em mais de um projeto, ou está vinculado a mais de uma disciplina com prática curricular de extensão, foi computado mais de uma vez.

## Serviços à comunidade

Campus / Unidade Educacional	SAJ – Serviço de Assistência Judiciária			
	Ações novas ajuizadas no 1º sem/2020	Ações ativas no 1º sem/2020		
		Em andamento	Concluídas	Total
<b>Campus de Belo Horizonte</b>				
Campus Coração Eucarístico <sup>(1)</sup>	41	1.413	112	1.525
Unidade Educacional Barreiro	35	1.042	77	1.119
Unidade Educacional Praça da Liberdade	54	828	100	928
Unidade Educacional São Gabriel	87	987	580	1.567
<b>Campus de Betim</b>	60	1.042	221	1.263
<b>Campus de Contagem</b>	25	849	126	975
<b>Campus de Arcos</b>	9	376	8	384
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	65	1.843	8	1.851
<b>Campus de Serro</b>	2	405	2	407
<b>Total</b>	<b>378</b>	<b>8.785</b>	<b>1.234</b>	<b>10.019</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre de 2020.

(1) Inclui atendimentos do Núcleo de Extensão/PROEX.

Campus / Unidade Educacional	Clínicas de Graduação e de Pós-graduação – Número de atendimentos realizados					
	Fisioterapia	Fonoaudiologia	Nutrição	Odontologia	Psicologia	Centro Veterinário <sup>(1)</sup>
<b>Campus de Belo Horizonte</b>						
Campus Coração Eucarístico	1.565	433	—	3.990	533	—
Unidade Educacional Barreiro	—	—	66	—	—	—
Unidade Educacional Praça da Liberdade	—	—	—	—	—	1.003
Unidade Educacional São Gabriel	—	—	—	—	240	—
<b>Campus de Betim</b>	127	—	—	—	126	3.599
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	941	—	—	—	14	841
<b>Total</b>	<b>2.633</b>	<b>433</b>	<b>66</b>	<b>3.990</b>	<b>913</b>	<b>5.443</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre de 2020. (devido à Pandemia, só houve atendimento até o dia 20/3/2020)

(1) O atendimento veterinário inclui Ambulatório Clínico, Bloco Cirúrgico, Patologia Clínica, Diagnóstico de Imagem e Laboratório de Nutrição.

Campus / Unidade Educacional	NAI (Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais)				
	Número de alunos assistidos, por tipo de deficiência				
	Auditiva	Física	TEAC <sup>(1)</sup>	Visual	Total
<b>Campus de Belo Horizonte</b>					
Campus Coração Eucarístico <sup>(2)</sup>	18	41	121	24	204
Unidade Educacional Barreiro	2	6	5	2	15
Unidade Educacional Praça da Liberdade	6	9	46	5	66
Unidade Educacional São Gabriel	3	13	14	9	39
<b>Campus de Betim</b>	4	9	26	6	45
<b>Campus de Contagem</b>	2	4	5	3	14
<b>Campus de Arcos</b>	—	1	—	—	1
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	2	13	30	8	53
<b>Campus de Serro</b>	—	1	—	1	2
<b>Campus de Uberlândia</b>	2	—	—	—	2
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>97</b>	<b>247</b>	<b>58</b>	<b>441</b>

Fonte: SECAC – Secretaria de Cultura e Assuntos Comunitários/NAI – dados do 1º semestre de 2020.

(1) TEAC – Transtornos Específicos da Aprendizagem e Comunicação. (2) Inclui cursos de Graduação e Pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu.

## Corpo docente

Titulação	Corpo Docente do Quadro Permanente		
	Feminino	Masculino	Total
Especialista	27	50	77
Mestre	294	445	739
Doutor	332	407	739
<b>Total</b>	<b>653</b>	<b>902</b>	<b>1.555</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de maio/2020.

## Corpo técnico-administrativo

Campus / Unidade Educacional	Corpo técnico-administrativo, por sexo		
	Feminino	Masculino	Total
<b>Campus de Belo Horizonte</b>			
Campus Coração Eucarístico	775	685	1.460
UE Barreiro	70	61	131
UE Praça da Liberdade	68	49	117
UE São Gabriel	96	92	188
<b>Campus de Betim</b> <sup>(1)</sup>	<b>165</b>	<b>120</b>	<b>285</b>
<b>Campus de Contagem</b>	<b>78</b>	<b>94</b>	<b>172</b>
<b>Campus de Arcos</b>	<b>13</b>	<b>7</b>	<b>20</b>
<b>Campus de Poços de Caldas</b> <sup>(1)</sup>	<b>103</b>	<b>120</b>	<b>223</b>
<b>Campus de Serro</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>17</b>
<b>Campus de Uberlândia</b>	<b>16</b>	<b>9</b>	<b>25</b>
<b>Total</b>	<b>1.392</b>	<b>1.246</b>	<b>2.638</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de maio/2020.

(1) Inclui o Centro Veterinário e a Fazenda Universitária.

## Museu de Ciências Naturais

Acervo / Coleções	Condições do Acervo	
	Tombados	Em preparação
<b>Fósseis</b>		
Paleontologia	62.000	7.200
<b>Neontológicas</b>		
<b>Zoologia – Vertebrados</b>		
Herpetologia – Anfíbios	21.131	100
Herpetologia – Répteis	6.413	100
Ornitologia	6.141	250
Ictiologia (lotes) <sup>(1)</sup>	4.834	1.400
Mastozoologia	4.972	700
<b>Zoologia – Invertebrados</b>		
Invertebrados	26.668	7.869
Moluscos (lotes)	480	17
<b>Botânicas</b> <sup>(2)</sup>		
Briófitas	786	400
Pteridófitas	288	60
Fanerógramas	5.708	1.000
Coleção Carpológica	447	400
Líquens	365	20
Xiloteca	44	20

Fonte: SECAC – Museu de Ciências Naturais PUC Minas – dados do 1º semestre de 2020.

(1) Foi levado em conta o número de espécimes, com exceção de peixes, onde se consideram os lotes. (2) Em reorganização.

Público visitante	Nº de visitas	
	Particular	Pública
Escola (alunos)		423
Visitas isentas: público menor de 5 anos e maior de 60; alunos, funcionários e convidados da PUC Minas; alunos das Escolas do Sistema Arquidiocesano.		1.783
Professor acompanhante		4
Visitantes individuais, eventos, auditório e Concertos		9.464
<b>Total</b>		<b>12.121</b>

Fonte: SECAC – Museu de Ciências Naturais PUC Minas – dados do 1º semestre de 2020.

## Biblioteca

Campus / Unidade Educacional	Área física (m²)	Acervo (exemplares)				Total
		Livros	Materiais especiais <sup>(1)</sup>	Periódicos		
				Nacionais	Estrangeiros	
<b>Campus de Belo Horizonte</b>						
Campus Coração Eucarístico	9.578	414.330	14.760	3.984	1.461	434.535
Unidade Educacional Barreiro	850	45.921	724	470	12	47.127
Unidade Educacional Praça da Liberdade	1.295	38.108	906	178	13	39.205
Unidade Educacional São Gabriel	2.050	77.484	2.004	833	42	80.363
<b>Campus de Betim</b>	<b>1.596</b>	<b>79.237</b>	<b>1.825</b>	<b>797</b>	<b>70</b>	<b>81.929</b>
<b>Campus de Contagem</b>	<b>1.080</b>	<b>58.817</b>	<b>1.442</b>	<b>530</b>	<b>31</b>	<b>60.820</b>
<b>Campus de Arcos</b>	<b>455</b>	<b>32.107</b>	<b>965</b>	<b>777</b>	<b>59</b>	<b>33.908</b>
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	<b>1.850</b>	<b>88.777</b>	<b>2.299</b>	<b>1.458</b>	<b>204</b>	<b>92.738</b>
<b>Campus de Serro</b>	<b>343</b>	<b>16.812</b>	<b>236</b>	<b>441</b>	<b>14</b>	<b>17.503</b>
<b>Campus de Uberlândia</b>	<b>133</b>	<b>9.638</b>	<b>8</b>	<b>56</b>	<b>13</b>	<b>9.715</b>
<b>Total</b>	<b>19.230</b>	<b>861.231</b>	<b>25.169</b>	<b>9.524</b>	<b>1.919</b>	<b>897.843</b>

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 1º semestre de 2020.

(1) Fitras cassetes, disquetes, mapas, slides, vídeos, CD-Rom, normas técnicas, audiolivros, plantas arquitetônicas, globos, filmes de rolo, discos, jogos, fotografias, DVDs, transparências, programas de rádio e TV e partituras.

## Espaço físico

Campus / Unidade Educacional	Área em m²						
	Edificações		Terreno				Total
	Nº de prédios	Área construída	Área ocupada <sup>(1)</sup>	Jardinagem, e área verde <sup>(2)</sup>	Centro esportivo <sup>(3)</sup>	Outras áreas <sup>(4)</sup>	
<b>Campus de Belo Horizonte</b>							
Campus Coração Eucarístico	93	93.741	44.191	133.590	48.060	95.152	320.993
Campus Coração Eucarístico – outras áreas <sup>(5)</sup>	9	4.612	4.061	3.242	—	9.910	17.213
Unidade Educacional Barreiro	9	22.084	4.298	9.980	—	21.709	35.987
Unidade Educacional Praça da Liberdade <sup>(6)</sup>	8	46.196	5.419	92	—	1.434	6.945
Unidade Educacional São Gabriel	24	30.566	19.406	13.318	—	42.015	74.739
<b>Campus de Betim</b>	<b>14</b>	<b>22.643</b>	<b>11.479</b>	<b>8.510</b>	<b>1.918</b>	<b>41.538</b>	<b>63.445</b>
Fazenda Experimental (Campus de Betim)	25	17.604	17.604	—	—	3.112.396	3.130.000
Centro Veterinário (Campus de Betim)	15	2.857	2.857	1.846	—	297	5.000
<b>Campus de Contagem</b>	<b>28</b>	<b>19.316</b>	<b>13.424</b>	<b>28.345</b>	<b>4.409</b>	<b>28.700</b>	<b>74.878</b>
<b>Campus de Arcos</b>	<b>4</b>	<b>8.801</b>	<b>4.628</b>	<b>22.596</b>	<b>—</b>	<b>8.060</b>	<b>35.284</b>
<b>Campus de Poços de Caldas</b>	<b>13</b>	<b>23.938</b>	<b>17.291</b>	<b>172.499</b>	<b>531</b>	<b>67.069</b>	<b>257.390</b>
Fazenda Experimental (Campus de Poços de Caldas)	3	389	389	—	—	643.331	643.720
Centro Veterinário (Campus de Poços de Caldas)	5	2.766	2.766	11.853	—	3.504	18.123
<b>Campus de Serro</b> <sup>(7)</sup>	<b>3</b>	<b>4.851</b>	<b>2.593</b>	<b>4.117</b>	<b>1.137</b>	<b>3.190</b>	<b>11.037</b>
<b>Campus de Uberlândia</b> <sup>(8)</sup>	<b>1</b>	<b>2.993</b>	<b>748</b>	<b>3.103</b>	<b>—</b>	<b>2.179</b>	<b>6.030</b>
<b>Total</b>	<b>254</b>	<b>303.356</b>	<b>151.155</b>	<b>413.090</b>	<b>56.055</b>	<b>4.080.483</b>	<b>4.700.783</b>

Fonte: PROINFRA – dados do 1º semestre de 2020.

(1) Área ocupada com edificações (área de projeção). (2) Área com cuidados de jardinagem e manutenção (jardins, gramados e bosques), área de mata nativa, reforestada ou taludes. (3) Área ocupada com quadra, campo, ginásio e piscina, incluindo áreas adjacentes. (4) Estacionamento, vias de acesso, áreas a construir. (5) Considerou-se também como áreas do Campus Coração Eucarístico: Ed. Redentoristas, Seminário Av. 31 de Março (Núcleo de Educação a Distância), Seminário Emaús (prédio 54), Ed. na Avenida Francisco Sales (Gerência de Tecnologia da Informação), parte do terreno da Inspetoria São João Bosco, situado na Av. 31 de Março e Ed. situados à Rua Dom José Pereira Lara, 399 (SAJ - Serviço de Assistência Judiciária), Rua Dom Pedro Evangelista, 377 (CPA - Comissão Permanente de Avaliação), Rua Dom Lúcio Antunes, 256 (Editora PUC Minas); e a área situada em Sete Lagoas. (6) Considerou-se também como áreas da Unidade Educacional Praça da Liberdade: Edifício Dom Cabral (Av. Brasil, 2023), Edifício Liberdade (Rua Cláudio Manuel, 1149), Edifício Fernanda (Rua Cláudio Manuel, 1162), Edifício PIC (Rua Cláudio Manoel, 1185), Edifício Cláudio Manoel (Rua Cláudio Manoel, 1205), Edifício Soeiro (Rua Inconfidentes, 920), Edifício José Resende (Rua Santa Rita Durão, 1150), e Edifício (Rua Sergipe, 837). (7) Área utilizada em parceria com o Colégio Nossa Senhora da Conceição; (8) Situado à Rua Varginha, 149, Bairro Daniel Fonseca.

Elaboração: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da PUC Minas

# VAMOS PRESERVAR O **SANTUÁRIO BASÍLICA NOSSA SENHORA DA PIEDADE**

O Santuário da padroeira de todos os mineiros oferece o ar puro das montanhas e abriga uma fauna exuberante.

[santuarionsdapiedade.org.br](http://santuarionsdapiedade.org.br)

CONTATO: 31 3319-6111 | 31 3651-6335



**Família dos Devotos  
de Nossa Senhora  
da Piedade**



**SANTUÁRIO  
BASÍLICA  
NOSSA SENHORA DA  
PIEDADE**  
PADROEIRA DE MINAS



**PÓS PUC MINAS**

**Um novo momento  
exige mais de você**

**CURSOS PRESENCIAIS  
e ONLINE (com aulas ao vivo)**

Financie sua  
**PÓS** em até **48x**  
consulte condições

Inscrições pelo  
**[pucminas.br/pos](http://pucminas.br/pos)**

Descontos especiais para ex-alunos  
da Graduação e Pós-graduação da PUC Minas



**PUC Minas**  
Conhecimento que transforma.